

Diário de Lisboa

DIRECTOR — A. RUELLA RAMOS

TELEFOS.: 320271 a 320273, 321154, e 321155
END. TEL. DIBOA-TELEX 1363REDAÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOAADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º
PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRAFICAEDITOR — J. CHRISÓSTOMO DE SA
NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

EPIDEMIA DE PESTE NO VIETNAM DO SUL

SAIGÃO, 26 — (R.) — Eleva-se hoje a 11 o número de mortos devido a um surto de peste bubónica no Vietnam

do Sul e o Governo bloqueou as estradas em volta da capital para impedir o avanço da doença.

As equipas sanitárias acorreram prontamente com vacinas e medicamentos e espalharam veneno para os ratos nos focos prováveis. Além disso, queimaram casas onde tinha havido peste e destruíram as roupas das vítimas.

• Mais notícias na página 18

BOB KENNEDY DIZ NÃO PÔR EM QUESTÃO O RELATÓRIO DA COMISSÃO WARREN

LOS ANGELES, 26 — (F. P.) — O senador Robert Kennedy, que prossegue a sua campanha eleitoral na Califórnia, foi assediado de perguntas na segunda-feira, pelos estudantes da universidade de S. Fernando, que queriam saber se, no caso de ele vir a ser eleito presidente, tornaria públicos os arquivos secretos sobre o assassinio de seu irmão, John Kennedy.

(Continua na última página)

Um informador do departamento de Saúde disse que seis dos casos fatais se verificaram na aldeia de Tan Phong, na província de Long Khanh, a 65 quilómetros a nordeste de Saigão e os outros cinco na província de Tay Ninh, a cerca de 110 quilómetros a noroeste da capital.

O informador disse que tinham sido enviados médicos e enfermeiras para Tay Ninh onde, entre 150 casos suspeitos, foram confirmados 62, mas acrescentou que o surto estava dominado, desmentindo notícias de que a peste ameaçava a capital.

Porém, todas as pessoas que entrarem em Saigão têm de estar munidas de documentos sanitários ou certificados de vacina.

Um informador militar americano disse que os esforços combinados do Governo e do pessoal americano e filipino tinham conseguido evitar este mês uma grave epidemia de peste na província de Long Khan, onde morreram seis pessoas.

MASSIEL EM VEZ DE SERRAT (EM LONDRES) NO GRANDE PRÉMIO DA «EUROVISÃO»?

• A Televisão Espanhola é quem indigita o nome da jovem cançonetista

A «bomba» rebentou ontem em Madrid e logo alastrou a toda a Espanha. E à Europa, também.

Joan (e não Juan, pois é catalão) Manuel Serrat não representará o país vizinho no Concurso da Eurovisão, cantando «La, la la...», em Londres, na noite de 6 de Abril próximo.

Razões? O leitor já conhece a



A jovem cançonetista Massiel que, provavelmente, representará a Espanha em Londres

principal: ele queria cantar em catalão e não em castelhano.

— Quem irá, então?

— Pois será Massiel, tudo o in-

(Continua na 8.ª página)

Nota do dia

AS ALGEMAS DA CIVILIZAÇÃO

Quarenta mil pessoas por ano correm as estradas do Alentejo que vão dar a Vila Viçosa, segundo informação colhida no último fim-de-semana com uma ida mergulhada nas brumas de um nevoeiro que não deixava ver uma centena de metros adiante do nariz e com uma volta debaixo de bátegas de perturbar a paz de espírito de condutores pouco dados a aventuras. Mas valeu a pena, que o palácio, mercê da atenção dos dirigentes da Fundação constituída com os bens e rendimentos da Casa de Bragança, está convertido em atraente local de visita, com boa arrumação de museu em que o ambiente de uma época se mantém sem que o asfalte a poeira das pseudo-reconstituições. As quarenta mil pessoas por ano justificam-se, pois, e são mais um sinal da aventura que vive o homem contemporâneo, cingido no espartilho de uma existência na vulgaridade, os mesmos espectáculos para toda a gente, o futebol, a televisão, para repouso de jornadas de trabalho sempre iguais e de que cada um procura avidamente a evasão. Onde? Co-

mo? Em toda a parte onde não esteja habitualmente. De qualquer modo desde que seja diferente do dia-a-dia que é igual para toda a gente. Daí, a torrente que se desloca em cada domingo, cada um à procura de como possa ser ou sentir-se como é ou como desejaria ser. Mas como o mesmo sobressalto e o mesmo ímpeto se apoderam de todos os homens, eis que todos fogem da mesma maneira à procura do que cada um desejaria só para si, a sua intimidade, o seu sossego, a sua possibilidade de escolher e de se forjar a ilusão de um destino. E eis que todos os que procuram evadir-se uns dos outros vão afinal todos a encontrar-se nos mesmos destinos: o destino do homem, animal gregário capaz de requintar em todos os aspectos que conduzem à sua suprema gregarização, é correr para onde quer fugir. Ao homem contemporâneo, produto de uma civilização de massas que ele próprio forjou e que é a sua própria fatalidade, não ficará outro refúgio senão o de refugiar-se em si mesmo.

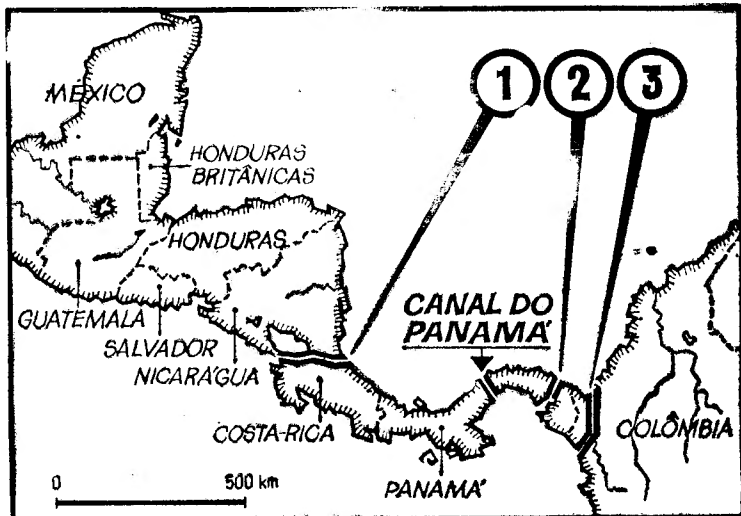
PROVA DE FORÇA NO PANAMÁ PREVISTA PARA ESTA TARDE

CIDADE DO PANAMÁ, 26 — (F. P.) — A próxima prova de força na crise política panamiana poderá ocorrer esta tarde, quando Max del Valle, que a Assembleia Nacional investiu nas funções de presidente da República, se deslocar ao Parlamento, a fim de ler uma «mensagem presidencial». Com efeito, o palácio legislativo encontrava-se ainda cercado ontem, à noite, pelos guardas nacionais, que não deixam passar ninguém, nem mesmo os deputados.

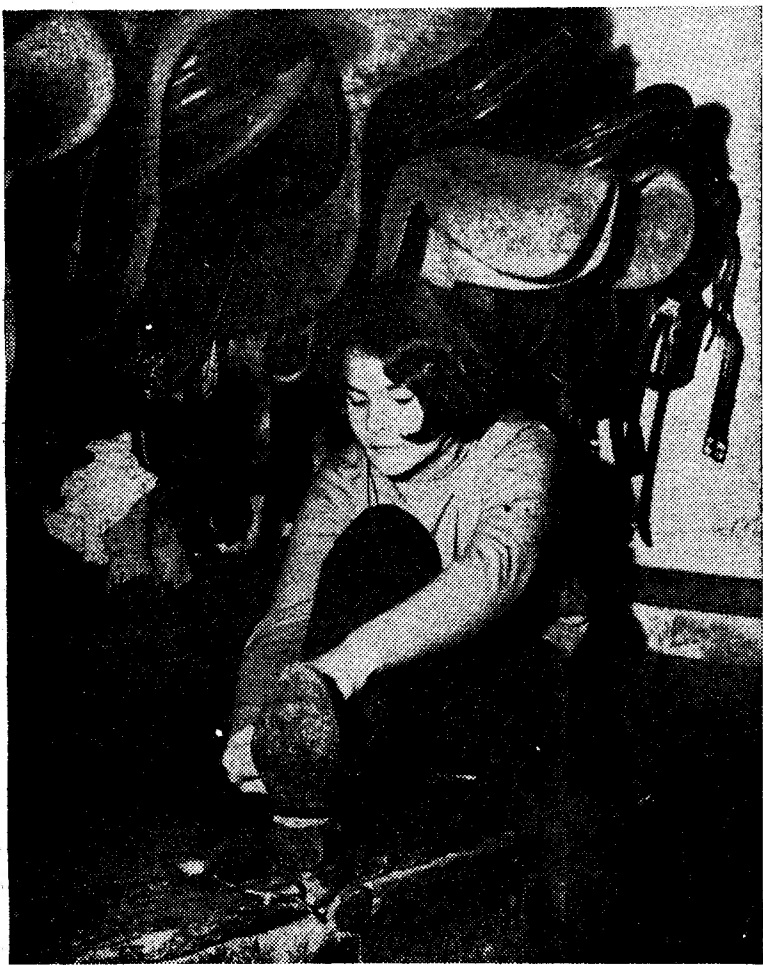
O próprio del Valle anunciou a sua decisão de se deslocar à Assembleia, num discurso transmitido pela Rádio e pela Televisão, em que criticou a Guarda Nacional,

(Continua na 19.ª página)

HOJE — 36 PÁGINAS
VISADO PELA CENSURA



O Panamá e o seu canal, indicando-se ainda os projectos de construção de três outros canais, devido particularmente a desinteligências passadas entre dirigentes norte-americanos e panamenses: projecto da Nicarágua (1), novo canal em território do Panamá (2), e projecto da Colômbia (3)



A prática da equitação está a desenvolver-se em Portugal. Certa juventude sente-se atraída pelos picadeiros — e os estrangeiros, residentes entre nós, também frequentam, em grande número, esses recintos. (Ler reportagem na página central).

INCIDENTES EM UNIVERSIDADES DO PAÍS VIZINHO

MADRID, 26. — (F. P.) — Trinta representantes do Conselho Nacional do Movimento Falangista pediram ao Governo a realização de uma reunião secreta extraordinária daquela organização, a fim de estudar os meios para acabar com a agitação estudantil. Aqueles representantes pediram.

(Continua na última página)

De ontem para hoje

SEMANA DO ULTRAMAR

Dois assuntos dominaram ontem à noite a cerimónia da inauguração da Semana do Ultramar, como tradicionalmente realizada na Sociedade de Geografia, que promove a semana, e como tradicionalmente também sob a presidência do Chefe do Estado. O prof. Adriano Moreira, presidente da Sociedade de Geografia, falou do «Colégio Euceménico» que vai dedicar-se ao estudo dos grandes problemas da humanidade sob o ponto de vista português. Depois foi o prof. Herculano de Carvalho que falou de «A Língua Portuguesa no mundo». Disse o prof. Adriano Moreira: «As nossas instituições — Sociedade de Geografia, Academia Internacional de Cultura Portuguesa e União das Comunidades de Cultura Portuguesa — há muito que insistiam pela necessidade de criar uma instituição deste tipo que se pretende directamente ligada ao Ultramar. Finalmente — disse — com o apoio e ajuda do prof. dr. Galvão Teles, ilustre ministro da Educação Nacional, foi aprovada, por despacho de 11 de Dezembro de 1967, a criação dessa instituição, que já conta com um capital de 15 mil contos. O seu fim é estudar os grandes problemas da Humanidade de um ponto de vista português acreditando que a nossa experiência fornece um ângulo de exame que só pode ser útil para todos os povos. Estão previstos trabalhos de investigação e cursos por entidades estrangeiras e nacionais. A fome, a explosão demográfica, a energia atómica, a paz, o racismo, estão entre os problemas que inspiraram a fundação. E como acreditamos que a independência e integridade intelectual dos interessados, só é bem servida com a intervenção do Ministério da Educação Nacional, e que, em problemas de formação ligada ao interesse público, não reúne tais valores a intervenção de outras entidades, vinculadas a opções sectoriais, voluntariamente se pediu e obteve a interferência do Ministério da Educação Nacional.»

O DESESPERO NA ESTRADA

Tinha 18 anos, Maria Alice Barata, de Póvoa de Góis. Em Lisboa se achava para tratamento de uma doença nervosa. Além da doença um namorado e complicações resultantes de uma e de outro. Estava ontem na cozinha da casa onde vivia, na Av. Duque de Ávila, 119, r/c. E não se sabe bem como foi, mas a verdade trágica é que ela foi encontrada morta. O corpo recolheu ao Instituto de Medicina Legal.

Em Caldas de Moledo, ia para casa, depois de ter assistido ao programa de televisão, o caseiro sr. Basílio António Teixeira, de 43 anos. Ao passar no lugar do Carvalho, estrada nacional n.º 108, foi apanhado de morte por um automóvel, guiado pelo sr. Fernando Tavares, do Porto. Ficou viúva e seis filhos de tenra idade.

PALÁCIO DE BELÉM

O sr. Presidente da República recebeu em audiência, os srs. dr. Paulo Rodrigues, subsecretário de Estado da Presidência do Conselho, e eng.º Álvaro Roquete, comissário do Turismo; prof. eng.º Daniel Barbosa, governador do Banco de Fomento; e dr. Azeredo Perdigão, presidente da Fundação Calouste Gulbenkian; e ainda os componentes da Junta Central da Legião Portuguesa, acompanhados do comandante-geral do organismo, que lhe foram apresentar cumprimentos, aproveitando a visita para manifestar o regozijo da L. P. pelo êxito da recente viagem presidencial às províncias da Guiné e de Cabo Verde.

JUSTIÇA

No 4.º Juízo Criminal, sob a presidência do corregedor dr. Saudade e Silva foi julgado Amílcar Catarina Malhó, de 28 anos, ajudante de despachante da Alfândega. Era acusado de abuso de confiança e burla. Como funcionário do Totobola apoderara-se ilicitamente de 150 contos. Defendido o réu pelo dr. António de Sousa, provado que a importância havia sido reposta, foi ele condenado em dois anos de prisão, cento e vinte dias de multa a trinta escudos diários. A pena foi suspensa por três anos.

UM JULGAMENTO NO TRIBUNAL PLENÁRIO

No Plenário Criminal da Boa Hora começou, esta tarde, o julgamento dos arguidos António Inácio Caeiro, de 41 anos, casado, pedreiro; Fernando da Silva Marques, de 35, solteiro, operário; Custódio Neves Florindo, de 38, solteiro; Luís António Firmão, de 50, solteiro, serrador; Manuel José Vagarinho, de 59, casado, carpinteiro, e António José Zangado, de 35, casado, trabalhador rural, todos de Montemor-o-Novo, excepto o terceiro, que é natural de Vendas Novas.

São acusados, segundo o Ministério Público, de terem feito parte, como «membros», do Partido Comunista Português e desenvolvido, com «animus conspirandi», diversas actividades contra a segurança do Estado. Ainda segundo o libelo, tomaram parte em reuniões clandestinas em Águas de Moura, com a finalidade de alterarem a ordem pública em 1 de Maio de 1964; distribuíram panfletos em várias localidades, com a mesma finalidade; recebiam e distribuíam Imprensa clandestina, o «Avante», o «Militante» e o «Camponês» e vendiam rifas cujo produto revertia para os presos políticos.

Há testemunhas de acusação e de defesa. E' patrono, officioso, dos acusados o sr. dr. António de Sousa. A audiência não termina hoje.

Cena dramática num recanto da Rua Escura

A propósito da reportagem no Porto que publicamos, sob o mesmo título, mandaram-nos três jovens amigos, que desejam manter o anonimato, a importância de 2000\$00, para a pobre mulher, a sr.ª Leopoldina Rosa da Silva Pinto, mãe de cinco crianças, uma delas ainda de poucos meses, e cujo drama revelámos através daquela reportagem.

— Uma senhora de fhavo, cuja identidade pretende, também ocultar, escreveu, igualmente, para a Delegação do «Diário de Lisboa» no Porto, pedindo a direcção daquela infeliz criatura, bem como a do cantoneiro que recolheu uma das crianças, para lhes prestar auxílio.

Exposição de Filumenismo

A comissão cultural da Cooperativa de Produção e Consumo dos Trabalhadores da Foz do Douro leva a efeito, de 11 a 26 de Maio, a sua segunda exposição de Filumenismo. No certame, que é o primeiro a ter carácter competitivo, haverá duas classes: uma de honra (reservada aos membros do júri e outros colecionadores convidados) e outra de competição, dividida em três grupos: Portugal, Estrangeiro e Temáticas.

O prazo das inscrições termina no dia 30 de Abril, e os impressos, para o efeito, podem ser solicitados na Rua da Cerca, n.º 450, Foz do Douro, das 9 às 19. As participações dos concorrentes deverão dar entrada na sede social até 5 de Maio.

CONFRATERNIZAÇÃO DE PUBLICITÁRIOS

SÁBADO, 30 DE MARÇO

PRIMEIRA GRANDE CONFRATERNIZAÇÃO DE PUBLICITÁRIOS

para saudar a Primavera

Das 9 às 9,30 horas

No Parque Eduardo VII, frente à estátua do Marquês, concentração de automóveis, se possível decorados com motivos primaveris e sentido publicitário.

IMPORTANTE! Cada automóvel presente até às 9,45, e a tempo de se incorporar-se na alegre caravana para Sintra, receberá um saco cheio de brindes de valor superior à gasolina que vai gastar no passeio.

Às 10,45

No Campo do União Sintense divertido desafio de futebol entre publicitários, a contar para o TOROALMOÇO.

Logo a seguir ao desafio a caravana de publicitários seguirá para a Praia Grande onde

Às 13,30 horas

se almoçará nos salões da Piscina ornamentados com caricaturas, anedotas ilustradas e textos satíricos de crítica amena às coisas e pessoas da publicidade.

Este material bem humorado deve ser entregue até às 6h feia 29 aos delegados do Clube Português dos Publicitários junto das várias empresas e departamentos de publicidade, ou na sede do Clube, Praça das Águas Livres, 7 r/c com o telefone 682428.

OS FOTÓGRAFOS E CINEASTAS publicitários amadores e profissionais não podem esquecer-se das suas câmaras para fixarem todas as admiráveis peripécias da

1.ª GRANDE CONFRATERNIZAÇÃO DE PUBLICITÁRIOS EM SAUDAÇÃO À PRIMAVERA 1968 para poderem concorrer ao concurso de fotografia e cinema cujo tema é o sensacional encontro do próximo

SÁBADO 30 DE MARÇO

NÃO FALTEM PUBLICITÁRIOS!

Esta é a grande oportunidade de nos encontrarmos para nos conhecermos melhor.

PUBLICITÁRIOS! Inscrevam-se para o almoço de Sábado, 30, na Piscina da Praia Grande, junto dos delegados do Clube nas empresas e departamentos de publicidade, ou, na sede do Clube Português dos

Publicitários

Praça das Águas Livres, 7 r/c

Telefone 682468

Todos os dias úteis das 18 às 21

Praça de Inscrição

Sócios do C.P.P.

Não sócios

6000

8000

Se for dorminhoco e não desejar levantar-se cedo, pode estar na Piscina da Praia Grande às 13,30 para o almoço, mas perde o direito ao saco de valiosos brindes destinado apenas aos automóveis incorporados na Grande Caravana.

PUBLICITÁRIOS

Reprodução da circular, enviada pelo Clube Português de Publicitários aos seus associados, na qual estes são convocados para a «Primeira Grande Confraternização de Publicitários»

Bolsas de estudo da SACOR

Despertou vivo interesse no meio universitário de todo o País a notícia oportunamente divulgada na Imprensa de que se encontrava aberta a inscrição para a entrega de seis bolsas de estudo da Sacor, no valor de Esc. 12 000\$ cada, a alunos do ensino superior de Engenharia, Direito e Economia.

Após apreciação cuidada de muitas dezenas de candidaturas a Sociedade Anónima Concessionária da Refinação de Petróleos em Portugal, s. a. r. l. — Sacor, resolveu atribuir aquelas bolsas aos seguintes estudantes:

Bolsa «Martin Sain» — Peter James Soares Pinto, aluno do 4.º ano do curso de Engenharia Mecânica do Instituto Superior Técnico;

Bolsa «Joaquim Oliveira da Silva» — Duarte Pedro de Azevedo de Araújo Gerales, aluno do 1.º

ano do curso de Engenharia Electrotécnica do Instituto Superior Técnico;

Bolsa «Dr. Ricardo Espírito Santo Silva» — João Manuel do Carmo de Almeida Loureiro, aluno do 1.º ano do curso de Direito da Faculdade de Direito de Lisboa;

Bolsa «Prof. Doutor José Alberto dos Reis» — José Osvaldo Laranjeira Rodrigues Gomes, aluno do 5.º ano do curso de Direito da Faculdade de Direito de Lisboa;

Bolsa «Robert Cayrol» — Daniel Bessa Fernandes Coelho, aluno do 3.º ano do curso de Economia da Faculdade de Economia do Porto;

Bolsa «Eduardo Cohen» — Fernando Maia Pereira da Costa, aluno do 2.º ano do curso de Economia da Faculdade de Economia do Porto.

«DIÁRIO DE LISBOA»

Os nossos prezados colegas «Diário do Alentejo» e «Comércio do Funchal» transcreveram do «Diário de Lisboa» a Nota do Dia intitulada: «Enriquecer a riqueza». Fizemos, também, transcrições do nosso jornal os estimados colegas «Seara Nova» e «Diário de Luanda» e referindo-se à fase de renovação actual do «Diário de Lisboa» «Jornal da Madeira», «Diário Insular», de Angra do Heroísmo, e «Província de Angola», de Luanda.

O governador civil do Porto, sr. dr. Jorge da Fonseca Jorge, teve a atenção de nos enviar os seus cumprimentos pela «Nota do dia» que publicamos no passado dia 15 sob o título de «A moda do Porto».

Pelo mesmo motivo também nos enviou um penhorante ofício o sr. João dos Santos Ferreira, presidente do Núcleo Regional do Norte da Liga Portuguesa Contra o Cancro.

Registamos com desvanecidos agradecimentos.

*

O sr. dr. Baltasar Rebelo de Sousa, presidente da comissão promotora da «Semana dedicada à criança diminuída mental», agradeceu-nos o apoio dado àquela iniciativa, cuja repercussão ficou a dever-se fundamentalmente aos órgãos de informação, com especial relevo para esse prestigioso jornal.



IV SALÃO DE ANTIGUIDADES

(Aberto até 7 de Abril, na Feira Internacional)

O génio artístico do homem patente nas maravilhosas colecções particulares e num original mercado de antiquários

HORÁRIO DE HOJE E AMANHÃ — das 17 às 24 horas

Serviço de restaurante e bar — Transportes assegurados

VAI A COIMBRA UM GRUPO DE ALUNOS DO I. S. C. E. F.

COIMBRA, 26 — Vêm a esta cidade, na próxima sexta-feira, trinta e cinco alunos do 4.º ano do Curso de Economia do Instituto de Ciências Económicas e Financeiras, de Lisboa, que serão acompanhados pelo encarregado de regência da cadeira, sr. dr. Francisco Pereira de Moura.

Os estudantes terão uma sessão na Faculdade de Letras, onde decorrerá um pequeno ciclo de estudos sobre «Preparação para o planeamento regional», com exposições seguidas de colóquios sobre os seguintes assuntos: «Linhas ge-

rais da preparação para o planeamento regional», pelo sr. eng.º Horácio de Moura; «Problemas do ordenamento do território», pelo sr. eng.º Correia da Cunha; «A agricultura no Vale do Mondego», pelo sr. eng.º Corte-Real; «A pecuária regional», pelo sr. dr. António Simões; e «O porto da Figueira da Foz no Planeamento da Região Centro», pelo sr. eng.º Muñoz de Oliveira.

Depois da sessão, haverá visita e almoço na Fábrica de Cerveja de Coimbra.

Ora diga-nos...

— Utiliza a ponte?

A secção viajou até à «outra banda». E foi pela ponte. Mas nem toda a gente tem a mesma opinião. Apesar da bela estrutura — a maior «suspensa» da Europa — os «cacilheiros» continuam a registar grande movimento de autocarros e peões. Porquê? Preço das portagens? Incomodidade dos transportes? Ligações difíceis? A ponte lá está, imponente, magnífica, funcional, com radar e tudo para evitar excessos... Mas as opções nem sempre são fáceis, nem possíveis, como se vê por estes três depoimentos recolhidos no Fogueteiro.



ta zona até á de Sintra... Como tenho moço... E apressa-se a acrescentar que lhe foi oferecida pela Companhia...

● Um motorista de profissão, empregado numa empresa distribuidora de peixe, é, por seu turno, adepto fervoroso da magnífica Ponte. É habitante do Fogueteiro.

— Todas as camionetas da companhia a utilizam. É muito mais prático. Rápido.

É o sr. Anselmo Rodrigues, de 29 anos.

— Ida e volta pela Ponte, mesmo quando vou de passeio a Lisboa, ao domingo, com os amigos.

● Finalmente, um peão, operário de uma fábrica de explosivos. — Nasci em Monte Trigo (Évora) e só vivo em Arrentela há perto de três anos. E vou pouco a Lisboa de passeio. — Costuma utilizar a ponte ou vai de barco? — Sempre de barco. É muito mais prático. E fica-se logo na Baixa. Ainda se existissem transportes directos... Mas assim... — Quantas vezes utilizou a ponte, nestes três anos? — Apenas duas.



● Finalmente, um peão, operário de uma fábrica de explosivos.

— Nasci em Monte Trigo (Évora) e só vivo em Arrentela há perto de três anos. E vou pouco a Lisboa de passeio.

— Costuma utilizar a ponte ou vai de barco?

— Sempre de barco. É muito mais prático. E fica-se logo na Baixa. Ainda se existissem transportes directos... Mas assim...

— Quantas vezes utilizou a ponte, nestes três anos? — Apenas duas.

OS DIAS VAZIOS

A cervejaria era um refúgio. Sábado à noite. Noite de cerveja, noite gastar a fêria com a urgência inerente à insegurança do quotidiano. O líquido amarelo, tão transparente, tão oriental, fazia bolhinhas que subiam nos copos. Aos poucos, as mesas começavam a revestir-se de um exército de copos vazios alinhados.

Tudo começou, portanto, por aí. Numa das mesas, um grupo de jovens vestidos negligentemente conviviam, as mãos e os braços desportivos, musculados, sublinhando no ar os gestos de alegria. Noutra mesa, outros jovens, outros jovens com as suas camisololas de algodão colorido, as suas calças de cano largo, de joelheiras, as suas mãos calosas e ardentes lançadas em movimentos bruscos, quase violentos. Na primeira mesa era um família

apertada, jovial, educada. Na segunda, era uma família apertada, somente apertada.

Depois, é claro, houve um motivo, um motivo qualquer, mas que importa o motivo? Talvez: «Tás a olhar pra mim? Julgas que lá por seres...»; ou talvez: «O tipo pensa que por ter um cachecol colorido é mais do que nós!»

Sabe-se lá o motivo. A verdade é que a coisa estalou. Um doí do que deu um murro no ar (um murro que me atingiu a mim, mas que se dirigia mais fundo, ao absurdo da vida); uma palavra um pouco ofensiva (ah, este sentido de honra que nós temos!) — em menos de dez segundos a zaragata generalizou-se, a luta fez formar-se vários grupos, os jovens das duas mesas atiraram-se uns aos outros. A polícia interveio, separou com

difficuldade as duas facções, exigiu responsabilidade, quis saber quem pagava o vidro partido.

E eu via tudo isto e a perplexidade em que vivo aumentou nesse instante. Ninguém foi capaz de me dizer como tudo começou. Ninguém foi capaz de revelar por que bateu. Nem o rapaz que entrou na luta para defender o companheiro, nem o moço do cachecol às listras, nem o jovem operário («presa de mil»), nem o ga-roto que gritava que lhe tinham rasgado o casaco — único casaco, sabe-se lá —, nem o estudante que aconselhava calma e pedia a divisão equânime das responsabilidades.

Ninguém soube como foi, nem por que foi. Dei comigo a dar murros no vazio — como se o vazio fosse um grande boneco com a minha cara, com a cara dos dias vazios. E compreendi então.

JOAQUIM BENITE

Exposição Britânica de Artigos de Consumo

Fica hoje patente ao público, em vários salões do Hotel Ritz, a Exposição Britânica de Artigos de Consumo, organizada pelo Conselho Nacional Britânico de Exportação (Europa). Quarenta firmas inglesas expõem no certame.

No mesmo hotel realizou-se ontem a cerimónia inaugural, durante a qual o embaixador «sir» Anthony Lambert proferiu um discurso sobre as perspectivas do intercâmbio comercial anglo-português.

EM TRÊS LINHAS

O antigo edifício dos Correios de Oliveira de Azemeis vai ser cedido à Câmara Municipal daquela vila, a fim de ali serem instalados os serviços de Fazenda.

///

Um decreto-lei publicado no «Diário do Governo» hoje distribuído dá nova redacção a várias disposições dos códigos de siza, do imposto sobre sucessões e doações, contri-

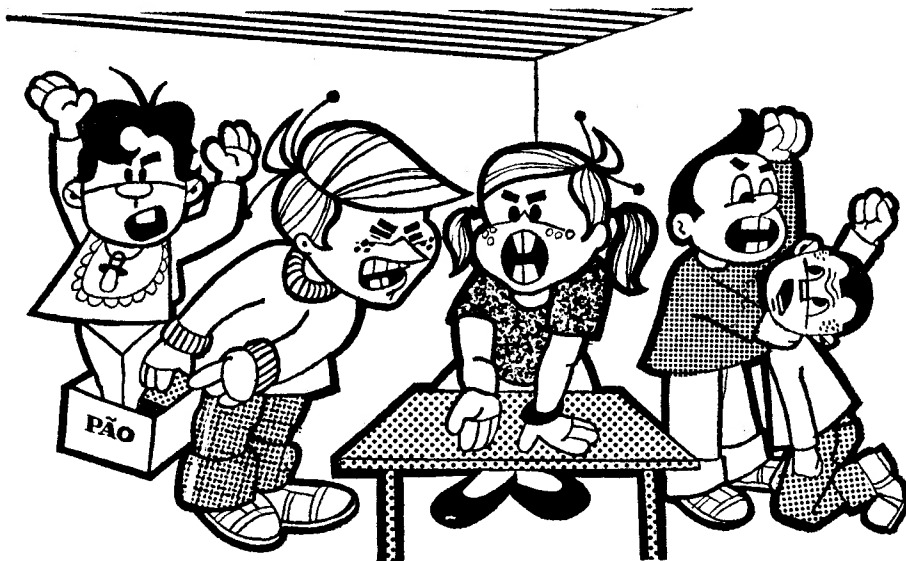
buição e imposto predial sobre a indústria agrícola.

///

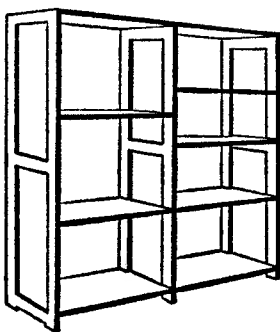
Foram remodelados os quadros de enfermagem dos hospitais João de Matos, Miguel Bombarda, Sobral Cid e Colónia Agrícola de Arnes.

///

A Câmara Municipal de Ovar foi autorizada a aplicar novas tarifas na distribuição de energia eléctrica.



CASA ONDE NÃO HÁ PÃO... ... TODOS RALHAM E NINGUÉM TEM RAZÃO!



ELEMENTOS PRÉ-FABRICADOS E DESMONTÁVEIS

Para haver boa harmonia tem de haver arrumação! Em casa, no escritório, no armazém ou na fábrica utilize um sistema prático, eficiente e económico para qualquer arrumação

Lundia
Pat. Registrada

FABRICANTE EXCLUSIVO



LISBOA—Rua da Atalaia, 36/46
Telef. 36 25 25 / 36 76 57 / 32 18 70
PORTO—R. St.º António, 225/226
Telef. 2 16 83

PENAS DE PRISÃO PARA DOIS BURLÕES

No 2.º juízo criminal da Boa Hora, em audiência colectiva, presidida pelo corregedor Bordalo Soares, respondeu Fernando Figueiredo Franco, de 18 anos, casado, empregado no comércio, natural de Campanhã (Porto), incriminado pelo crime de abuso de confiança. Segundo o processo, o réu trabalhava nos escritórios da firma M. Baptista dos Santos, com sede naquela cidade. No dia imediato à sua admissão, em 31 de Janeiro do corrente ano, o patrão entregou-lhe um cheque na importância de 2053\$50. Em vez de cumprir a ordem recebida, gastou o dinheiro, apoderou-se de outro cheque, assinado em branco pelo patrão, que preencheu com a quantia de 18 000\$00 e partiu para Lisboa. Apresentou-se a descontá-lo no Banco Espírito Santo e Comercial, na Rua do Comércio, onde foi detido por um guarda da P. S. P. dentro do próprio edifício, dado que o estabelecimento bancário já havia sido avisado.

Discutida a causa, e provada a acusação, com agravantes, o réu foi condenado em cinco anos e meio de prisão maior, duzentos e

sessenta e cinco dias de multa a 30\$00 por dia, convertidos em prisão, 2000\$00 de imposto de justiça, e numa indemnização à firma lesada. O condenado recolheu imediatamente à cadeia para cumprimento da pena aplicada.

Sob a presidência do corregedor Saudade e Silva, reuniu-se, também, o colectivo do 4.º juízo criminal da Boa Hora para julgar José Pombo Campos Fernandes, de 38 anos, casado, praticista, de Lisboa, incriminado por vinte e um crimes de burla, furto de documentos, e falsificação de um cheque, no montante de algumas dezenas de contos. Foi condenado em quatro anos e meio de prisão maior, duzentos e dez dias de multa a 30\$00 por dia, convertidos em prisão, e 2000\$00 de imposto de justiça, e nas respectivas indemnizações.

Marinha de Guerra

De 1 a 30 de Abril, estará aberto o concurso para a admissão de segundos grumetes voluntários da Armada, a incorporar em Julho do ano corrente.



INAUGURAÇÃO DO NOVO CASINO ESTORIL



BAILES DE GALA
NOS DIAS 30 E 31 DE MARÇO E 1 DE ABRIL
MAIORES DE 17 ANOS



AMÁLIA

SARA LEZANA
Y SU BALLET ESPAÑOL

MAORI HI-LINERS

THE CHARLIVELS

**BLUEBELL GIRLS'
SHOW**

THE SPECTRUM

EDUARDO NASCIMENTO
E "OS ROCK'S"

JORGE COSTA PINTO
E SUA ORQUESTRA

NO GRANDE SALÃO RESTAURANTE ÀS 23.30 H.
NO WONDER BAR ÀS 1.30 H.

PREÇOS:

CONSUMO OBRIGATÓRIO—250\$00 (com direito a uma garrafa de espumante, no valor de 150\$00, para cada duas pessoas).

JANTAR—400\$00. Taxas e impostos não incluídos.

TRAJE DE NOITE



Dia 2, às 21 e 30, sessão inaugural do Cinema
Estreia em Portugal de
«BAILARINA»
A ÚLTIMA PRODUÇÃO DE WALT DISNEY
Preço 50\$00 • Traje de noite • Maiores de 12 anos



DIVERSÕES

TEATRO • CINEMA • CIRCO • VARIEDADES • ÓPERA • BAILADO • TV • RÁDIO

ATRÁS DO REPOSTEIRO

- Só após o seu regresso a Lisboa a companhia do Maria Vitória intensificará os ensaios da revista «Isso é que era bom».
- Deve regressar em Maio, para apresentar uma nova peça, a companhia de Laura Alves.
- Também se fala na possibilidade de o actor Henrique Santana remodelar a sua companhia e reaparecer no Capitólio.
- É muito provável que o actor Augusto Costa (Costinha) não participe na próxima digressão da companhia de Amélia Rey Colaço.

TEATRO

GIL VICENTE

CASCAIS — TEL. 280919

— Junta de Turismo
da Costa do Sol —

Hoje e todas as noites
às 21.45

«O Comissário de Polícia»

de GERVÁSIO LOBATO

Pela COMPANHIA DO TEATRO
EXPERIMENTAL DE CASCAIS
subsidiada pelo Fundo Nacional
de Teatro, Fundo de Turismo e
Fundação Gulbenkian
M/ 12 ANOS

MARIA VITÓRIA

Está a despedir-se de Lisboa
a revista argentina
«Ro... Ro... Rojísimo»

Apenas durante poucos dias mais, Lisboa pode admirar a magnífica revista argentina «Ro... Ro... Rojísimo», que torna o Teatro Maria Vitória ponto obrigatório de confluência das colónias argentinas e espanholas, unidas a centenas de portugueses que elegeram a Companhia de Ethel Rojo como um grido de juventude, alegria e beleza.

Sob direcção de Horácio Barba a Companhia Argentina de Revistas que patenteia «Ro... Ro... Rojísimo» é uma maravilhosa simbiose de mulheres encantadoras e atracções de expoente no «music-hall» internacional a deslumbrante Ethel Rojo, Orlando Marconi, Alfonso Lussan, Alicia de Alzaga, Angel Eleta, Marina, Codesito, The Rickels, The Moloneys, Rafaelito e o assombroso Red Star Ballet.

Um conselho, portanto, a quantos se pretendam divertir: acorrer ao Maria Vitória e rir (aplaudindo) a grande revista «Ro... Ro... Rojísimo».

VARIEDADES

Últimas exhibições
da revista do ano:
«Pois, Pois...»

Por compromissos há muito firmados pelo actor Raul Solnado (que brevemente se desloca ao estrangeiro) entrou na última fase de exibição a famosa super-revista «Pois, Pois...»: o mais aplaudido e elogiado cartaz das noites de Lisboa.

Produzida por Giuseppe Bastos e Vasco Morgado, a super-revista «Pois, Pois...» é a indelével coroa de glória do mais distinguido actor cómico da sua época: Solnado, «Prémio de Imprensa» por um «Pinguinho» que se inscreve indelével-

mente na história do teatro ligeiro do nosso País. Ao lado de Solnado, com ele comandando o elenco de «Pois, Pois...», a popular e prestigiosa vedeta Ivone Silva, no topo das suas notáveis faculdades hístricas. E outros nomes salientes: Barroso Lopes, Armando Cortês, Francisco Nicholson, Clarisse Belo, a voz apaixonante de Maria Teresa Quinta, o azougue e ritmo do «ballet» inglês «The Santiago Dancer's», a plástica inebriante da atrac-

(Continua na 6.ª página)

TEATRO Tel. 32 60 3705

VARIEDADES

HOJE: ÀS 20.45 E 23 HORAS

ÚLTIMAS EXIBIÇÕES

O MAIOR ESPECTÁCULO
DE GARGALHADA!
RIA A BOM RIR COM
RAUL SOLNADO

o fabuloso da gargalhada
«PRÉMIO DE IMPRENSA»
como actor do ano
graças às maravilhosas interpretações que oferece ao público
NA SUPER-REVISTA

Pois, Pois...

COM

IVONE SILVA

BARROSO • CORIEZ
NICHOLSON • CLARISSE

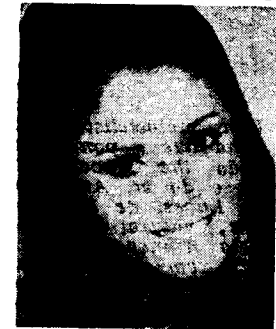
a voz diferente de
MARIA TERESA QUINTA

o «ballet» inglês

The Santiago Dancer's

a plástica impressionante
da atracção brasileira

WANDA MORENO



WANDA: o vulcão do Brasil

VASCO MORGADO e RAUL SOLNADO apresentam

**TEATRO
VILLAREI**

HOJE, 2 SESSÕES:
às 21 e às 23 horas

ADULTOS



IRENE ISIDRO

CONVITE
Convidamo-lo a rir
com
IRENE e ARTUR
no BAILE dos
MILIONÁRIOS



ARTUR SEMEDO

«AGARRA que é MILIONÁRIO»

Uma comédia para pessoas que gostam de dinheiro
com HENRIQUE SANTANA * IRENE ISIDRO * ARTUR SEMEDO * TOMÁS DE MACEDO * ANABELA e em reparação em comédia FLORBELA

**RIR! É O MAIS
IMPORTANTE NA VIDA...**

NO MONUMENTAL às 21,45
VASCO MORGADO APRESENTA

EM PLENO ÊXITO!

Eunice • Rui • Rogério

NA ESPANTOSA E DIVERTIDA
COMÉDIA

Deliciosamente Louca!

no elenco HENRIQUETA • PERRY • CLARA •
MADEIRA • VASCO MORGADO JR. • ESPADINHA

DUAS HORAS DE RISO TOTAL

NAO DEIXE DE VER ESTE FABULOSO ESPECTÁCULO
EM 4.º MES
LUGARES DESDE 5500



**AGUARDENTE VELHA
Niepoort**

a nova água na prova

CAPITÓLIO

Às 21,45 h. — (M. 17 anos)

A LOCOMOTIVA

com AMÉLIA REY COLAÇO
e COSTINHA

Domingo 2 últimos espectáculos:
às 16 h. (preços reduzidos)
e às 21,45

5.ª-feira, 4 de Abril — ESTREIA
AS TRÊS PERFEITAS CASADAS
de CASONA

teatro Tel. 351740

MARIA VITÓRIA

ÚLTIMOS DIAS

HOJE 2 SESSÕES:
às 20.45 e 23 horas

O EMPOLGANTE CARTAZ
QUE CONQUISTOU
AS NOITES DE LISBOA!

a arrebatadora

Companhia Argentina
de Revistas

da fabuloso

ETHEL ROJO

na revista argentina

«RO... RO... ROJÍSIMO»
Mulheres maravilhosas e
grandes atracções mundiais!

direcção artística
de HORACIO BARBA

TRINDADE

— F. N. A. T. —

O T. N. P. apresenta
HOJE, às 21.45 — (Adultos)

«NÃO SE SABE COMO»

de LUIGI PIRANDELLO
UM VERDADEIRO ÊXITO

TV

DIA A DIA

O que vimos e ouvimos

MOMENTO DESPORTIVO — Na rubrica habitual das segundas-feiras, três foram as rubricas fadas: raguebi, tiro e futebol. António Carqueijeiro para o raguebi, e depois Caiola Carpinteiro e finalmente Serrano, guarda-redes do Benfiquense.

Na bola de melão, nem por isso notícias grandes. O jogo com a Espanha, há dois anos que ela não ganha e por isso a Espanha tem vontade de. Nos treinos da equipa portuguesa, grandes dificuldades quanto aos terrenos, valeu a gentileza do Benfica.

Veio a rubrica de tiro e aí, foi aí que eu fiquei de boca aberta. O entrevistado bateu o «record» ibérico na modalidade de pistola não sei que, com 588 pontos em 600. Isto parece que é qualquer coisa mesmo! No conjunto, o último desafiado Portugal-Espanha foi aquele em que perdemos por menos pontuação, o melhor de sempre, já não é nada mau.

Porquê a supremacia castelhana? Caiola Carpinteiro afirma ser uma razão de verba. A Espanha dá uma grande mancha, o que permite o fomento da modalidade. Em Portugal, isso não tem acontecido, e por isso é que. Caiola Carpinteiro explica que a maior atenção devia ser dada à modalidade do tiro não só pelo aspecto desportivo, mas militar, em virtude da guerra, em África. E sugere, a propósito, que a verba para o tiro fosse suportada não só pelo Ministério da Educação Nacional, mas também por outros ministérios.

Ora estava eu a pensar naqueles certos 588 em 600 quando o entrevistado apontou o seu regime pessoal de treino, rigorosíssimo como se vê pelo seguinte esquema:

Cinco versões semanais de treino real em que se fazem cerca de 130-150 disparos, mais uma hora diária de treino em seco, para exercícios de pontaria e «controle» de tempo, e três vezes por semana ginástica especial de cerca de uma hora, também, e, finalmente, a parte mais importante, exercícios diários de preparação psicológica.

A preparação psicológica consiste, particularmente, numa convicção de que não se está a competir, de que se está a atirar por puro prazer, sem nenhuma intenção de derrotar seja quem for. Isto completado por exercícios de relaxação muscular em obediência a determinada prescrição ioga.

E' o que é, afinal. Não pode ser amador quem pretenda, seja no que for, acertar 588 em 600. Quando se chega aqui, ou cósmico ou nada. Quando muito, acertará um bicho, mas por acaso.

Faltava o futebol. Serrano, jogador suplente nas balizas de Belém, parece que sabe jogar e sabe o que diz — coisas que juntas se acham raramente em Portugal. Com seus 26 anos, Serrano teve a desfortuna de encontrar sempre pela frente uma concorrência já estabelecida. Mas não desanima. Tem esperança de conquistar o seu lugar ao sol. Deseja-o, esclarece, sem prejudicar seja quem for. O que não é fácil, acrescenta eu.

E pronto. «Momento Desportivo» foi-se. Vou levantar-me, espalhar. Sei que vem aí um «Mundo da Arte», mas a minha arte do mundo diz-me que me afaste, que me alongue ao longo da ribeira, para ficar calmo, descontraído, na altura da «noite de teatro». A propósito: ninguém me saberá dizer se os logas me podem ajudar em alguma coisa, nestas aventuras teatrais?

NOITE DE TEATRO —

São estas e outras que me fazem ter esperança no teatro de televisão em Portugal. Posso mesmo dizer que, desde a última vez que assisti à grande peça «Ricardo, o sem coração» ou «A Facada na Prima», levada a efeito na sala dos bombeiros voluntários de Vale Paraisos, jocosa aldeia situada na serra de Almendra, um pouco mais acima, dizia eu que desde essa ocasião que não encheira tanto o papinho.

O autor da peça de ontem Pato Donald Churchill, é um dos mais promiscuosos dramaturgos da velha Inglaterra segundo uns, da turbulenta América, segundo outros, ou da exótica Jamaica a orar na opinião de terceiros. De qualquer forma, o nevoeiro sempre envolveu a origem dos autênticos géneros, como se a natureza sábia pretendesse desta maneira ensinar ao

humano preconceito que, no cómputo do infinito, tanto faz nascer em Londres como em Santa Marta de Portuzelo — a menos que se trate, é evidente, de algum candidato ao vira-mão.

Intitulava-se a peça «As quatro em ponto». Uma senhora de 27 anos, apresentável, para quem o casamento fora um fracasso, procurava emprego compatível. Vai ter a um escritório onde havia um sujeito, kera o Cortez, de muito bom coração, até quando soube que ela tinha de sair às quatro para ir buscar o filho querido das suas entranhas, fruto de um casamento fracassado, se dispôs logo a ajudá-la. Preteriu, aliás, a uma secretária que estenografava 200 palavras por minuto, era um a ver se te avias!

No meio disto tudo havia o Paulo Renato ao telefone, e uma secretária com fofquinhas amorosas, a representar segundo os cânones do período da pedra lascada. Para tranquilidade de meus leitores que não viram a peça, digo já que a mãe do filho obteve o emprego e pode sair às quatro, e era pena que não pudesse sair um bocadinho antes, pois podia acontecer que a sessão acabasse mais cedo. Enfim, sempre há boas almas neste mundo e o resto são tretas ó Rosa! Pois Cortez, nunca se arrependa de fazer o bem, só eu que lo digo. Mais tarde o mais cedo há-de ter a recompensa.

O trabalho dos actores foi qualquer coisa de muito, muito, muito triste para a nossa, que é o pior género de trabalho que há. Não cito nomes porque estou falho de memória. E porque, no mês de Março, em honra da Primavera que faz anos, me sinto estranhamente misericordioso.

A realização abusou das portas, das entradas e saídas. Muito louvável, aliás, já que o movimento é característico de teatro moderno. Com tantas entradas, quereria o realizador «entrar» com a gente?

Em resumo: mais uma noite igual a tantas outras noites forjadas e por forjar em que o teatro nos parece sob a forma de autópsia. Teatro...

...E não se queimam nunca as ímpias mãos...

VARIEDADES COM BÉCAUD

Da Alemanha tivemos ontem a segunda parte do espectáculo em que Gilbert Bécaud faz de mestre de cerimónias.

Houve, também nesta, ritmo, dinamismo, categoria de intérpretes, qualidade televisiva. Bécaud também cantou, entreteve e esteve, com aquela facilidade que parece mesmo fácil. Foi tudo produto de 1.ª qualidade. E no entanto, não conseguiu fazer esquecer a tal outra primeira parte. Claro que o

RECINTOS DE DIVERSÕES

* A cantadeira Deolinda Rodrigues gravou um novo disco, que inclui as seguintes composições: «Gente de Alfama», «Eu e a outra», «Cantiga de amigo» e «Aquele rua».

* Na festa do Sport União Simbenense participam, entre outros, os seguintes artistas: Ana Hortense, Isaura Alice de Carvalho, Corina Maria, Joaquim Cordeiro e Manuel de Almeida.

* A festa de homenagem à cantora Gina Maria, que hoje se realiza na «Varanda do Chanceler», também deu a sua adesão o cantorista António Calvário.

* Os fadistas Ana Hortense e Fernando Farinha deslocam-se este ano à América do Norte e ao Canadá.

* As fadistas Tucho Mascarenhas e Maria Amélia Proença estão a actuar na casa típica «1001».

HOJE PODE VER...

• As 22 e 35: TV Clube

No TV Clube, desta noite, actua a cancionista Madalena Iglésias, que será acompanhada pela orquestra de Jorge Costa Pinto, numa realização de Oliveira Costa.

• As 23: Dr. Kildare

O episódio de hoje, da série «Dr. Kildare», durará uma hora, e será desempenhado pelos artistas Richard Chamberlain e Raymond Massey.

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

• NO TIVOLI

Título — «Quando o Peixe Saiu do Mar» («The Day the Fish Came Out»).

Realizador — Michael Cacoyannis, 1966.

Intérpretes — Tom Courtenay, Sam Wanamaker, Candice Bergen, Colin Blakely.

A ideia que serve de base a esta nova produção do autor do famosíssimo «Zorba, o Grego» não é só simpática, como inquietante. Numa pequena ilha grega, e á semelhança do que havia já acontecido perto de Palomares (Espanha-1966), cai um avião de origem norte-americana, transportando bombas e matérias radioactivas. Os pilotos salvam-se, mas vagueiam pelos montes da ilha (na mais reduzida indumentária possível), enquanto o Estado-Maior americano, dando-os como desaparecidos, encarrega um grupo de pesquisadores do Exército de explorar a região (sem dar nas vistas). Disfarçam-se, pois, de turistas (como estamos no ano de 1972, os seus fatos reflectem esse modernismo, de forma bastante convencional e de gosto mais do que duvidoso) e chegam á ilha

dizendo-se interessados em construir um hotel. Com base nessa desculpa vão explorando a área onde pensam ter caído o avião e a carga. Encontram mesmo duas das bombas, mas uma caixa contendo urânio (ou rádio?) é apinhada por um pastor que julga ter encontrado ali o tesouro que o fará a si e á família sair da pobreza em que viviam. Tenta, portanto, abrir a caixa por todos os meios ao seu alcance e acaba por conseguí-lo. Entretanto, na ilha desenvolve-se, involuntariamente, uma campanha de propaganda turística que atrai uma multidão incontrolável de veraneantes. Milhares de pessoas aglomeram-se nas ruas da pequena aldeia, dançando e cantando, em trajos retidos (abusivamente, diga-se de passagem, pois que nada têm a ver com os originais) dos últimos filmes de Fellini. E assim, ingenuamente, e só porque um Estado-Maior resolveu ocultar do conhecimento público, um acontecimento importante, toda a população da ilha se encontra envenenada. O primeiro sintoma são os peixes que saem do mar, mortos. E, enquanto um altifalante grita «Atenção!», «Atenção!», a multidão, alheia dos problemas que lhe dizem directamente respeito e ignorando o perigo que corre, continua a dançar no largo da aldeia de uma pequena ilha da Grécia...

Se a ideia deste filme de Cacoyannis se nos afigura interessante, actual e, sobretudo, inquietante, já o mesmo não poderemos dizer do seu estilo cinematográfico (que não existe). «Quando o Peixe Saiu do Mar» arrasta-se penosamente numa primeira parte incolor, para subir bastante na segunda metade, é certo. Mas a falta de rigor demonstrada em toda a condução da história não deixa de se fazer sentir de forma evidente, ora pendendo para um naturalismo ou populismo (que nos recorda o De Sica de «A Raposa Dourada»), ora deixando-se levar por uma via feérica que radica, como já dissemos, em Fellini (de «8 1/2») ou «Julietta dos Espíritos»). E, se na segunda parte do filme, este adquire uma intensidade dramática indimentável, o facto fica-se, sem dúvida, devendo mais á força do tema (ou á veracidade que se sente epidémica de um episódio que se diz de ficção científica), do que propriamente ao vigor da narrativa. Aliás, em toda a primeira metade da obra respira-se uma atmosfera de viscosidade (um tom efeminado que chega a chocar) que, na segunda, é em certa medida contrariado pela presença rápida mas sempre agradável de Candice Bergen (bela como já vai sendo

(Continua na 8.ª página)

Rita Hayworth desmente qualquer idílio com Cary



CARY GRANT



RITA HAYWORTH

HOLLYWOOD, 26. — (A. N. I.) — Soltando uma gargalhada, Rita Hayworth desmentiu os rumores que estavam a avolumar-se sobre um romance de amor com Cary Grant.

«Eu e Cary — disse — somos bons amigos há uns trinta anos, desde que fizemos o primeiro filme juntos. O que se diz para aí seria como imaginar uma história de amor entre Bette Davis e o presidente Wilson.»

HOJE LUTA LIVRE AMERICANA HOJE

As 21.45 h.

7.ª JORNADA (2.ª FASE)

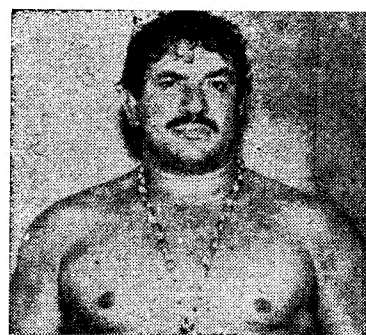
As 21.45 h.

NO PAVILHÃO DOS DESPORTOS

COMO SÓ ACONTECEU NO MADISON SQUARE GARDEN

5 COMBATES NUMA SESSÃO

CARLOS ROCHA COM O PENSAMENTO NO TÍTULO — REAPARIÇÃO SENSACIONAL DE JOSÉ LUÍS — O TERRÍVEL TURCO TARTUM, GIGANTE DOS RINGUES E CAMPEÃO DA EUROPA. TODOS OS MAIS DESTEMIDOS E SANGUINÁRIOS LUTADORES EUROPEUS NO MAIS DISPUTADO TORNEIO QUE SE TEM REALIZADO EM PORTUGAL.



TARTUM

HOJE

CARLOS ROCHA.

-DAIDONNE

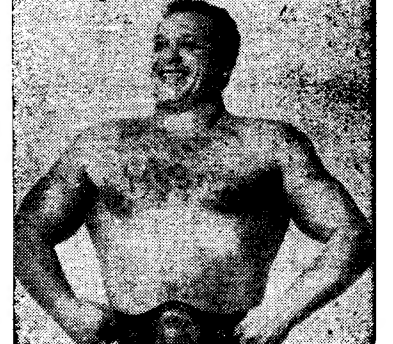
JAIMEY-KARISTINOS

AGORA SIM: VAI AQUECER.

CARLOS ROCHA: O meu combate com DAIDONNE será terrível. Eu sei, mas vou ganhar custe o que custar, pois continuo a pensar no título.

JOSÉ LUÍS: tenho dois objectivos: mostrar todo o meu valor e derrotar todos os campeões.

TARTUM: Inscrevam-se os lutadores que quiserem. Brinco com todos eles. Não me esforçarei muito para manter o título.



ROCHA

HOJE

JOSÉ LUÍS-LAMBAM

LONDON-GREGO

TARTUM-BLANK

CLASSIFICAÇÃO ACTUAL

- 1.º TARTUM 12 p.
- 2.º ROCHA e DAIDONNE 10 p.
- 3.º LAMBAM e BLANK 6 p.
- 4.º MAX, DEMÉTRIO e GREGO 4 p.

BILHETES À VENDA NOS RESTAURADORES E NAS BILHETEIRAS DO PAVILHÃO A PARTIR DAS 20 HORAS

MAIORES DE 17 ANOS

SUSPENSAS AS ENTRADAS DE FAVOR

DIVERSÕES

TEATRO * CINEMA * CIRCO * VARIEDADES * ÓPERA * BAILADO * TV * RÁDIO

(Continuação da 4.ª página)

ção brasileira Wanda Moreno, a juventude de Dina Maria, do cancionista Gabriel Cardoso, Gilberto Gonçalves, Simone Maria, Odete Antunes, Sara Rafael, Fernando Franco e Nela Duarte, além de bailarinas e bailarinos internacionais.

«Pois, Pois...» é original de José Gândavo e João Nobre, com música de João Nobre e Carlos Dias, montagem de Hernâni e Rui Martins, figurino de Mário Alberto, guarda-roupa de António Paiva (dirigido por Josefina Soares), coreografia de Paulo José, direcção musical de Carlos Dias e encenação de Cortês.

No Teatro Variedades, em últimas exhibições, a revista do ano: «Pois, Pois...», com o inimitável Solnado!

MONUMENTAL

Prossegue o êxito da comédia «Deliciosamente Louca!»

Esta deliciosa comédia, que durante várias semanas levou ao Teatro Variedades grande número de público e efectuou longa «tournée» pelo País, com dois meses consecutivos no Rivoli do Porto, tendo sempre a aplaudir a grande presença diária de público, foi reposta em cena no Monumental para dar uma oportunidade aos que, por vários motivos, não puderam aplaudi-la.

Além de uma história engraçadíssima, é representada por um excepcional elenco à frente do qual se encontra a genial actriz Eunice Muñoz, muito bem secundada por Rui de Carvalho, Rogério Paulo, Henriqueta Maya, João Perry e, ainda,

Clara Rocha, Madalena Braga, Vasco Morgado Jr. e Vítor Espadinha. Hoje e todas as noites, espectáculos às 21 e 45.

ABC

«Arroz de Miúdas» a revista de êxito de Lisboa

Resultou, sem dúvida, no espectáculo êxito das noites lisboetas. «Arroz de Miúdas» é mais uma sensacional produção do empresário José Miguel, tradicional criador dos espectáculos destinados a êxitos imediatos. Escreveram o texto Paulo da Fonseca, César de Oliveira e Rogério Bracinha e assinam a música os mestres João Nobre e João de Vasconcelos. A coreografia é da inspiração de mestre Charles e Mário Alberto desenhou os figurinos e dirigiu a montagem José Manuel

executou os cenários e o guarda-roupa foi realizado nos «ateliers» Paiva, sob direcção de Josefina Soares. O desempenho de «Arroz de Miúdas» está entregue a um sensacional elenco onde se destacam os nomes bem populares de Aida Baptista, Carlos Coelho, Beatriz da Conceição, Oscar Acúrsio, Delfina Cruz, Orlando Fernandes, Carlos Gonçalves e a grande atracção do espectáculo, a presença do actor-cantor Tony de Matos. Completam este valioso elenco Guida de Carlo, Maria José, Betty, Maryllen, as bailarinas internacionais Jacqueline, Khaty e Lilian, os bailarinos Vítor e Orlando e as bailarinas portuguesas Gina, Maria do Céu, Lúcia, Hilda, Feliciano, Isabel e M'lu.

Plena de comicidade e de luxo, com lindas melodias e deliciosas canções, a revista «Arroz de Miúdas» é o grande espectáculo do momento, que se representa, diariamente, em duas sessões às 20 e 45 e às 23 horas.



CARMEN MENDES

Carmen Mendes vai à Angola como artista convidada

Parte esta semana para Luanda, por via marítima, a actriz Carmen Mendes, que ultimamente estivera integrada na Companhia Teatro Estúdio.

Carmen Mendes desloca-se a Angola como artista convidada para actuar na Companhia de Teatro de Angola, que os seus colegas Henrique Santos e Rudolfo Neves acabam de fundar.

Trata-se de uma empresa que é subsidiada pelo Centro de Informação e Turismo daquela província e pela Agência-Geral do Ultramar, que assim se propõem fomentar o gosto e cultivo do teatro em Angola. Por isso, aqueles dois actores, além das peças que apresentarão ao público de Luanda e de outras cidades da província, iniciarão uma campanha de divulgação de temas de teatro, na qual serão chamadas a colaborar algumas conhecidas figuras dos nossos meios teatrais, procurando ainda descobrir na província alguns novos valores capazes de enriquecer a recém-formada companhia.

Integrando estes elementos aparecerão artistas metropolitanos, dois dos quais estão já escolhidos — sendo a primeira Carmen Mendes, seguindo-se Lili Neves, quando acabar a carreira de «A louca de Charlote», de Giroudoux, que o Teatro Estúdio estreará em breve. A terceira actriz convidada será Irene Isidro, que se deslocará igualmente a Angola quando terminar a temporada da Companhia Teatro Alegre, de que é primeira figura feminina. A actriz Carmen Mendes parte para Luanda amanhã, devendo permanecer na capital angolana até Julho ou Agosto, interpretando três peças.

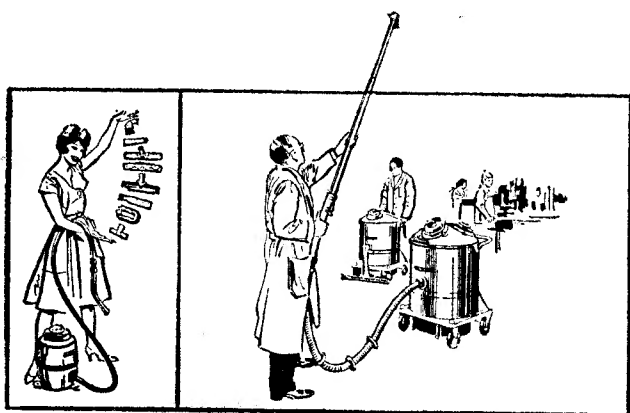
«Os Dias Felizes» DE SAMUEL BECKETT NA CASA DA COMÉDIA

Depois de amanhã, á noite, a Casa da Comédia apresenta ao público de Lisboa «Os Dias Felizes», de Samuel Beckett, na versão portuguesa de Salazar Sampaio.

Esta célebre peça, tão discutida e universalmente conhecida, não é mais — e é tanto, afinal — do que o drama de uma mulher que, no momento em que tudo vai acabar para entrar no sono derradeiro, fechar os olhos para os não voltar a abrir, apenas a cabeça lhe emerge de um solo árido e seco. São intérpretes Glicínia Quartim, no papel de Winnie, e Ruy Furtado, no de Willie.

A cenografia é de João Abel Manta, com superintendência de execução de Norberto Barroca. A montagem pertence a Artur Ramos.

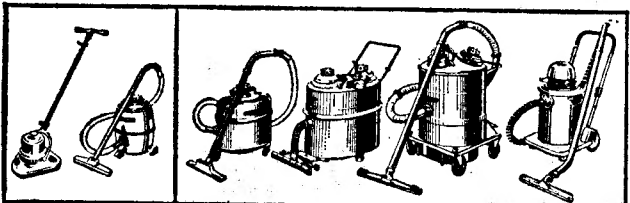
O espectáculo, para maiores de 17 anos é subsidiado pelo Fundo de Teatro.



no dia que começa
NILFISK
recomeça!

recomeça a limpeza de cada dia
no lar ou na fábrica

NILFISK



ASPIRADORES
INDUSTRIAIS
E DOMÉSTICOS

Fornecedores da Indústria,
Grandes Companhias,
Hospitais, Hotéis, Escolas,
Estado e Forças Armadas.



VALENTIM DE CARVALHO

COMÉRCIO E INDÚSTRIA S.A.R.L.

RUA NOVA DO ALMADA, 95-97 LISBOA

No norte: VADECA — R. de S.º António, 210 — PORTO



A actriz italiana Luciana Paluzzi numa cena do seu filme «One Way Street», presentemente a ser exibido em Roma. No filme, rodado na Alemanha, Paluzzi interpreta o papel de esposa de um oficial da Polícia de Hamburgo, interpretado pelo actor britânico John Mills

«A SABEDORIA» NO CENTENÁRIO DE PAUL CLAUDEL

III — A INTERPRETAÇÃO DOS ESTUDANTES

Como já afirmámos atrás, a linha seguida por Vitor Garcia dissolvía as personagens num todo cénico em que quase perdiam a sua individualidade original. Personagem central em Claudel, a Sabedoria não é colocada no palco e as suas falas são ditas em «off», através da instalação sonora. A parte restante, com poucas excepções, é transmitida em coro por todos os participantes — e aí reside um dos pontos fracos do espectáculo, uma vez que os coros não atingem a homogeneidade necessária, retirando ao expediente encontrado pelo encenador a força que, doutro modo, conseguiria tal-vez alcançar.

É portanto difícil, se não impossível, fazer referências individuais. De uma maneira geral, é evidente o pouco tempo de ensaios e a falta de segurança dos actores, tanto no que respeita a marcações como a domínio do próprio texto. Participaram no espectáculo João Rodrigues — que depois das suas interpreta-

ções, plenas de versatilidade e talento, no «Grande Teatro do Mundo» e em «Assim Que Passem Cinco anos», continua aqui, embora fora do palco e face a um microfone, a ser um dos principais estelões do trabalho realizado — António Lopes Dias, Maria Manuel, António Lobo Fernandes, Luísa Seco, Maria João Delgado, Alexandrino Rainha, Amélia Campos, Ana Maria Summavielle, António Artur, António Mendes de Abreu, António Travanca, Augusto Leitão, Cal Brandão, Carmona da Mota, Castro Soutinho, Clara Boléo, Emídio Viegas, Fernanda da Bernarda, Fernando Brito, Fernando Cunha, Hercílio Tinoco, Helena Perdigão, Helena Noronha, Henrique Noqueira, Inácio Vasconcelos, Isabel Pinto, Isabel Ferraz, Joaquim Brandão, Joaquim Pais de Brito, João Pereira, Jorge Costa, Jorge Strecht, José Baldaia, José Pereira, José Teixeira, Leonor Figueiredo, Lima, Luciano, Madalena Lobo Fernandes, Marcelo Ribeiro, Manuel Borralho, Mesquita, Miguel Fonseca, Miguel Novais, Natércia Lopes, Portela Duarte, Rodrigo Santiago, Silvío e Sónia Rodrigues. Uma longa lista de nomes, a comprovar o interesse suscitado pelo teatro na Academia de Coimbra.

CONCLUSÃO

Quanto a nós — e apesar de algumas coisas que atrás ficam ditas — foi este o mais débil dos espectáculos que Vitor Garcia montou no Centro de Iniciação Teatral da Academia de Coimbra. Se a escolha da peça nos parece já de interesse muito relativo (e saliente-se a propósito a qualidade e o rigor da tradução portuguesa, cujo autor não vem indicado no programa), a causa principal da irregularidade patente deverá procurar-se no escasso tempo de ensaios. O que será futuramente de evitar.

Mesmo assim, porém, os palcos portugueses necessitam de «sabedorias» como esta. Razão por que bom seria que, regressados de Liège — onde vão dentro de dias representar «O Grande Teatro do Mundo», num Festival Internacional — os actores-estudantes de Coimbra tivessem oportunidade de apresentar o seu trabalho em Lisboa e noutras cidades do País. Mais que não seja, para poder haver uma sempre tão necessária discussão...

MANUEL ALBERTO VALENTE

CHEGA AMANHÃ DE PARIS O GRUPO DAS «BLUEBELL» que vem participar no «show» de inauguração do Casino Estoril

Aproxima-se a data da inauguração do novo Casino Estoril, marcada para o próximo dia 28. À tarde, com uma cerimónia a que presidirá o Chefe do Estado. Como já foi divulgado, no dia seguinte ao da inauguração oficial, o novo Casino Estoril abrirá as suas portas, às 21 horas, para um baile de gala que, certamente, constituirá uma das mais brilhantes manifestações festivas dos últimos tempos. Para este baile foram convidadas as principais figuras da nossa vida política, financeira e artística, esperando-se uma autêntica parada de elegância, tanto mais que é rigorosamente obrigatório o uso de casaca ou far-

da de gala para os homens e de vestido comprido para as senhoras. Durante este baile será apresentado um espectáculo de «music-hall» em que, por direito próprio, Amália Rodrigues figura como vedeta, ainda que no cartaz figurem atracções internacionais de incontestável valor: o «ballet» espanhol de Sara Lezana, o conjunto vocal-musical Maori Hi-Liners, os fantasistas The Chantivels e o famoso «Bluebell Girls Show». As componentes deste admirável conjunto coreográfico — duzia e meia de esculturais bailarinas — chegam amanhã a Lisboa, vindas directamente de Paris. O acompanhamento musical estará

a cargo da orquestra de Jorge Costa Pinto, que actuará também durante o baile, juntamente com o conjunto hípico The Spectrum e Eduardo Nascimento e «Os Rock's».

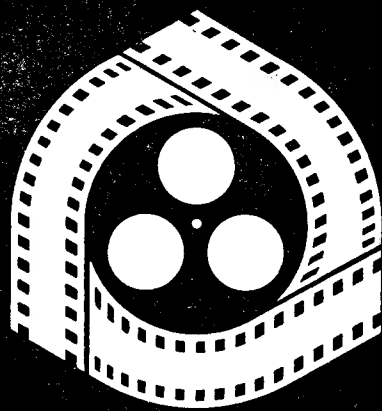
Este espectáculo repetir-se-á nas noites de 30 e 31 de Março e 1 de Abril, nos três bailes de gala já então destinados ao grande público.

Um carimbo comemorativo

Por especial deferência da administração-geral dos C. T. T., toda a correspondência entregue na estação do Estoril durante o dia 28 será marcada com um carimbo especial, comemorativo da inauguração do novo Casino. Desta forma, os filatelistas têm um forte motivo de interesse neste particular do ciclo de cerimónias inaugurais e obtem-se um excelente meio de propaganda do novo Casino e da nossa Costa do Sol, que assim irão recordadas em milhares de sobrescritos.

MOVIERECORD PORTUGUESA

e TELECINE MORO apresentam



FESTIVAL DE FESTIVALS

Sessão especial para apresentação dos Primeiros Prémios do

XIV FESTIVAL INTERNACIONAL DO FILME PUBLICITÁRIO

(Cannes 1967)

FILMES PORTUGUESES PREMIADOS

NOS FESTIVALS INTERNACIONAIS
DE CANNES, VENEZA, NOVA IORQUE, HOLLYWOOD E ANNECY

Comentário

pelo Director e Realizador de Estúdios Moro (Madrid)

SANTIAGO MORO

CINEMA ROMA

6.ª-FEIRA, 29 DE MARÇO DE 1968, 17.30 HORAS

Os Festivais Internacionais do Filme Publicitário realizados pela Screen Advertising World Association (SAWA), organismo representado em Portugal por Belarte, Lda, realizam-se todos os anos em Cannes e Veneza, alternadamente.

VIDA MUSICAL

Segundo concerto da série «Evolução da sonata para violino e piano»

O segundo concerto da série promovida pela Juventude Musical Portuguesa é dedicada à «evolução da sonata para violino e piano», com apresentação de João de Freitas Branco, efectua-se na próxima sexta-feira, às 18 e 30, no Tivoli. O concerto conta com a colaboração de duas das primeiras figuras da interpretação musical portuguesa de hoje: a pianista Nella Maisa e a violinista Leonor Prado.

O programa inclui a «Sonata, em dó menor, op. 30, n.º 2», de Beethoven, e o «Duo, em dó maior (Fantasia)», de Schubert.

O Grupo Coral dos C. T. T. no Centro Paroquial de São João de Deus

O Grupo Coral dos C. T. T., dirigido pelo distinto maestro Frederico de Aguiar, dará um espectáculo de música polifónica, dos séculos XVI e XVII, na sexta-feira, às 21 e 30.

Os convites podem ser requisitados na secretaria do Centro Paroquial.

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES Massiel representará a Espanha no Festival da «Eurovisão»?

(Continuação da 5.ª página)

hábito). Entre os intérpretes, é ainda de destacar o trabalho certo dos dois pilotos (cuja indumentária, de início, se aceita como um gag, de belo efeito, mas depois se vem a transformar numa exploração abusiva de uma situação que se prolonga contra toda a lógica): Tom Courtenay e Colin Blakely. Excelente é ainda a música de Mikis Theodorakis (o compositor grego que saiu da prisão dos «generais» há ainda pouco tempo), bem assim como a maioria das imagens de Walter Lassaly (o notável fotógrafo de «Tom Jones»).

Resumindo, um filme curioso pelo tema e infeliz pela concepção, vindo de um cineasta com obrigações contraídas ao longo de uma filmografia onde avultam algumas obras importantes, sobretudo as anteriores a «Zorba, o Grego», e que pertencem ainda ao seu período genuinamente helénico. Obras: 1953: «Kiriakatiko Xypnima» («O Sonho de Domingo»); 1955: «Stella»; 1957: «To Koritsi me ta Mavra» («A Rapariga de Negro»); 1958: «Fin de Credit» (em França); 1960: «Our Last Spring»; 1961: «The Wastrel» («Ambos em Inglaterra»); 1962: «Electra»; 1964: «Zorba, the Greek» («Zorba, o Grego», de novo na Grécia, com capitais americanos); e 1966: «The Day the Fish Came Out» («Quando o Peixe Saiu do Mar»).

LAURO ANTÓNIO

• NO OLÍMPIA

Título — «A Vingança de Pecos».
Realizador — Maurice A. Bright, 1967.
Intérpretes — Robert Woods, Peter Carsten, Lucia Modugno.

Contrapondo-se em certa medida à figura de Gringo (o americano, quase sempre em luta contra os mexicanos), figura tradicional em tantas co-produções europeias, surge agora a personagem de Pecos, um herói feito à medida de Gringo, mas de ascendência mexicana. Este é o primeiro filme de uma série que promete ter continuação (e o próximo episódio anuncia-se já pa-

ra estreia no mesmo cinema, na semana seguinte: «A Volta de Pecos»). A realização de Maurice A. Bright enquadra-se perfeitamente no que é lícito esperar deste tipo de produção apátrida.

Em complemento deste programa, exhibe-se ainda um filme curioso de um autor americano pouco conhecido: «O Gabinete do Dr. Caligari», de Roger Kay. — L. A.

A ópera «Maria de Rohan» esta noite no Coliseu

Renata Scotte, a maior cantora italiana da actualidade e uma das mais famosas artistas líricas do mundo, estará presente esta noite no Coliseu dos Recreios, na recita popular da ópera «Maria de Rohan», uma das mais belas e difíceis obras líricas de Donizetti, com a qual prossegue a Temporada Popular de Ópera que o Teatro Nacional de São Carlos está a realizar naquela grande e popular sala de espectáculos.

Dirigida pelo conhecido maestro Oliviero de Fabritius, que conduz a Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional, «Maria de Rohan» é interpretada por um grandioso elenco artístico: a cantora Renata Scotte, como dissemos, na protagonista e os distintos cantores Vincenzo Sardinero, Giorgio Merighi, Anna Maria Rota, Giancarlo Luccardi, Armando Guerreiro, Manuel Leitão e Giorgio Giorgetti. A encenação é do regista Roberto Carpio e o Coro do Teatro de S. Carlos foi ensaiado pelos maestros Mario Pellegrini e Carlo Pasquelli. Cenários de Alfredo Furiga.

Esta grandiosa recita popular, um dos mais altos momentos da temporada, começa às 21 e 15.

ORDEM DOS ADVOGADOS

O embaixador da Argentina, prof. Juan Carlos Landó, faz, depois de amanhã, às 21 e 30, no Instituto de Conferência da Ordem dos Advogados, uma conferência subordinada ao tema «Características da Protecção dos Menores na República Argentina».

(Continuação da 1.ª página)

dica — responderam-nos, esta manhã, ao telefone, dos Serviços de Programas da Televisão Espanhola — TVE — em Prado del Rey, Madrid.

E acrescentaram:

— Amanhã (ou hoje à noite, talvez) teremos a decisão final. Mas deverá ser ela, com quase toda a certeza.

— E Salomé, não tem hipótese? Também é catalã, como Serrat.

— Bem... Chegou a pensar-se, efectivamente, em Salomé, mas não será ela...

— Como ela foi uma das intérpretes mais aplaudida de «La, la, la».

— Sim, claro, mas não deverá ir a Londres. «Mañana lo sabemos, seguro, todavia Massiel es la gran candidata».

A «tempestade» aproximava-se

O «escândalo» (como classificam o caso, no meio madrilenho do mundo do espectáculo) andava latente. Os admiradores catalães de Serrat não lhe perdoavam andar a cantar em castelhano, na rádio, no disco, na TV, ele que sempre cantara em catalão. Então, Joan Manuel vai daí e, numa carta aberta ao público, acentua que é

catalão e que tem uma boa versão catalã da canção em causa. E alega: «Sou um cantor catalão, acima de tudo, e, nesta língua, me tenho expresso em canções, desde há quatro anos».

Por seu turno, a televisão acusa-o de «dar significado político» ao Festival.

Num breve comunicado, sublinha que, nos seus programas, o artista já tem tido a possibilidade de cantar, tanto em espanhol como no seu próprio dialecto, mas que, desta vez, numa competição europeia, se torna necessário que a letra seja na língua nacional.

(Assim é, na verdade, estipulado pela Eurovisão, desde que, há três anos, os suecos se apresentaram a cantar em inglês... su cause de melhor colheita de votos, graças a um idioma internacional).

No seu comunicado, a TVE sublinhava: «Como Joan Manuel Serrat não estivesse disposto a aceitar tais condições, defendendo o seu desejo de cantar em Londres, no dialecto da Catalunha, a televisão achou preferível eliminar o seu nome da lista de intérpretes europeus da canção que vão participar no Festival».

Nada impede a substituição

Segundo soubemos, hoje também, na Divisão de Relações Ex-

teriores da R. T. P. (onde o caso Serrat-TVE era largamente comentado) nada impede a substituição a que a sua congénere espanhola vai proceder. É claro que altera e anula todo o material de propaganda já distribuído (notas biográficas, fotos e discos com a interpretação de Serrat), mas para além disso e em face das razões que motivam a substituição, a Eurovisão nada opõe àquela, tanto mais que as interpretações concorrentes têm de ser apresentadas na língua oficial de cada país.

«Ainda ontem recebemos aqui uma valiosa colecção de material, enviado pela TVE, com elementos e discos do Joan Manuel Serrat» — diz-nos D. Manuela Furtado, da R. T. P., a propósito da substituição.

É lançado na quinta-feira o disco português de Serrat

A «bomba» repercutiu, esta manhã, com grande intensidade, também, nos Estabelecimentos Valentim de Carvalho, que tinham (e têm) para lançar em breve o disco gravado, naquela editora, por Joan Manuel Serrat.

Os serviços respectivos logo entraram em contacto com Espanha, com a editora «Zafiro», marca que lança os discos de Serrat, procurando averiguar de concreto o que havia.

«Atás, informou-nos D. Teresa Conde, a «Zafiro» está a enviar todos os esforços para que seja Massiel a nova representante espanhola, pois esta cancionista grava, também, naquela marca.

— É natural, acrescentámos nós. Na verdade, e havendo, como há, toda uma máquina poderosa a agir na promoção das vozes e canções concorrentes, é lógico que tal marca não queira perder terreno e ver desmoronar-se todo o edifício laboriosamente (generosamente) erguido.

— E que canções traz o disco? — Duas cantadas em português: «Poema de Amor» e «La, la la...» — a canção do festival —; e «Mis gal-votas», esta cantada em castelhano.

— Nenhuma em catalão? — É verdade. Sairá na quinta-feira. A capa não necessita de ser alterada, pois diz apenas «Espanha-Eurovisão-68».

— E terá um lançamento inesperado que o transformará em êxito... — Tudo indica que sim.

Não há dúvida, leitor, o caso «Serrat-TVE» serve, inesperadamente, às mil maravilhas ao disco com Serrat em português...

«L'AFFAIRE MANET»

NAS BELAS-ARTES

comentado
por David Lopes

Realizou-se ontem nas Belas-Artes a primeira sessão do ciclo «O naturalismo e o romantismo na Pintura», organizado pelo Cineclub ABC. David Lopes falou demoradamente de David, Delacroix, Courbet, ajudando-se de «slides» e de filmes baseados na vida e na obra daqueles artistas.

Amanhã, pelas 21 e 30, também na Sociedade Nacional de Belas-Artes, David Lopes falará sobre o «Impressionismo» e exhibir-se-ão os filmes «L'Affaire Manet» e «Impressionistes».

A SESSÃO CLASSICA de amanhã no IMPÉRIO com «A VISITA»

A 573.ª sessão de cinema clássico de «Gente de Cinema fala de Filmes» no Império apresentará, amanhã, às 18 e 30, o notável filme de Bernhard Wicki «A Visita», baseado na obra de Dürrenmatt que vimos representada no Teatro Nacional com o título de «A Visita da Velha Senhora».

Ingrid Bergman e Anthony Quinn são os protagonistas admiráveis deste filme extraordinário, fonte de inesgotáveis discussões de ordem social e humana.

O actor Jacinto Ramos que desempenhou no Teatro Nacional um dos principais papéis de «A Visita» profetizará o comentário à película.

O 7.º DIA MUNDIAL DO TEATRO FOI COMEMORADO NO ALMOÇO DO ROTARY CLUBE DE LISBOA

Sob a presidência do dr. Carlos Elias da Costa, o Rotary Clube de Lisboa teve hoje a sua habitual reunião semanal no Hotel Tivoli, com a presença de muitos convidados e rotários de outros clubes, nacionais e estrangeiros.

Feita a saudação à bandeira nacional, o director do protocolo, sr. Alberto Nunes de Carvalho, fez a apresentação dos visitantes.

O secretário, dr. Angelo de Almeida Ribeiro, leu o expediente e deu conta da participação do clube na XXII Conferência Rotária que acaba de efectuar-se em Faro, com grande êxito.

O rotário, professor Erasmo Chaves fez a apresentação de um novo membro do clube e o presidente procedeu à imposição do emblema rotário a esse sócio, reverendo Frederik Bronkema, salientando a importância do facto e o desejo de como rotário contribuir para os ideais de compreensão e unidade expressos em princípios ecuménicos, iniciando assim o preenchimento de uma nova classificação rotária — Religião-Ecumenismo.

O secretário fez a apresentação do palestrante, dr. Luis Francisco Rebelo, advogado, escritor, dramaturgo e crítico teatral, que fez a palestra regulamentar.

A propósito do 7.º Dia Mundial do Teatro, que amanhã se comemora em todo o mundo, o orador aludiu ao significado dessa celebração, que tende a exaltar o Teatro como instrumento de cultura e de compreensão entre os homens. Referiu-se à existência e aos objectivos do Instituto Internacional do Teatro, ao qual se devem a iniciativa e a promoção de tais comemorações. Após uma breve análise da situação actual do nosso teatro, terminou as suas palavras por uma nota de esperança, e leu a mensagem do escritor Miguel Angel Asturias, Prémio Nobel da Literatura de 1967, comemorativa do 7.º Dia Mundial do Teatro.

Recital de canto por Laurindo Garcia no Conservatório Nacional

Realiza-se depois de amanhã, às 21 e 45, na sala do Conservatório Nacional, um recital de canto, por Laurindo Garcia, com a colaboração da pianista Maria Antónia Bonseca.

O espectáculo, cujo programa inclui interpretações de Francisco de Lacerda, Tomás Borja, Purcell, Beethoven, Schubert, Schumann, Cesar Frank, Max Reger, Claude Debussy, Gabriel Fauré e Edward Grieg, é patrocinado pela Casa dos Açores.

A PARTIR DE 1 DE ABRIL

A
QUALQUER HORA
DO DIA OU DA NOITE

marque o seu
lugar na TAP
pelo telefone

560121 - PORTO, FARO E ILHAS
(4linhas)

538851 - RESTANTES DESTINOS
(10 linhas)

TRANSPORTES AÉREOS PORTUGUESES

TAP

Delegação de Lisboa - Praça Marquês de Pombal, 3.

O CONCEITO DE FÉRIAS

Natal, Carnaval e Páscoa inauguram neste ano lectivo as primeiras férias uniformes para todos os graus de ensino. Trata-se obviamente dum benefício, sobretudo no âmbito familiar, que se espera venha a atingir o apuro em anos próximos. Isto porque alguns estabelecimentos de ensino particular, numa visão do problema insuficiente ou lenta, continuam ainda a moldar a duração das férias — seu princípio e seu termo — por perspectivas individuais.

Entretanto, num outro aspecto parece mais difícil de atingir a uniformização: no da concepção de férias.

Para muitos professores, as férias dos alunos (só as dos alunos) representam um flagelo, a calamidade que lhes fará esquecer os conhecimentos armazenados, perder o gosto pelo trabalho, suportar o «penoso fardo de não ter nada que fazer», de que falava Boileau. Contra tantos perigos só restaria uma solução, frágil embora: encomendar aos alunos abundantes «trabalhos de férias». (Não haverá um assomo de paradoxo nesta expressão?). Juntam-se as dezenas de desenhos ou de redacções de tema padronizado, as centenas (o número não é simbólico) de problemas ou de sinónimos de textos, as páginas intermináveis a amortizar — e junta-se tudo isto para cada aluno, numa caricatura de escola para uso doméstico.

Simplemente as caricaturas nem sempre fazem sorrir. Esta talvez consiga levar o aluno consciente a revoltar-se e a saturar-se; ou o aluno inconsciente a incorrer em fraudes — tanto mais que o professor só apreciará depois esses trabalhos em quantidade. No fundo essa revolta e essa fraude merecem justificação e atenuantes. Talvez o aluno também sinta que esses trabalhos de férias — férias tão curtas — são inúteis e contraproducentes. Contraproducentes porque fazem desgostar do estudo, porque levam à negligência e à fixação do erro, porque impedem o repouso psíquico e mental. Inúteis porque não proporcionam (ingénua veleidade a de supor o contrário!) ao aluno, sem um interesse e sem uma motivação, aprender o que não aprendeu na escola.

As férias servem realmente para que os nossos alunos aprendam — mas aprendam o que a Escola não pode ensinar, no contacto com os outros meios e outras experiências, no convívio com os grupos amigos, na entrega franca às suas ocupações predilectas — à leitura, aos jogos, à carpintaria, à música ou à televisão. Melhor que na escola, mas graças à formação da escola, abrem-se então as possibilidades de aprender a ver, a ouvir, a utilizar os sentidos, a observar, as possibilidades de se enriquecer com um mundo e uns horizontes que não cabem nos livros. Depois, os primeiros dias de recomeço de aulas satisfarão perfeitamente para reentrar no «clima», recuperar o tempo «perdido».

Na base da nossa civilização há a liberdade de cada um dos seus ócios — afirmou de Gaulle aos estudantes de Oxford. Seria bom que pensássemos o mesmo em relação aos nossos alunos. — S. G.

LIVROS

- *Clefs pour la pédagogie*
— Jean Giraud
— Seghers — Paris

Imagens duma evolução nos sistemas e métodos de educação. Ensinar é, em primeiro lugar, um ofício. Os métodos educativos: didáctica tradicional, métodos activos e métodos modernos. O que são as ciências da educação. A disciplina. A coeducação.

Casa de Repouso da Enfermagem Portuguesa

Na sede do Sindicato dos Profissionais de Enfermagem decorre, na quinta-feira, às 21 horas, a assembleia geral ordinária da Casa de Repouso da Enfermagem Portuguesa, a fim de deliberar sobre o relatório e contas da gerência do ano findo e o parecer do conselho fiscal.

Continuou a verificar-se a queda de cotações de adubos no mercado internacional

— salienta o relatório do conselho de administração da União Fabril do Azoto

Na sexta-feira, às 10 horas, reuniu-se, na Associação Comercial de Lisboa, a assembleia geral ordinária

CÍRCULO DE CULTURA MUSICAL

Na sexta-feira, às 21 e 15, reuniu-se a assembleia geral ordinária do Círculo de Cultura Musical, Avenida Sidónio Pais, 8, para deliberar sobre o relatório da direcção, as contas e o parecer do conselho fiscal, respeitantes ao ano findo e eleger os novos corpos gerentes.

Salienta-se no relatório a realização de 60 concertos, dos quais 42 nas delegações — 25 na metrópole e 17 no Ultramar. No aspecto financeiro, a posição deficitária, verificada no exercício anterior, atenuou-se bastante, tendo passado de 36 123\$04 para 4102\$15. Este facto resultou de ter sido possível obter o concurso de artistas da mesma categoria por honorários ligeiramente inferiores.

Continua a verificar-se o agravamento das despesas sociais decorrentes dos encargos a liquidar à Caixa de Previdência dos Profissionais de Espectáculos. O activo, igual ao passivo, cifra-se em 842 728\$30.

da União Fabril do Azoto, a fim de deliberar sobre o relatório, balanço e contas do conselho de administração e parecer do conselho fiscal, referentes ao exercício de 1967.

Salienta-se no relatório que «o consumo de adubos azotados na Metrópole e Ilhas Adjacentes retomou a sua marcha ascensional. A produção de amoníaco da fábrica de Alferrarede foi desfavoravelmente afectada pela falta de pluviosidade no Outono do ano passado.» E acrescenta-se que «foram reduzidas as aquisições de amoníaco».

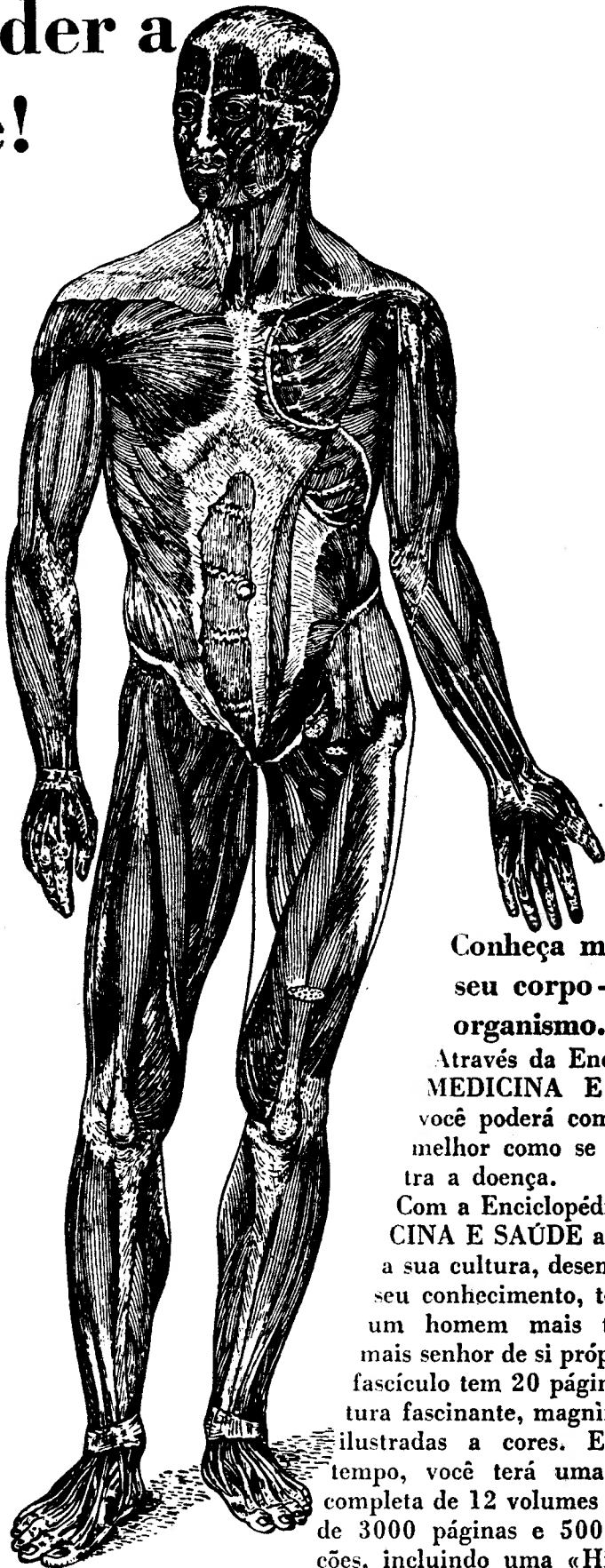
Acentua-se que «continuou a verificar-se a queda de cotações de adubos no mercado internacional». E salienta-se: «A crise do Suez introduziu em Junho de 1967 perturbação importante no abastecimento e preço da gasolina pesada (amoníaco), matéria-prima base do fabrico de amoníaco da fábrica do Lavradio».

Transformaram-se e venderam-se 78 806 toneladas de amoníaco.

O mapa de ganhos e perdas mostra que as vendas desceram de 391 642 777\$20 em 1966 para 385 494 874\$10 em 1967. A diferença corresponde à diminuição do valor das exportações em consequência da queda de cotações.

Obteve-se no exercício um resultado líquido negativo de 1307 601\$71, que, conjugado com os lucros dos exercícios anteriores de 4548 056\$90, dá um saldo de 3 240 455\$19.

Uma colecção que o ajuda a defender a saúde!



Conheça melhor o seu corpo — o seu organismo.

Através da Enciclopédia **MEDICINA E SAÚDE** você poderá compreender melhor como se luta contra a doença.

Com a Enciclopédia **MEDICINA E SAÚDE** aumentará a sua cultura, desenvolverá o seu conhecimento, tornar-se-á um homem mais tranquilo, mais senhor de si próprio. Cada fascículo tem 20 páginas de leitura fascinante, magnificamente ilustradas a cores. Em pouco tempo, você terá uma colecção completa de 12 volumes com mais de 3000 páginas e 5000 ilustrações, incluindo uma «História da Medicina». Leia e coleccione **MEDICINA E SAÚDE**. Isso pode significar muito na sua vida e na vida da sua família. É um indispensável elemento para a formação cultural dos seus filhos.

Medicina e Saúde

um lançamento da



À venda todas as terças-feiras em todas as livrarias e tabacarias do País ao preço de 15\$00 cada fascículo.

LIVRARIA BERTRAND

«AMIGOS DO CONCELHO DE MAÇÃO»

A assembleia geral dos «Amigos do Concelho de Mação», que reuniu na passada quinta-feira, aprovou por unanimidade o relatório e contas da direcção cessante e elegeu os novos corpos gerentes.

Presidirão aos destinos da conhecida agremiação regionalista os srs. prof. José Dias Marques (assembleia geral) e José Rocha (directão).

Sorteio de certificados de aforro

Na sexta-feira, às 10 horas, decorre na sala das sessões da Junta de Crédito Público o 24.º sorteio trimestral de certificados de aforro.

DO ALGARVE, DE COMBOIO

Era completamente escuro lá fora. Mesmo com os olhos e a cara colados ao vidro não via nada a não ser as mesmas pessoas e a mesma carruagem que veria se olhasse para o outro lado.

Devido a umas medidas de saneamento financeiro no orçamento familiar, viajava de 3.ª classe (não, de 2.ª, pois a 3.ª agora passou a 2.ª!). E isto queria dizer Alegria. Sinceridade e espontaneidade. Ali não havia fronteiras pessoais. Cada vizinho era já, a partir de Loulé, um conhecido, de Messines um amigo. Isto havia de durar toda a viagem. Trocavam-se histórias de vidas. A maior

parte eram tristes. Mas havia sempre um pormenor divertido a fazer notar. E todos riam. Espontaneamente. Num desejo de fraternidade e contacto humano, que me envergonhava, a mim, que parecia uma ostra fechada no meu lugar.

As minhas duas companheiras da frente trocavam fotografias das famílias respectivas. A mais velha só tinha pena de não ter ali a fotografia da neta. Era um verdadeiro amor. Mas tinha a do filho. E ela «dava tantos ares ao pai!» Que estava em Angola. E vinha agora no dia 22. Era uma grande alegria. Mas havia ainda outros dois para irem! Sim, tam-

bém estavam ali naquela fotografia de meninos bebés. E agora já homens, prontos para irem para a guerra. O tempo passava tão depressa e os filhos em pouco tempo deixavam de ser nossos! Ela não percebia. Mas a outra compreendia. Ela também tinha tido o dela lá. E tinha voltado. Tudo bem, graças a Deus. E agora estava em França. Tinha casado e emigrado. Ela veria que também tudo lhe correria bem a ela.

Para França iam os do banco ao lado. Na parte da frente uma família que viera a «vacâncias». Pai, mãe e uma filha de 3 anos. «Esta já é lá nasci-

da», dizia a mãe com orgulho, na Clínica de ... e repetia o nome francês da clínica onde a criança tinha nascido. Viviam nos arredores de Lyon. Na parte de trás uma mulher também com uma filha. Tinha vindo cá trazê-la, que ela lá não «prosava». Ficava com os avós. E não era que lhe morria a sogra e ela voltava outra vez com a filha para França. Claro, não ia deixar a criança com o velho. Sempre acontecem coisas. E todos se admiravam sinceramente das partidas que o destino prega. Ter a rapariga vindo de França de propósito e logo a velha que parecia para dar e durar, não havia de morrer! Alguém achou que teria sido dos frios que este Inverno tinha feito. Pois, realmente. Mas o que ela sabia era a despesa que tinha feito e para nada. Para enterrear a velha, comentou um rapaz novo. E tudo deu uma gargalhada aberta e franca.

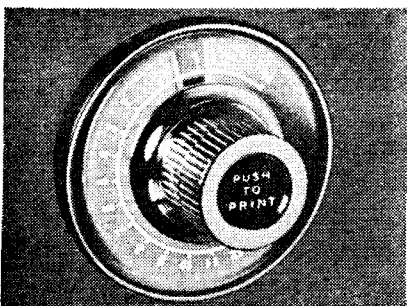
Por trás deste grupo de emigrantes ia um velho, de boina, com a dentadura mais extraordinária que até hoje vi. Dente sim, dente não. Tinha entrado a barafustar contra os 5 escudos que o tinham feito pagar a mais pela marcação do bilhete. Tinha caçado o revisor na primeira altura em que ele tinha aparecido, dizendo: «Mas ó sr. guarda, — (ainda alguém lhe tinha murmurado baixinho que não chamasse guarda ao homem, mas ele era velho, sabia o que fazia e o que dizia) — esta dos 5 escudos é valente! O revisor tinha explicado e tornado a explicar. Mas o velho não se comovia. Era velho, sabia o que fazia e o que dizia. E punha um dedo debaixo do olho, que brilhava e voltava a dizer: «nah, isto é manha! Olhe lá que ainda não compreendi porque raio tenho de pagar dinheiro a mais pelo bilhete. E até Lisboa o velho sempre que apanhava o revisor a jeito, voltava, insistentemente a explicar-lhe o seu ponto de vista sobre o não ter obrigação de pagar a marcação. Nah, que ele era velho, sabia o que fazia e o que dizia!»

Quando, de repente, deu a fome a um e este abriu o saco das comidas, todos abriram os seus. E comeram ao mesmo tempo. Todos com alegria. Não se oferecia nada a ninguém. Cada um abria o seu saco e com a maior naturalidade ia comendo. Devagar. E conversando com o vizinho que comia, também.

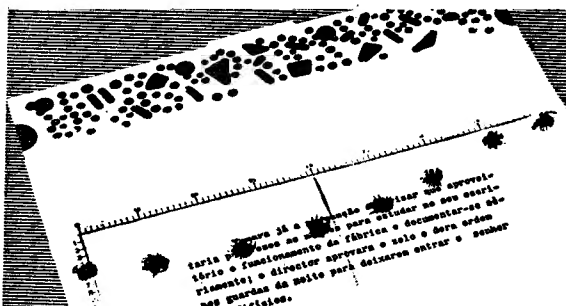
Eu não tinha saco. Não era chique comer no comboio. Só eu entre todos eles. Já não tinha tido conversa, agora não tinha comida. Queria sair do meu mutismo estúpido de burguesa para entrar na festa e não era capaz. Alinhava vezes sem conta frases para lhes dizer e depois... achava-as pretensiosas, parvas e acabava por ficar calada. No fundo, apetecia-me falar com eles. Saber dos filhos que lutavam. Dos que emigravam. Dos que ficavam. Mas mesmo assim não conseguia dizer uma palavra. Aquilo estava-se a tornar desesperante. Sentia-me a mais ali naquela festa onde eu não tinha sabido entrar. A situação tornava-se desesperante. Estava tão furiosa comigo própria que acabei por deitar as finanças para trás das costas e passei para a 1.ª classe, pagando o excesso.

Ah! Se o velhote, que por ser velho sabia o que fazia e o que dizia, aqui estivesse tinha-se por certo pegado a discutir com o revisor por causa do excesso. E desta vez com razão. «Ó sr. guarda, paga a gente mais uma porção de dinheiro e tem que tr aqui quase sem se mexer, se tem sono não pode dormir com medo de risonar, se tem fome não come, sabe Deus porque, se lhe apetece conversar e diz duas graças, fica todo o pessoal a olhar com jeito de tr bater na gente e ninguém responde. Parece que vai tudo zangado uns com os outros. Ainda por cima, vá de pagar mais caro! O revisor ter-lhe-ia explicado que não, que ali era para gente «fina», mas nah... não o convencia. Que ele era velho, tinha visto muito e ouvido muito, sabia o que fazia e o que dizia.

MARIA TRIGOSO



Basta rodar um botão para marcar a quantidade de cópias



De uma vez para sempre os stencils fazem parte do passado.



Maior rentabilidade. e mais lucros em qualquer empresa

Este é o fim dos Stencils!

As máquinas Rank Xerox "eliminam" definitivamente processos antiquados de reprodução. E, com eles, são eliminados, as perdas de tempo, os atrasos administrativos, os gastos inúteis... porque as máquinas Rank Xerox fornecem rapidamente qualquer número de cópias. Directamente do original! Desaparecem para sempre as mãos sujas. O desperdício de papel. As tintas líquidas. As matrizes, stencils e papéis sensibilizados. As máquinas Rank Xerox fazem algo mais do que um duplicador. Ou uma máquina de fotocópias. Reproduzem directamente sobre papel tipo "bond". Numa única operação. Com a maior fidelidade. Originais de todas as cores. Todos os traços: tinta, esferográfica, lápis, carimbo, etc., etc. Existem vários modelos de máquinas Rank Xerox. Cada uma delas apropriada a um tipo de trabalho. Mas as máquinas Rank Xerox não são vendidas. São alugadas. Assim, têm sempre ao serviço da sua empresa o modelo mais adequado. Sem imobilização de capital.

As máquinas Rank Xerox nunca vão sós. Acompanham-nas sempre uma equipa de técnicos que instrue o pessoal da empresa, estuda a mais rentável circulação interna de impressos e as mantém sempre prontas a funcionar. As máquinas Rank Xerox significam maior economia e eficiência em todas as operações. Em qualquer organização. Beneficie também, destas suas qualidades. Porque não nos consulta hoje mesmo?

Telefone para:
63 99 51 (Lisboa), 670 58 (Porto) •
270 47 (Coimbra)

RANK XEROX LIMITED
Sede:
Av. António Augusto de Aguiar, 106
Lisboa

* Rank Xerox e Xerox são marcas registadas da Rank Xerox Limited



Toda a organização é mais eficiente com Rank Xerox

TORRALTA

CLUBE INTERNACIONAL DE FÉRIAS, S.A.R.L.

CAPITAL SOCIAL: 100.000.000\$00
DIVIDIDO EM 100.000 ACÇÕES DE 1.000\$00,
DAS QUAIS 80.000 ACÇÕES (GRUPO B)
SÃO DENOMINADAS

TÍTULOS DE FÉRIAS

(25 ACÇÕES)

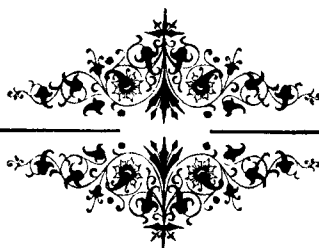
que têm, além do dividendo normal, os privilégios seguintes:
10 DIAS DE ALOJAMENTO gratuito em cada ano, indefinidamente,
para 2 pessoas, em quarto com casa de banho privativa
nos hotéis ou apartamentos da Sociedade:

GOLFINHO HOTEL
Praia D. Ana (Lagos)

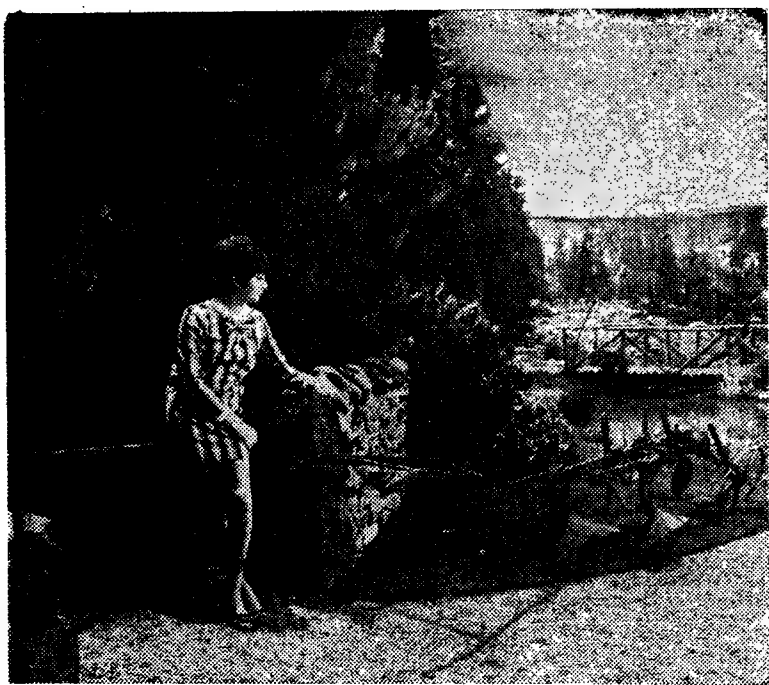
CONJUNTO TURÍSTICO DA PRAIA DE ALVOR
(Algarve)

20% DE DESCONTO
no Restaurante, bem como em todos os serviços,
durante o alojamento e seu prolongamento.

NOTA: Se não quizer utilizar os privilégios a que tem direito
anualmente, TORRALTA adquire-os a um preço já por si
inteiramente compensador, sem prejuízo dos dividendos.



INFORMAÇÕES: Av. Duque de Loulé, 66-A — Lisboa



«A casa ideal» — eis uma exposição que, em Londres, tem atraído numeroso público. A gravura mostra um jardim de 1908, adaptável ainda a uma casa moderna segundo os orientadores do certame

Os caçadores apanharam uma raposa...

MONTARGIL, 26 — Na herdade de Horta-Velha, desta freguesia, efectuou-se mais uma batida às raposas. A pesar de haver muitas nesta região, só foi apenas abatida uma, pelo sr. Joaquim Manuel Pina, famoso caçador desta vila.

Outros atiradores revelaram falta de calma e de pontaria, pois deixaram fugir vários exemplares. A organização das batidas está a cargo dos guardas da Venatória do posto desta vila.

Dizem os leitores...

A SITUAÇÃO DOS EMPREGADOS DE MESA

Do sr. Manuel Baptista Ferreira, empregado na indústria hoteleira, recebemos esta carta:

«Sou leitor do vosso jornal e tenho seguido com particular interesse os artigos publicados sobre a eliminação da gorjeta, substituída pela percentagem autorizada, porque me encontro directamente ligado ao assunto que está a ser tratado. Sabemos que, em princípio, a

ideia era de 15 por cento; depois aceitou-se a hipótese dos 18 por cento. Sou profissional da indústria hoteleira há mais de 20 anos, e sei, por experiência própria, que as pretensões do pessoal — taxa de 20 por cento — não são de modo algum exageradas nem constituem maior encargo para o cliente.

Era absolutamente lógico e justo que em serviço de cafetaria essa taxa passasse a vigorar, por serem normalmente de verbas diminutas as vendas que fazemos em comparação com o serviço de restaurante e cervejaria, onde cada mesa regista uma venda sempre de elevada importância.

Prevenido o cliente de que não deve gratificar e não ter 20 por cento sobre as vendas, quantas vezes tão fracas, não é ajudar os empregados de café: é complicar-lhes a vida.

Temos defesa em serviços de restaurante e cervejaria com a taxa de 15 por cento, onde, como já disse, se fazem verbas elevadas, comparadas com os cafés, chás e lanches, que se servem na secção de cafetaria; aí, só os 20 por cento podem corresponder a uma melhoria das actuais condições de vida de uma classe tão numerosa como trabalhadora.

Já li diversos depoimentos de

colegas meus publicados no vosso jornal; porém, se fosse feito um inquérito na zona de Alguís verificaria-se a ser opinião geral o que exponho nesta carta.

Origem criminosa na trágica deflagração de um explosivo?

Referimo-nos ao caso, tal ele foi divulgado, de uns trabalhadores que ficaram feridos, na Herdade do Meleiro, no concelho de Fronteira, pela deflagração de um explosivo por eles encontrado no chão.

Escreve-nos, daquela vila, o sr. Manuel Luís Vêlez Namorado, que pormenoriza o facto:

O explosivo rudimentar em que se falava era nada menos do que um explosivo em forma de garrafa de dinamite de bicicleta, conforme os companheiros de trabalho o dizem, e do que se infere seria uma granada. Também na maneira de contar a coisa, se diz que aquela explodiu quando o trabalhador Manuel Travassos Garcia a abria com uma machada, mas ele nem lhe chegou, sequer, a tocar. O dito explosivo deve ter deflagrado quando ele tentou ou tirou mesmo a alavanca de segurança. Dissesse, ainda, que o Garcia ficou ferido, de tal forma que foi transportado para o hospital de S. Maria. Ora, ele ficou logo morto, em estado horrível. Foi sim, transportado para Lisboa o companheiro que se encontrava junto dele e o qual parece também já ter falecido.

Supõe-se que o respectivo explosivo tenha sido atirado para a propriedade, com intenções de matar, assustar ou assombrar os pombos bravos, pois a propriedade é muito frequentada por essas aves no tempo próprio. Ora, como a dita propriedade é vedada e o proprietário não deixa ali caçar, isso os teria levado a proceder desta forma. Os criados, que permanecem no respectivo monte, dizem ter ouvido, certa noite, grandes estrondos, iguais ao mesmo, e que, no dia seguinte, apanharam grande quantidade daquelas aves mortas. Por isso se depreende que homens sem escrúpulos fossem ali deitar explosivos desta natureza e que, assim, originaram a perda de duas vidas e a infelicidade em dois lares.

Novo arcebispo de Paris

O Papa Paulo VI nomeou monsenhor François Marty, arcebispo de Reims, para a Sé arquiepiscopal de Paris, sucedendo assim ao cardeal Pierre Veuillot que faleceu no mês passado.

Monsenhor François Marty tem 64 anos. É natural de Aveyron e filho de agricultores. É formado em Teologia, endo-se ordenado em 28 de Junho de 1930. Foi elevado à dignidade episcopal em 1952, sendo nomeado arcebispo de Reims desde 1960.

É vice-presidente do conselho permanente do episcopado francês, cargo que sucedeu ao cardeal Garrone.

Agora toda a gente pode usar

Dentes postiços des preocupadamente.

Coma, fale, ria ou espirre sem receio de que lhe caia, mova ou abale a dentadura postiça mal fixa. DENTOFIX mantém as placas ajustadas firmemente dando maior conforto. Este pó agradável não dá gosto ou sensação gomosa ou pastosa. Não provoca náuseas. É alcalino (não ácido). Elimina o mau hálito das dentaduras. Peça Dentofix em qualquer farmácia, drogaria ou perfumaria.

Em ALVERCA o «DIÁRIO DE LISBOA» encontra-se à venda na «BACARIA CAMPINAS, Rua Joaquim Sabino Paris, 18-A.

os shampoos lavam... o tónico stilbépan alimentaria

... Sim, é verdade que os melhores shampoos lavam perfeitamente.

Essa é a sua função: os shampoos devem lavar.

Contudo, o cabelo para ser forte e saudável precisa também de um alimento próprio, de um tónico, de um alimento complementar.

Ora, Stilbépan é o único composto biológico que contém vitamina B pantoténica. Por isso Stilbépan age mais eficazmente sobre os processos responsáveis pela saúde e crescimento do cabelo. Assim como V. exige o melhor shampoo exija também o melhor tónico. Stilbépan responde a toda a sua exigência.

A exigência de qualidade que caracteriza o homem autêntico. Você.



STILBÉPAN — mais do que uma loção... um tónico!

Assembleia Geral da SACOR

Reuniu-se a Assembleia Geral Ordinária da Sacor, sob a presidência do Sr. Prof. Doutor José Gabriel Pinto Coelho, secretariado pelo Sr. Dr. Mário de Castro Arez e pelo Sr. Joseph Cohen, para discussão, apreciação e votação do Relatório e Contas relativos ao exercício de 1967, e para proceder às eleições para as vagas existentes na Mesa da Assembleia Geral e no Conselho de Administração.

Na apreciação, na generalidade, usou da palavra o Sr. Presidente do Conselho de Administração, Sr. Prof. Doutor João Pinto da Costa Leite (Lumbrals), para pôr-se à disposição dos Srs. Accionistas, a fim de prestar-lhes quaisquer esclarecimentos que porventura desejassem.

Trata-se de um extenso documento acompanhado de dados estatísticos e de um Balanço, devidamente desenvolvido, o qual se inicia pela análise do ano «petrolífero» de 1967 e das consequências da guerra dos seis dias e respectiva interrupção do tráfego no Canal do Suez, nas possibilidades imediatas e nas perspectivas futuras de abastecimento do Mundo Ocidental em petróleos brutos. Analisa também as perspectivas e tendências a longo prazo da economia petrolífera mundial.

Relativamente à actividade da Sacor no ano transacto, e em face do condicionalismo decorrente dos acontecimentos do Médio Oriente, o Relatório sublinha o papel então desempenhado pela Sacor, que contribuiu largamente para que o País suportasse sem perturbações, no que toca a combustíveis líquidos, o impacto daquela conjuntura.

Referido o esforço exigido à Refinaria de Cabo Ruivo que, em 1967, deu o seu máximo, tratando mais de 1 800 000 toneladas de ramas — e que assim pôde satisfazer plenamente não só as exigências crescentes da distribuição directa da Sacor, como também a maior parte das dos outros distribuidores, pelo cumprimento dos contratos de trabalho a feito com eles firmados — o Relatório sublinha o grande esforço e intenso trabalho exigidos pela construção da Refinaria do Porto, cujos trabalhos deverão prosseguir em 1968 a um ritmo cada vez mais acelerado, de modo que os atrasos, sempre possíveis num empreendimento industrial que é o maior e mais complexo até hoje executado no nosso País, sejam reduzidos ao mínimo.

No que respeita ao capítulo de produção e distribuição, verifica-se que se acentuou, no decurso do ano transacto, a marcha ascensional que o consumo nacional de combustíveis líquidos vinha acusando; com efeito e relativamente ao ano anterior, o consumo metropolitano dos produtos mais importantes aumentou 9,7 %, sendo esta a maior taxa de crescimento dos últimos anos e que contrasta com a de 4,1 % verificada entre 1965 e 1966. Relativamente às vendas efec-

tuadas exclusivamente através da sua rede de distribuição registou a Sacor um aumento global de 14,5 %.

No que respeita à actividade económica e financeira, refere o Relatório que se acentuou, como era natural, a diminuição da anormal liquidez que caracterizava os balanços anteriores e que derivava da antecipação das operações financeiras destinadas à cobertura dos investimentos relativos à Refinaria do Porto, cuja realização progressiva aumentou fortemente o activo imobilizado.

Analisadas as diferenças registadas nas diversas rubricas do Balanço, verifica-se que este, em 31 de Dezembro de 1967, apresenta, quanto a condições de exploração, uma sólida estabilidade e que as diferenças aliás avultadas, que nele se notam, correspondem no Activo e no Passivo a os importantes investimentos em curso e que não-de, de futuro, tudo o indica, mostrar rentabilidade plenamente satisfatória.

Falou o Sr. Comendador António Augusto Nogueira da Silva que, depois de saudar os Accionistas e referir às particulares razões de estima e amizade que o ligam à Empresa, cuja existência acompanha desde os tempos da sua fundação, disse que em Novembro do ano findo, ao assistir à inauguração oficial das instalações industriais da Petróleo-Mecânica Alfa, em Guimarães, uma das empresas cuja criação se deve ao poder de iniciativa da Sacor, ouvira as importantes afirmações do ilustre Presidente do seu Conselho de Administração, sobre os esforços desenvolvidos para o aproveitamento das riquezas petrolíferas da nossa Província de Angola.

Tais afirmações, dado o alto prestígio da pessoa que as fez, foram recebidas com o mais vivo regozijo público, tanto pelo que já tinha sido realizado, como pelo que se propunha realizar.

Nesse acto, como era evidente, não lhe fora possível testemunhar o seu aplauso e reconhecimento pessoal ao Senhor Presidente do Conselho de Administração. Fazia-o agora com o maior prazer pedindo a Sua Ex.^a que aceitasse o seu sincero agradecimento.

Mas, reputando do mais alto interesse, as declarações então feitas — e aqui estava a razão da sua intervenção — gostaria que Sua Ex.^a, se porventura lhe fosse possível nesse momento, dissesse alguma coisa mais, por pouco que fosse, sobre os resultados já obtidos e sobre as perspectivas que se lhe entrevêm.

Estava certo de que aquilo que Sua Ex.^a pudesse dizer, seria ouvido pela Assembleia com a maior atenção e interesse, e apreciado por todo o País, se este tivesse oportunidade de o conhecer.

Desde já agradecia ao Senhor Presidente do Conselho de Administração, fosse ela qual fosse, a resposta que houvesse por bem dar ao seu pedido, que esperava não fosse considerado impertinente.

O Sr. Professor Lumbrals começou por dizer que com muito gosto respondia aos esclarecimentos pedidos e prosseguiu declarando que a Angol, designada para realizar com a Petrangol um contrato de associação em condições particularmente difíceis, com o seu capital reforçado em 100 mil contos, dos quais 50 mil foram subscritos pela Sacor, realizou esse contrato, após o que a Associação referida começou imediatamente a sua actividade.

Além disso, recebeu a Angol, directamente, concessões para

exploração de petróleos em algumas áreas da província de Angola, sob condição de, no prazo de dezoito meses, propor ao Governo a associação com outras empresas idóneas para completa execução dos programas de pesquisa estabelecidos.

Tudo isto foi acompanhado de um programa financeiro que implicava responsabilidades pesadas para a Sacor, uma vez que esta se comprometia a dar o seu aval, na proporção em que tinha subscrito o aumento de capital, às operações que a Angol tivesse que realizar para garantir a completa execução dos planos de pesquisas.

Logo após a assinatura do contrato com a Petrangol, se deu início aos trabalhos da Associação, em cujos encargos, nos termos do referido contrato, cabem à Angol, durante cinco anos, 60 % e apenas 40 % à Petrangol.

Certa passagem de uma entrevista ultimamente vinda a lume poderá, talvez, suscitar dúvidas que não estavam certamente no espírito do entrevistado, sobre se a Angol estará disposta a acompanhar, na parte que lhe cabe, os planos da Associação mencionada, mas não há qualquer razão para elas. Não deixou a Administração da Angol de pedir oficialmente ao representante do Governo na referida Associação, que é o Presidente da Comissão Directiva, lhe fosse comunicado se havia por parte da Angol alguma restrição ou falta de cumprimento relativamente à contribuição que lhe cabe dar para os planos referidos. E logo recebeu a confirmação de que não havia qualquer dúvida a esse respeito.

Em suma, nos investimentos feitos através da Petrangol como operadora da Associação referida, 60 % representam encargo da Angol, e deve notar-se que neles se compreendem, não apenas as despesas de pesquisa, mas até uma parte das despesas de administração da Petrangol.

Esta disparidade na repartição dos encargos correspondentes aos trabalhos realizados nos domínios da Associação Petrangol-Angol manter-se-á até que atinja um valor total de 200 mil contos, o que representará reembolso à Petrangol de parte dos 450 mil em que foram avaliados pelo Governo os investimentos por ela realizados nas zonas objecto da Associação, anteriormente à constituição desta. A compensação dos restantes 250 mil contos será dada à Petrangol pela atribuição de uma parte dos 50 % que cabem à Angol na produção de petróleos brutos que a Associação venha a obter.

De tudo isto resulta que, tendo em conta as produções até agora conseguidas, a contribuição em dinheiro da Angol para

os trabalhos do mesmo período atinge mais do dobro da da Petrangol.

Estas condições extremamente onerosas para a Angol justificam a concessão do direito exclusivo de pesquisas e exploração em outras áreas e a licença que lhe foi prometida para a oportuna construção de uma refinaria no Lobito.

A Angol tem cumprido rigorosamente aquilo a que se obrigou.

Em meados do ano passado procedeu à emissão na Província de Angola de mais 100 mil contos de capital para cumprimento do programa financeiro inicial.

Esse capital foi subscrito na sua totalidade, e é a primeira vez que uma empresa com responsabilidades na prospecção de petróleos no nosso País abre subscrição pública na Província ultramarina directamente interessada para aumento do seu capital, fazendo, assim, participar por esta forma a economia da Província nas responsabilidades, mas também nas perspectivas de rendimento daquela actividade.

Por outro lado, no fim de 1967, tinha já acordado, em princípio, a participação de duas grandes empresas internacionais nas prospecções e exploração das zonas que lhe haviam sido dadas em concessão directa e, em vista disso, pôde apresentar ao Governo, subscrito pelos dois accionistas responsáveis por aquele programa — a Sacor e o Grupo do Banco Borges & Irmão — o plano financeiro complementar que foi aprovado e garante a realização do programa global de pesquisas, sem necessidade dos compromissos de aval a que atrás se fez referência.

Dos contratos de associação acima referidos, um, a realizar com a Compagnie Française des Pétroles — grande empresa a quem nos ligam tantos e tão antigos laços —, está praticamente concluído e deve entrar em vigor dentro de poucas semanas; o outro encontra-se na fase de negociações finais e tudo faz prever possa formalizar-se também em breve prazo.

Quer dizer, durante este período, a Angol cumpriu inteiramente o programa financeiro que para ela estava traçado e realizou acordos de associação que obedecem aos termos da concessão que lhe foi dada e asseguram a completa realização dos programas fixados pelo Governo.

Pelo que se refere aos resultados até agora obtidos no âmbito da Associação e como se diz no relatório em discussão, foi encontrado na zona do Cuanza e entrou em exploração uma estrutura — a de Mulenvos — que tem dado uma produção modesta, mas que, em todo o caso,

compensa os investimentos feitos directamente na sua descoberta e entrada em produção. Mais importante parece ser a descoberta do jazigo de Quenquela que, no fim do ano, se revelou com possibilidades de produção que têm vindo sucessivamente a ser pesquisadas e medidas.

Prosseguem os trabalhos para determinação das reservas recuperáveis desta formação, mas tudo indica que ela poderá dar alguns centos de milhares de toneladas por ano de um petróleo de muito razoável qualidade.

Isto abre boas perspectivas, não só à exploração de formações semelhantes na zona terrestre do Cuanza, como ainda às explorações off-shore na mesma zona e na do Congo.

Deve-se acrescentar que as prospecções da Associação nas zonas marítimas se encontram em andamento, devendo começar em breve, nos termos do contrato já realizado, os trabalhos de perfuração submarina.

As perspectivas das actividades de prospecção da Angol são, portanto, animadoras, não só sob o ponto de vista das colaborações técnicas e financeira que obteve para a exploração das suas concessões directas, como pelos resultados que se vão alcançando e que, espera-se, melhorarão ainda nos domínios da Associação em que, insiste-se, lhe cabe, por enquanto, a maior parte dos encargos.

Agradeceu o Sr. Comendador Nogueira da Silva, dizendo que verificava com enorme prazer que o seu pedido não fora impertinente e que todos poderiam felicitar-se pela confiança que têm depositado em S. Ex.^a e nos seus Ex.^{as} Colegas que tão dedicada e eficientemente vêm presidindo aos destinos da Sacor. Acrescentou que dessa forma têm prestado ao País grandes e valiosos serviços e que fazia votos para que pudessem continuar a prestá-los por muitos anos.

Seguidamente foram aprovados o Relatório, Balanço e Contas, por unanimidade dos Accionistas presentes, que representavam a quase totalidade do capital social.

A Assembleia aprovou também uma proposta para atribuição de uma gratificação especial ao pessoal da Empresa, por conta dos lucros do exercício findo.

Procedeu-se depois às eleições para as vagas existentes na Mesa da Assembleia Geral e no Conselho de Administração, tendo delas resultado a eleição do Sr. Prof. Doutor José Gabriel Pinto Coelho, da Total Trading International S. A. e da N. V. Internationale Effecten-en Creditbank «ITEC» para, respectivamente, Presidente da Mesa da Assembleia Geral e Administradores.

VAUXHALL



68

NOVO
MODELO

102

1600 e 2000 c.c.

LICAR

peça uma demonstração e condições na

Av. CASAL RIBEIRO, 48 A e C

CONCESSIONÁRIA DA GENERAL MOTORS

DIÁRIO DE EVA

Na moda o veludo canelado em cores cintilantes

Talvez haja mal em gostar de borboletas

Tenho os ombros curvados. Não pergunto hoje, em desafio, que mal há em gostar de borboletas? Porque talvez haja mal em gostar de borboletas. Isso desanima-me.

Há borboletas brancas e borboletas coloridas. Há borboletas bonitas e outras menos bonitas. Eu sei que há borboletas, mas não são nossas, são delas, não se devem agarrar, para que continuem a ser belas e vivas.

Já têm chamado borboletas às mulheres. Pela sua inconstância. Pelo seu querer e não querer. Por parecerem seguir em direcção incerta. Mas eu, que cada vez conheço mais mulheres, consolido a minha confiança nelas, nos seus problemas reais, nos seus dramas que passam despercebidos aos homens, que as não querem aceitar na sua realidade, mas na imagem que delas idealizaram. Apesar de tudo, quase sem se dar conta, os homens preferem os mitos em que foram embalados na sua infância.

As mulheres afirmam-se cada vez mais inteligentes e

mais sensíveis. Parece que devia ser consoladora esta verificação, mas não, pelo contrário. É por isso que estou quase a concluir que talvez haja mal em gostar das borboletas.

As mulheres inteligentes, com uma personalidade definida, serão sempre mais infelizes do que as outras e grande número delas estão condenadas à solidão. Porque os homens têm medo das mulheres inteligentes. Só porque são inteligentes fulgam-nas complicadas, quando elas são talvez mais simples e lúcidas. A lucidez parece incomodar até os homens ditos inteligentes.

Os homens não estão habituados a conversar com as mulheres. Falam com elas de amor e de sexo e só falam porque não chegou ainda a altura de passar à acção. É absurdo que os homens e as mulheres não consigam dialogar a respeito do panorama do mundo. Certamente que há excepções, mas poucas, tão poucas! Gosto da juventude, confio na juven-

tude. Ela concederá à mulher um lugar diferente na sociedade do futuro. Esperemos e lutemos por isso.

A. de S.

Essa colecção impõe-se pelas cores cintilantes, cuja gama de cambiantes vai desde o fino pastel até aos tons carregados. Cento e sessenta a quatrocentos grammas é o peso que estes tecidos de veludo apresentam por metro quadrado.

Uma das principais organizações europeias de fabricantes de veludos canelados, a empresa têxtil de Voralberg, acaba de criar uma série de padrões coloridos (Mexicana Look), para os chamados veludos de Manchester e veludos laváveis, que serão usados no próximo Verão.

COISAS DE MULHERES...

Feminismo de antanho...

«O que os autores mais comentam é o pouco entendimento das mulheres, mas que diriam elas se também escrevessem sobre o número infinito de homens loucos? Eles discorrem assim contra o sexo feminino superficialmente, e sem reflexão, por verem que as mulheres só sabem os ministérios domésticos a que são destinadas; e daqui inferem que não têm capacidade para outras coisas, sendo notório que muitas souberam e sabem ainda hoje governar e fundar comunidades religiosas, restabelecer grandes casas e reger monarquias. Ninguém sabe mais do que aquilo a que se aplica; e daqui colige que a capacidade não se estende a mais. Qualquer, por grande engenho que tenha, parece rude, parece de pequeno talento querendo exercer obras a que nunca se aplicou.

«Uma mulher de bom juízo, de delicado talento vive dentro em sua casa ocupando o seu pensamento todo o dia no governo da sua família sem ouvir, e se ouve é com descuido matérias que não lhe importam por serem de superior esfera. Como pode ser insigne em letras, ciências e em maiores conhecimentos?»

Estas frases foram escritas em 1785 por um capelão de D. Maria I para «mostrar aos vindouros que ela foi PROTECTORA de seu sexo contra as mentirosas opiniões dos antigos escritores». Do prefácio da reedição duma obra do lente de Coimbra dr. Rui Gonçalves escrita em 1557 em honra da rainha

Viva o carapau da esperança!

Numa carta um tanto surrealista, mas cheia de optimismo e simpatia humana, escreveu-nos um dia um amigo:

— Viva o carapau da esperança!

O carapau também é preciso na vida. O carapau, as sardinhas e os pimentos assados. O carapau-coisas-práticas, comezinhas, mas que dão o justo equilíbrio aos problemas graves que todos mais ou menos temos de enfrentar. O belo carapau-esperança, que não é literatura, mas a realidade de todos nós, capazes de, nas coisas simples, haurir alegria.

Lembramo-nos do famoso carapau de esperança que, de certo modo, nos tem servido de alguma coisa desde que uma voz se ergueu a clamar a sua validade, quando verificamos no Mercado de Alvalade ter o carapau dos pobres deixado de o ser.

O carapau da mesa dos pobres, bem frito, sem qualquer metafísica de esperança tornou-se raro e caro. Carapau a 20\$00 o quilo, calculem! As donas de casa já tinham calculado bem o que isso significa... Com toda a certeza! Significa despesa a mais e dinheiro a menos. Porque há o hábito do carapau, alimento pobre, não só de pobres, mas do qual o pobre aprendeu a gostar. Nós que aderimos ao carapau de esperança com entusiasmo, vemos tristemente milhares de pessoas ficarem sem o seu carapau-peixe, inacessível, por caro e raro. Porquê? Os italianos tornar-se-iam também apreciadores do carapau, como já se tinham tornado do robalinho? Ou então os franceses, que levam o nosso linguado grande... Ai o carapau dos pobres, que é feito dele? Internacionalizou-se? Fugiu ou quê? Como o reconquistar?

De faca em punho, agressiva, mas sem más intenções, diz a peixeira: — Se não queria levar porque mandou cortar o peixe?!



MANHÃ NA PRAÇA

RONDA SEMANAL DOS MERCADOS DE LISBOA

- PREÇO DOS PRODUTOS
- Vimos o pé de alface a 1\$50 e 2\$00; do alho francês, a 1\$50; cada nabo, a \$50; a murcianna, a 1\$50 e 3\$50; a couve-flor, a 4\$00, 5\$00 e 7\$00; a lombarda, a 3\$50; e a couve portuguesa, a 1\$50, 2\$00 e 2\$50.
- O molho de agriões estava a 1\$00; dos grelos, a 3\$50; dos espinafres, a 2\$50 e 5\$00; da beterraba, a 6\$00; dos rabanetes, a 5\$00; dos bróculos, a 7\$50; e das nabijas, a 4\$00.
- O quilo da cenoura vendia-se a 2\$50 e 3\$00; da ervilha de grão, a 7\$50 e 8\$00; das cebolas, a 1\$50; dos pimentos, a 24\$00; do tomate, a 18\$00; da abóbora, a 4\$00; e da batata, a 2\$10.
- PEIXE
- O quilo da pescada branca estava marcada a 28\$00, 28\$90 e 30\$00; do robalinho, a 28\$00; do gorás, a 24\$90; do linguado, a 38\$00 e 40\$00; das lulas, a 21\$60 e 25\$00; do sável, a 22\$00; do chicharro, a 9\$90; dos chocos, a 15\$90; do camarão, a 40\$00; do berbigão, a 5\$00; da ameijoia, a 25\$00; da conquinha, a 10\$00; da garoupa pequena, a 18\$00; do carapau grande, a 7\$90, e pequeno, a 20\$00; dos rabos de pescada negra, a 16\$80; da pescada negra, a 14\$00, 18\$00 e 22\$00; do polvo, a 10\$00 e 12\$00; do peixe-espada, a 15\$00; do parvo, a 29\$70 e 30\$00; dos salmoreios, a 48\$00 e 50\$00; do linguado, a 32\$00 e 36\$00; da pescadinha de rabo na boca, a 12\$00 e 17\$90; do cachucho, a 13\$40; das cartas, a 26\$40; do pregado, a 30\$00; da sardinha, a 12\$00; das bogas, a 14\$00; e da dourada, a 26\$00.
- FRUTA
- Vimos o quilo das nêsperas a 10\$40; dos limões, a 6\$00; das bananas, a 8\$00, 10\$00 e 12\$40; das peras, 18\$20; das laranjas, 5\$00, 6\$00, 7\$80, 8\$50 e 9\$10; das tangerinas, a 4\$50, 7\$80 e 10\$40; da maçã reineta, a 11\$50 e 15\$60; do pêro casanova, a 11\$50, 13\$00 e 14\$30; do pêro «golden», a 12\$50, 14\$30 e 15\$60.

- CRIAÇÃO E FLORES
- O quilo do frango morto estava a 26\$00, assim como o da galinha; do coelho a 33\$00, e vivo, a 25\$00. A dúzia dos ovos marcava a 9\$50, 10\$30, 11\$00 e 11\$70.
- Quanto às flores, vimos a dúzia dos jarros a 12\$50; dos lírios, a 15\$00; dos cravos, a 30\$00; o molho dos rainúnculos, a 12\$50; dos malmequeres, a 5\$00; e das maravilhas, a 5\$00.
- DONA DE CASA

Foram abatidas três raposas

MONTARGIL, 26 — Na herdade denominada Charnequinha, desta freguesia, houve mais uma batida às raposas. Apesar de terem aparecido sete, os atiradores mataram só três, o que revela fraca pontaria...

O sr. António Pina matou duas e o sr. Jorge Mendes Pina uma.

receba em sua casa

FIOS PARA TRICOT

Grátis, um catálogo de fios para tricot. — Basta recortar e enviar o cupão...

Indústrias Cambournac criou um fio extraordinário, nas mais belas cores da moda! E não esqueceu também a sua comodidade. E senão veja: ao escolher a cor preferida entre as 24 cores do «seu» catálogo, escreva um postal indicando o número dessa cor e receberá em sua casa a quantidade que quiser, mesmo que seja um só novelo! ...e se habita em Lisboa, então que rapidez! Temos um serviço de entrega ao domicílio (carros equipados com rádio-telefone). Uma simples chamada para: 32 6415, 68 9076, 76 03 93, 78 08 19 e rapidamente receberá a encomenda desejada.

Um fio de qualidade! (não feita nem desboto) ...E sempre um preço de fábrica!

indústrias CAMBOURNAC (Casa fundada em 1846)

grátis

Recorte este cupão e remeta-o para Indústrias Cambournac, Largo da Anunciada — Lisboa

Desejo receber sem qualquer compromisso o «Catálogo Cambournac de Fios para Tricot»

NOME

MORADA

D. L.

DIAS DE ESTUDO SOBRE O III PLANO DE FOMENTO NO INSTITUTO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ÉVORA

A POLÍTICA DE INDUSTRIALIZAÇÃO AINDA NÃO CONSEGUIU FIRMAR NOVO RUMO

—AFIRMA O DOUTOR FRANCISCO PEREIRA DE MOURA

No Instituto de Estudos Superiores de Évora prosseguem, hoje, os «Dias de Estudo sobre o III Plano de Fomento», interessante e oportuna iniciativa, que abriu com uma conferência do prof. dr. M. Jacinto Nunes, seguindo-se outra do sr. dr. João Salgueiro — da qual demos, na nossa edição de ontem, um amplo resumo.

A conferência de hoje versa sobre «A indústria no III Plano de Fomento», e é proferida pelo sr. dr. Francisco Pereira de Moura, do Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras. O orador começa por realçar que tem a maior oportunidade esse ciclo de estudo sobre o III Plano de Fomento, uma vez que um plano constitui a linha de orientação e impulso do progresso social e económico; no caso português ainda essa importância é acrescida por termos estado, nos últimos anos, numa situação de marasmo e de falta de definição de orientações, como reconheceu o Plano «Inter-calar».

● A indústria: sector «motor» do Plano de Fomento

Dentro do plano, a indústria é o sector motor, a par da construção e do turismo; e não é difícil verificar as razões da relevância da indústria. Importa, pois, ver o que diz o plano nessa matéria, quais perspectivas abre ao desenvolvimento industrial do País, passando, depois, à visão crítica de tudo isso. A propósito de quanto pareça erróneo ou insuficiente, procura-se analisar as causas de tal situação, designadamente no que respeita à orgânica e aos processos de preparação do plano.

O crescimento previsto para o sector das indústrias transformadoras — acentuou o sr. dr. Pereira de Moura — é de 9% ao ano, a confrontar com 8,8% do período 1953-63; e, naturalmente, aparecem taxas diversificadas de uns para outros sectores, desde os 5% nos têxteis (em baixa conjuntura), até aos 12% nas indústrias mecânicas.

A acumulação de capital progredirá a + 8,5% ao ano, ao passo que, anteriormente, seguiu ao ritmo de 13% — o que significará esperar-se melhor eficiência dos investimentos. A preparação das medidas de política industrial — sublinha, ainda, o orador — ocupa muito do plano, consagrando-se algumas inovações no nosso meio e propondo-se certas reformas interessantes.

● Uma visão crítica

Passando à visão crítica, tem

de destacar-se sobretudo, que a política de industrialização ainda não conseguiu firmar novo rumo, duradouro, depois da estratégia que «trouxeu» nas leis 2005 e 2002, ou seja, no pensamento do prof. Ferreira Dias. Todavia — afirma —, começa a ser muito grave essa carência de orientação, que se reflecte na quebra dos investimentos, incerteza dos meios industriais, e prejuízos para o País. Não estamos a preparar condições de antecipação na Europa, nem de ousada caminhada industrial.

Como se explica uma crise de confiança e de decisão com tanta amplitude? Há, por um lado, problemas de orgânica, na medida em que não foi possível preparar as decisões do plano com estudos técnicos de programação e análise da política. Mas o facto é que na Secretaria de Estado da Indústria ainda não se iniciaram as actividades do Serviço de Planeamento, previsto no plano intercalar e sempre

referido nos programas anuais de execução. Assim não é de estranhar que não aparecessem os estudos que lhe cumpriria executar.

● A orgânica do planeamento

Por outro lado — realça o orador — alguns dos grupos mais directamente afectados pelas incertezas do desenvolvimento não participaram da orgânica de planeamento, pelo que as suas observações não puderam ser consideradas: é o caso dos consumidores, das pequenas e médias empresas, dos sindicatos.

E o sr. doutor Pereira de Moura termina por pôr em relevo que está desencadeado na Europa um movimento de integração e progresso: mas não se afigura viável a nossa adesão profunda, por um conjunto de limitações da nossa vida colectiva. Daí resulta a impossibilidade de planear desenvolvimentos ousados para as indústrias nacionais.

Habitação destruída num incêndio dominado pela solidariedade dos vizinhos

Um pequeno incêndio, que só a muita solidariedade dos humildes moradores da Quinta do Marquês de Abrantes, em Marvila, impediu que tomasse maiores proporções, destruiu, esta manhã, uma habitação em que viviam três trabalhadores.

A habitação destruída pelo sinistro, que se declarou cerca das nove horas, ficava entalada entre centenas de outras e era propriedade de Esperança de Almeida, de 57 anos, solteira, também moradora nas proximidades.

Habitavam-na os trabalhadores Jaime de Oliveira, servente da Companhia Portugal e Colónias, casado, de 36 anos, e, noutro compartimento, António Gonçalves, de 25 anos, solteiro e António Dimis, ajudante de motorista da firma Freitas & Araújo.

Perderam todos os seus haveres, incluindo roupas e uma telefonia. Uma criança vizinha conseguiu roubar às chamas uma caixa de folha, contendo as economias de António Gonçalves, no montante de 3000\$00.

Quando se declarou o incêndio, os ocupantes da habitação de madeira encontravam-se no trabalho e foram as vizinhas que, formando um longo cordão até a uma fonte,

distante cerca de 400 metros, passaram de mão em mão vasilhas com água e impediram que as chamas alastrassem naquele bairro de ruínas onde mal cabem duas pessoas lado a lado.

Quando os Sapadores Bombeiros chegaram, com material da 4.ª Companhia, já as chamas tinham sido dominadas.

A P. S. P. (115) tomou conta da ocorrência.

Planos de furtos concebidos por dois cadastrados e descobertos pela Judiciária do Porto

PORTO, 26

No decorrer das investigações feitas pela Polícia Judiciária, a cargo nomeadamente dos srs. chefe Curral e agente Fernandes, para a descoberta dos autores do assalto, a Ourivesaria Brilhante, foram detidos vários indivíduos, cujos interrogatórios demonstraram nada terem com o caso.

Tais detenções, permitiram, contudo, a descoberta de outras projectadas proezas, como, por exemplo, um complicado plano de assaltos nesta cidade, arquitectado por António Pesqueira, residente na Rua do Bonjardim, 582-1.º, que cumpria nove anos de prisão na Penitenciária de Lisboa, de onde saiu recentemente, e o seu colega de «ofício» e companheiro na referida prisão, Luís José da Silva, morador na Rua de Santa Catarina, 744, 1.º, que, igualmente, ali cumpria pena de 18 anos por furto. Na revista que lhes foi feita, os investigadores encontraram, ao primeiro, umas gazuas es-

peciais, aliás desconhecidas ainda da Polícia, que tudo abrem, desde a fechaduras de residências e estabelecimentos às dos automóveis. Parece que esse novo modelo de gazuas foi inventado pelo Pesqueira, durante o seu longo cativeiro. Quanto ao segundo, foi-lhe apreendido «um pé-de-cabra», em estado novo, que comprara recentemente, para as suas criminosas actividades.

Nos interrogatórios a que foram submetidos, ambos declararam que, na Penitenciária, haviam estruturado um vasto plano de assaltos, aqui no Porto, os quais, pela maneira como foram delineados iriam — segundo aqueles — dar muito que fazer às autoridades. No entanto, e nos dias em que andaram à solta ainda cometeram algumas proezas, de uma das quais foi alvo a Camisaria «Classe», da Rua de Santa Catarina.

Assim, e por motivo do assalto à Ourivesaria Brilhante, aqueles investigadores puseram termo às actividades dos dois cadastrados.

O TEMPO QUE FAZ

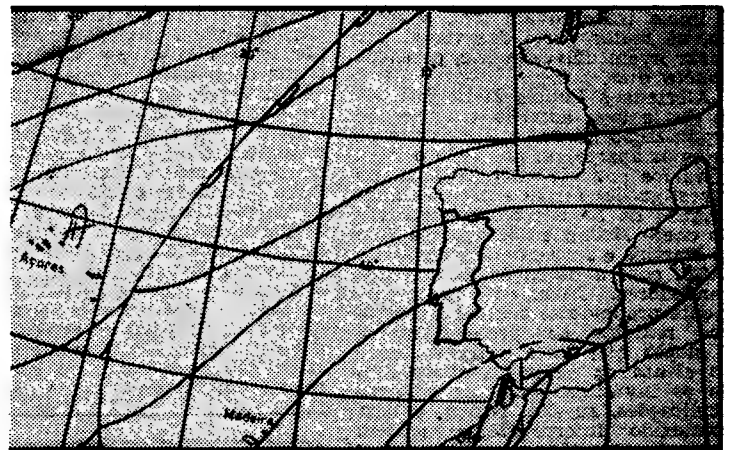
Informação do Serviço
Meteorológico Nacional:

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ AS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Távora, 6°; mínima: Penhas da Saúde, —4°

SITUAÇÃO GERAL AS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental o céu estava muito nublado, o vento era fraco ou moderado predominando

de Noroeste e chovia em alguns locais do interior no Centro e Sul. TEMPERATURAS DO AR AS 9 HORAS — Coimbra, 9°; Faro, 10°; Funchal, 13°; Lisboa, 9°; Penhas Douradas, —1°; Portalegre, 6°; Porto, 8°. TEMPERATURAS OBSERVADAS, AS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — Na atmosfera: 10° na água do mar: 0°,5.

A—Anticiclone (alta pressão); B—Depressão (baixas pressões); —Isóbaras (mb.)



EVOLUÇÃO PROVÁVEL DO ESTADO DO TEMPO EM PORTUGAL CONTINENTAL ATÉ AS 24 HORAS DO DIA 27 — Uma massa de ar transportada na circulação conjunta do anticiclone centrado sobre a Biscaya e de uma depressão localizada a sul de Portugal continental, deverá condicionar o estado do tempo nas próximas 24 horas.

Previsão geral
até às 24 horas
de amanhã

CEU GERALMENTE MUITO NUBLADO, VENTO FRACO A MODERADO DE NORDESTE PODENDO SOPRAR FORTE NAS TERRAS ALTAS, POSSIBILIDADE DE CHUVA FRACA, COM TENDÊNCIA PARA MELHORIA PARA AMANHÃ, COM CEU POUCO NUBLADO E VENTO FRACO OU MODERADO DE NORDESTE.

SOL Amanhã: Nascer às 7 e 31
Ocaso às 19 e 55

PREIA MAR — Dia 26 — As 2 e 40 (3,9 m); 15 e 10 (3,8 m). Dia 27 — As 3 e 21 (4 m); 15 e 45 (3,9 m). Dia 28 — As 4 h (4,1 m); 16 e 23 (4 m). BAIXA-MAR — Dia 26 — As 8 e 43 (1,1 m); 20 e 56 (1,2 m). Dia 27 — As 9 e 17 (0,9 m); 21 e 26 (1 m). Dia 28 — As 9 e 50 (0,9 m); 22 h (0,9 m).

FASES DA LUA

☉ Dia 28 ☾ Dia 6 ☽ Dia 13 ☾ Dia 19

COMPANHIA NACIONAL DE ELECTRICIDADE, S. A. R. L.

Sede: Avenida Casal Ribeiro, 50 — Lisboa

CAPITAL — 630 000 000\$00

CONCESSIONÁRIA DO ESTABELECIMENTO E EXPLORAÇÃO DE LINHAS DE TRANSPORTE E SUBESTAÇÕES DESTINADAS AO FORNECIMENTO DE ENERGIA ELÉCTRICA

Principais instalações actualmente em exploração:

1138 quilómetros de linhas a 220 KV
1382 quilómetros de linhas a 150 KV
303 quilómetros de linhas a 60 KV
10 subestações com a potência instalada total de 2045 MVA

Investimentos realizados e a realizar:

2 068 062 contos até 31/12/1967
645 000 contos durante o 3.º Plano de Fomento

EMIÇÃO DE 50 000 OBRIGAÇÕES, EM TÍTULOS DE 1/5/10/20/100, DO VALOR NOMINAL DE 1000\$00 CADA, AUTORIZADA POR PORTARIA, PUBLICADA NO DIÁRIO DO GOVERNO, III SÉRIE, N.º 73 DE 26 DE MARÇO CORRENTE

As obrigações vencem o juro isento de imposto complementar e de metade do imposto de capitais calculado à taxa de 6% pagável semestralmente, em 1 de Março e 1 de Setembro de cada ano, o que conduz a uma taxa real que se aproxima de 5 1/2 %.

O primeiro cupão de juros, a vencer em 1 de Setembro próximo, corresponderá ao desembolso efectivo e ao tempo decorrido desde o fecho da subscrição à data do vencimento.

A amortização é feita ao valor nominal, por sorteios semestrais, a realizar em Fevereiro e Agosto de cada ano, durante 15 anos, efectuando-se a primeira em 1 de Setembro de 1971.

A subscrição, sujeita a rateio, estará aberta de 1 a 6 de Abril próximo nos seguintes Estabelecimentos de Crédito que tomaram firme a emissão:

Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência

Banco da Agricultura

Banco de Angola

Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa

Banco Fonsecas & Burnay

Banco Lisboa & Açores

Banco Pinto & Sotto Mayor

Banco Português do Atlântico

Banco Totta-Aliança

Crédit Franco-Portuguais

Montepio Geral

Augustine Reis & C.ª

As obrigações são oferecidas ao público ao preço de 1000\$00 por obrigação, a pagar em duas prestações de 500\$00 cada, sendo a primeira paga no acto da subscrição e a segunda em data a anunciar com um mês de antecedência.

Lisboa, 26 de Março de 1968

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Centenas de relógios com a marca falsificada foram apreendidos pela Polícia Judiciária

A Polícia Judiciária, localizou e desmantelou uma organização que, há tempos, em todo o País, mas principalmente na capital, se dedicava à venda de relógios de fraca qualidade, que ostentavam no mostrador a marca «Omega».

No entanto, tais relógios, logo desde o início trabalhavam mal, acabando, na maior parte das vezes, por parar irremediavelmente, passados poucos dias.

Alertada a Polícia Judiciária, esta desde logo admitiu tratar-se de organização de vulto, porquanto os relógios apareciam por todo o País, vendidos por vários indivíduos. As investigações foram entregues à 1.ª brigada da 5.ª Secção, que através do chefe Morim e dos agentes Sousa Martins e Jesus, obteve completo êxito, com a detenção de um dos vendedores.

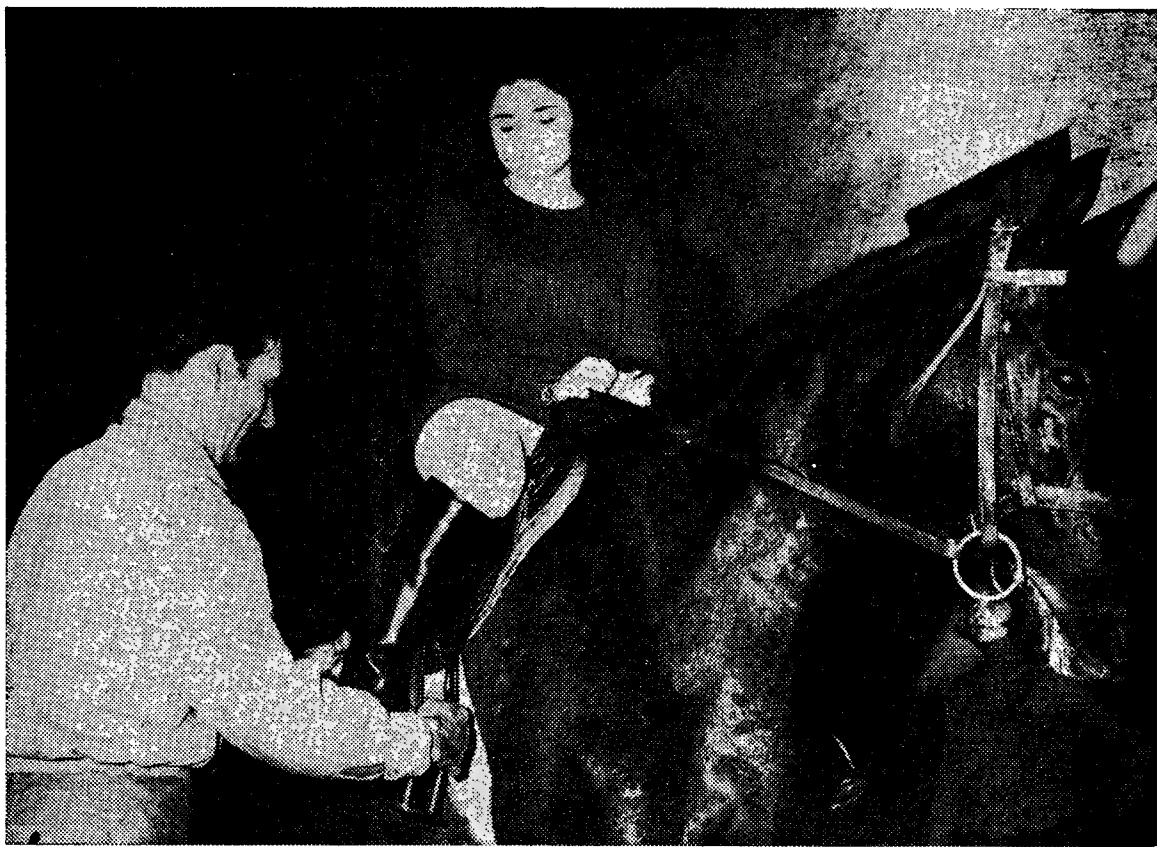
Este, embora inicialmente pretendesse ocultar a origem dos relógios da pretensa marca «Omega» que tentava transacionar na altura da detenção, confundindo os investigadores com as suas explicações, sujeito, porém, a bem conduzido interrogatório, acabou por confessar tê-lo adquirido numa residência da Rua das Portas de Santo Antão, onde se situava o «armazém» dos referidos relógios.

A referida brigada, numa busca de surpresa efectuada na dita morada, apreendeu centenas de relógios falsificados, além de outros artigos de cuja entrada legal no País se duvidava.

Os relógios falsificados com a

marca «Omega» entravam no País legalmente, ostentando no entanto no mostrador vulgar e barata marca. Detido o proprietário de tal residência, José Augusto, logo confessou que a falsificação da marca era feita por Domingos Alves de Sá, em cuja residência a Polícia apreendeu o cunho que servia para a falsificação. A Polícia Judiciária, actuando por todo o País, tem vindo a procurar os indivíduos que se dedicavam à venda de relógios adquiridos ao José Augusto.

Continuando as diligências para o apuramento total das responsabilidades, a referida corporação, solicita às pessoas que foram vítimas de tal falsificação o favor de entrarem em contacto pessoalmente, ou pelo telefone 53 31 31, com o agente Sousa Martins, esclarecendo-se que os compradores de relógios falsificados não estão sujeitos a qualquer sanção; antes se acha de toda a conveniência e utilidade a sua colaboração para completo esclarecimento dos factos.



O pé no estribo: uma explicação simples dada a uma jovem amazona. Se não tiver medo, aprenderá a andar a cavalo em três, quatro meses...

UMA HORA DE CAVALO: QUARENTA ESCUDOS

AUMENTA A PRÁTICA DA EQUITACÃO EM PORTUGAL

O ALGARVE EM PARIS

PARIS, 26 — (A. N. I.) — Na sala de exposições de Dualac e Lasserre foi ontem à tarde inaugurada uma exposição dedicada à urbanização da região algarvia, entre Faro e Quarteira, denominada Vale de Lobos.

A exposição que constitui, também, interessante propaganda de toda a região algarvia pelos documentos turísticos sobre o Algarve que mostra ao público, teve o patrocínio da Casa de Portugal em Paris.

Todas as tardes, em diversas horas, é projectado um filme sobre os atractivos turísticos do Algarve.

— A prática da equitação está a aumentar em Portugal — esta é a opinião (fundamentada) dos proprietários e encarregados dos picadeiros de Lisboa e arredores.

Mary Rose Mizzak (Escola de Equitação do Estoril) afirma, por exemplo, que, por mês, são ali ministradas cerca de duzentas lições.

— E muitos são os cavaleiros, estrangeiros e portugueses — acrescenta —, que, sabendo já montar, treinam diariamente aqui. Talvez uns cem...

Idêntica é a opinião do sr. João Ferreira, encarregado da Escola de

Equitação Estribo Club (Cascais):

— Tem aumentado, nos últimos anos, o número de pessoas que se dedicam à prática da equitação. Basta dizer que esta escola funciona, inclusive, aos domingos... O picadeiro só se encerra nas tardes de quinta-feira.

Na Póvoa de Santo Adrião funciona a Escola de Equitação Nuno Oliveira. Diz-nos o encarregado do picadeiro, sr. Abel Carvalho:

Quatrocentos alunos anualmente no picadeiro de Alexandre Herculano

— Isto deve ter cerca de cem anos. Eu estou cá há cinco e muita coisa vi já... O Calvário, por exemplo, em cima de um cavalo, a dizer «ai... ai...» a todo o momento... E não aprendeu, tinha medo, abandonou o picadeiro à quinta lição. Vi, também, a Madalena Iglésias. Essa, sim, essa aprendeu, era uma bela figura em cima de um cavalo, rica mulher, eim senhor!

Estas palavras saem da boca de Zeferino Vaz da Silva, antigo campino de Vila Franca de Xira, agora instrutor da Escola de Equitação da Rua Alexandre Herculano, famosa em toda a cidade. É um homem que não sabe ler, entende só de cavalos, «olho para um animal e digo logo o que ele vale». O seu mundo é aquele picadeiro, aquele cheiro, o bater dos cascos na terra batida — passo, trote e galope.

● Aprendizagem — quatro meses para as pessoas sem medo

— Presentemente — vai-nos dizendo — frequentam a Escola oitenta alunos. Tudo gente rica. Filhos de doutores, engenheiros, advogados... E fidalgos, também. Condes, viscondes, sangue azul... Mas aqui são todos iguais, aqui, neste picadeiro, onde me coloco no centro com um chicote nas mãos. Um chicote para os cavalos... Os alunos vão rodando, ro-

— Temos, presentemente, cento e cinquenta alunos. Cavalos? Quarenta. O interesse pela equitação aumenta de dia para dia...

Igualmente, da Escola de Equitação Infante de Sagres (Estrada da Luz) nos dizem que é cada vez maior o número de pessoas interessadas em aprender a andar a cavalo.

Também é muito frequentado o picadeiro da escola de Oeiras.

dando, acatando as vozes que lhes vou dando.

— Em quanto tempo se aprende a andar a cavalo?

— Depende, sabe. Depende das pessoas. Uma pessoa afoita, sem medo de cair, pode aprender em quatro meses. Uma pessoa medrosa, nervosa, não segura de si, leva aí uns oito meses... Ou mais. E há, claro, os que nunca mais aprendem. Basta o cavalo levantar as orelhas para imediatamente abandonarem a montada. Assim era o Calvário...

● Uma hora a cavalo — quarenta escudos

O sr. Zeferino diz-nos que passam pela Escola, durante um ano, cerca de quatrocentos alunos.

— Gente, como já disse, que tem dinheiro. Uma série de oito lições custa trezentos e vinte escudos... Um aluno novo rende imediatamente esse dinheiro. Só ensinamos por séries de oito lições, de uma hora cada. Quarenta escudos a hora... Depois da aprendizagem, cada lição isola-

da, para correcção, custa já cinquenta escudos.

● Sugestão de nomes para cães e gatos

O picadeiro funciona das 16 e 30 às 20 e 30. Os ensinamentos são ministrados por Zeferino Vaz e pelo sr. António Manuel Lopes, «que é o patrão, senhor dos melhores cavalos de ensino, e que já muitos prémios têm conquistado por esses hipódromos todos...»

— Mais alguma coisa...?

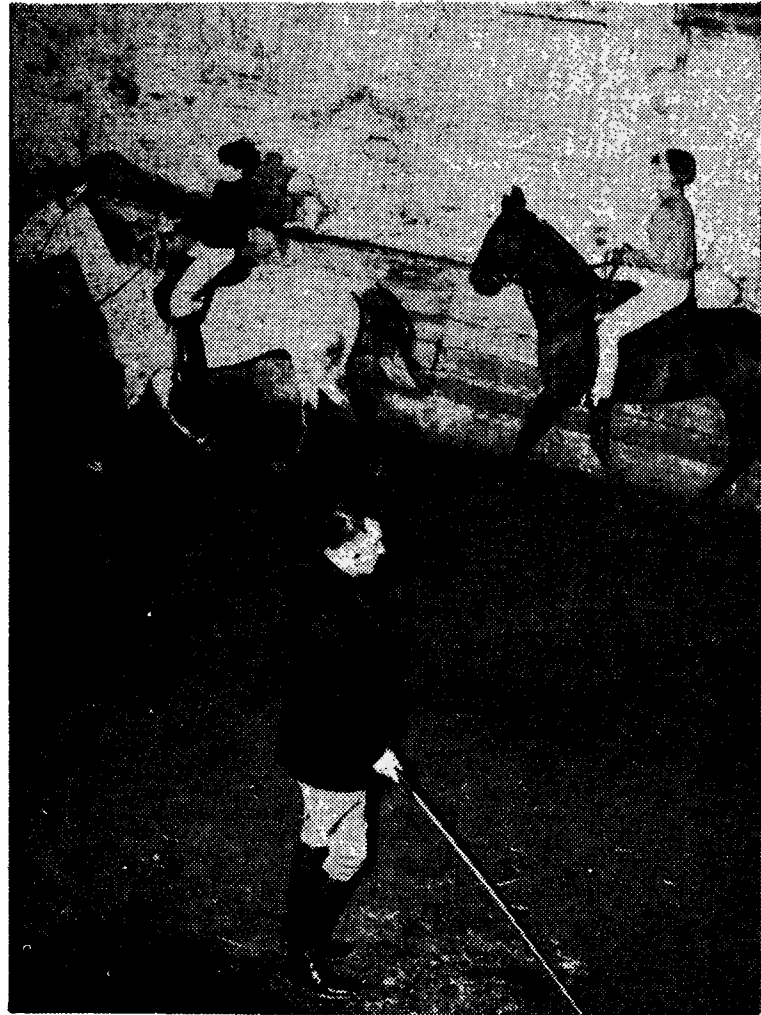
— Já agora, os nomes dos cavalos, tá bem? É que há muitos gatos e cães, ainda sem nome, que bem poderão ter os nomes dos cavalos...

Zeferino sorriu, encolheu os ombros e disse:

— «Olimpo», «Salado», «Negrita», «Pescada», «Alcides», «Nobre», «Sultão», «Tentador», «Alvorada», «Sefisno», «Índio», «Manjerico» e «Califas». Cada bestinha gasta por dia cinquenta escudinhos em comida boa...

— E quando não servem já...?

— Talho com eles!



«É no picadeiro que se aprende a manejar um cavalo» — diz-nos um professor de equitação



O asseio do cavalo também se aprende no picadeiro...

POR FAVOR!
NÃO ESQUEÇA
NÃO CONFUNDA
A GRANDE OURIVESARIA
DA MODA 6 na RUA DA PRAÇA, 257, com mais de meio século de existência.

«M
ser

Durante
sr. D. M.
ventura
bretudo a
rinha da
chamados
panhada
trou nos
do Cais
Alto, na
dois mala
ca das ci
naram, n
e lhe rou
que tinha
habitual,
estava pr
Foi tud
sr. D. M.
teira, res
bouet, 7,
ao princí
— Se os
nem que

Foi ass

Chego a
vieram á
mais de
um meu
te até d
trei em s
entrado,
Segund
Ventura,

«Mesmo passado um ano seria capaz de os reconhecer»

—afirmou-nos a empregada de uma loja que ontem foi assaltada durante o dia

Durante a noite passada, a sr.^a D. Mariana Luísa Rodrigues Ventura correu meia Lisboa, sobretudo a Baixa e a parte ribeirinha da cidade, passando pelos chamados bairros típicos. Acompanhada por um seu irmão, entrou nos bares mais conhecidos do Cais do Sodré e do Bairro Alto, na esperança de descobrir dois malandrins que, ontem, cerca das cinco da tarde, a dominaram, na loja onde trabalha, e lhe roubaram todo o dinheiro que tinha. Contrariamente ao habitual, nenhuma das vizinhas estava presente.

Foi tudo muito rápido. Mas a sr.^a D. Mariana, de 39 anos, solteira, residente na Rua Luís De-rouet, 7, 1.º, dt.º, afirmou-nos, ao princípio da manhã de hoje:

—Se os visse conhecia-os logo, nem que fosse daqui a um ano.

numa loja de antiguidades, na Rua Garcia de Orta, n.º 60, os dois assaltantes, de cabelos castanhos, compridos, não deviam ter mais de 21 anos. Um deles vestia blusão de malha, verde, e o outro, fato completo de fazenda castanho-claro. Cerca das cinco horas, entraram os dois pela porta mais larga da loja, com ares de quem quer apenas saber o preço de qualquer artigo. Quando a sr.^a D. Mariana (sentada, a fazer tricô, por detrás de uma mesinha, à esquerda da porta mais estreita da loja) ia levantar-se para os atender, um deles deitou-lhe uma das mãos à garganta, encostou-a para trás e tapou-lhe a boca. O outro, rápido, tirou-lhe de dentro de um saco de cabedal uma carteira e um porta-moedas contendo dinheiro (entre 1010 a

1020 escudos), documentos (à excepção do bilhete de identidade) e vários recibos.

O primeiro tentou, ainda, tirar-lhe o fio de ouro que usa, mas desistiu por indicação do segundo.

A operação durou escassos minutos. E, logo que se recompôs, a sr.^a D. Mariana correu à porta e pediu a um miúdo que fosse chamar o guarda que está de serviço junto à Embaixada da Bélgica, ao fundo da rua. Como o miúdo não encontrasse o guarda, ela pediu a uma senhora que ficasse à porta da loja, e largou a correr, indo até à Rua dos Remédios, onde parou, já sem forças e sem ter encontrado sinais dos dois assaltantes.

Mais tarde, procedeu, ainda, a nova busca, de carro, acompanhada pelo proprietário da loja, igualmente sem resultados.

A quase totalidade do dinheiro roubado pertence a uma sua irmã, residente em Coimbra, e destinava-se a saldar umas dívidas.

Na Rua Garcia de Orta apenas se verificou um outro assalto, já há uns anos, a uma tinturaria.

A sr.^a D. Mariana apresentou, ontem, a queixa na esquadra do Caminho Novo, de onde transitou para o Governo Civil. As investigações prosseguem a cargo da Polícia Judiciária.



Os noivos: expressão confiante

Paul McCartney e Jane Asher vão casar-se

TEERÃO, 26 — (R.) — O «beatle» Paul McCartney anunciou hoje aos jornalistas que deve casar-se, em breve, com a actriz Jane Asher, sua actual namorada.

O casal partiu para Londres hoje de manhã, depois de ter passado dois dias em Teerão, na sequência de um retiro para meditação na União Indiana.

HIERARQUIA E SELECÇÃO DE PESSOAL

— DOIS PROBLEMAS HOJE TRATADOS POR UM PSICÓLOGO ESPANHOL NO SIMPÓSIO DE SERVIÇO SOCIAL

Uma pluralidade de funções des-
conexadas entre si não forma uma
organização, mas sim um caos
— disse, esta manhã, na Sociedade
de Geografia, o sr. dr. D. José Luís
Pinillos, professor de Psicologia da
Universidade de Madrid, em con-
ferência integrada no programa
do Simpósio Internacional de Ser-
viço Social e Empresa, que ali está
a decorrer. — Como função de fun-
ções, surge então inevitavelmente
a função do mando, cuja missão é
coordenar a inter-relação das fun-
ções parciais, para integrá-las or-
denadamente numa acção conjunta
para objectivos comuns. Assim para
além de uma estrutura funcional,
técnica e operativa, a organização
precisa de uma estrutura hierár-
quica encaminhada a dirigir as
operações dos múltiplos e variados
componentes do conjunto. Tal es-
trutura hierárquica é de condição
piramidal, no sentido de que o vé-
rtice da pirâmide é ocupado por um
chefe investido de poderes para
contratar, despedir, dirigir, recom-
pensar e castigar a todos os que
estejam debaixo, isto é, a todos os
subordinados, o qual supõe, evi-
dentemente, uma crescente depen-
dência nos escalões hierárquica-
mente inferiores, cuja actuação se
reduz à medida que se desce na
pirâmide hierárquica, mais e mais
à simples execução e realização
prática das decisões e ordens re-
cebidas.

Sublinhou o conferencista:

— Dado que os operários e os
escalões inferiores, numericamen-
te mais numerosos nem têm capa-
cidade para dispor das suas pró-
prias decisões, nem dispõem do

poder ou da informação indispen-
sáveis para poder prever ou con-
trolar o seu próprio futuro, ocorre
que o mesmo princípio que ordena
a acção humana da empresa tende
simultaneamente a paralisá-la.

«O mesmo factor estrutural que
facilita a coordenação das activi-
dades do conjunto, tende a inibir
a acção da maioria, imprimindo no
pessoal o hábito da simples exe-
cução imposta por decisões alheias.

«Evidentemente, na realidade as
coisas nunca acontecem de acordo
com os esquemas puros que esta-
mos manejando, e nem as tarefas
são tão simples e repetitivas como
as descrevemos mais atrás, nem há
tão pouco organização que possa
funcionar sem de alguma maneira
em todos os escalões, incluindo os
inferiores, não introduzindo alguma
iniciativa pessoal para adaptar as
ordens às circunstâncias contingen-
tes que sempre surgem. De qual-
quer forma, continua sendo válida
a ideia inicial; a saber, que os prin-
cípios impessoais de uma organi-
zação mecanicamente concebida
devem ser revistos de forma a hu-
manizá-los, e devem sê-lo tanto
quanto possível e não a título de
puras concessões pessoais.

Relativamente à selecção de pes-
soal, o sr. dr. D. José Luís Pinillos
afirmou:

— Sem negar, desde sempre, os
avanços realizados no âmbito dos
testes de aptidão, os questionários
e as provas de personalidade, é
preciso assinalar já, que esta con-
cepção das aptidões e os rasgos de
personalidade como algo rígido, di-
fícilmente variável pela experiên-
cia ou educação, não somente co-
lide com os conceitos sociais vigen-
tes hoje em dia, mas também tem
sido posto em discussão por estu-
dos recentes como os de Gloria
Carey, Maier e Milten sobre o in-

fluxo das atitudes na resolução de
problemas. São com efeito os fac-
tores inibitórios de índole afectiva,
que podem impedir um indivíduo
ao aproveitamento total das suas
faculdades intelectuais e isso não
só de uma forma circunstancial,
mas também crónica. Parsons e
Smelser têm chamado a atenção,
entre outros, sobre a necessidade
de integrar a selecção de pessoal
dentro de um processo social de
«particularização» do indivíduo,
que reduz em todos os sentidos o
aspecto psicológico diminuído da
prova de aptidões. Numa sociedade
onde esta questão selectiva possui
umas dimensões de tanto alcance
como na sociedade técnica, o tema
da selecção tem de inscrever-se
num contexto mais amplo que o
usual, muito orientado sobre a
adaptação em curto prazo entre
aptidão-posto de trabalho. Para po-
der abarcar com maior profundi-
dade humana e legitimidade social
o problema da selecção é preciso,
como dissemos, conhecer outros
factores além da equação, profes-
siograma-psicograma. Entre eles, e
para não mencionar senão alguns:

a) Os processos de selecção
subjectiva, em virtude dos
quais um indivíduo aspira a
certos postos e não a outros;
b) Os factores sociais intocá-
veis, subitís, que efectivamente
vetam as possibilidades de
acesso a determinadas profes-
sões;

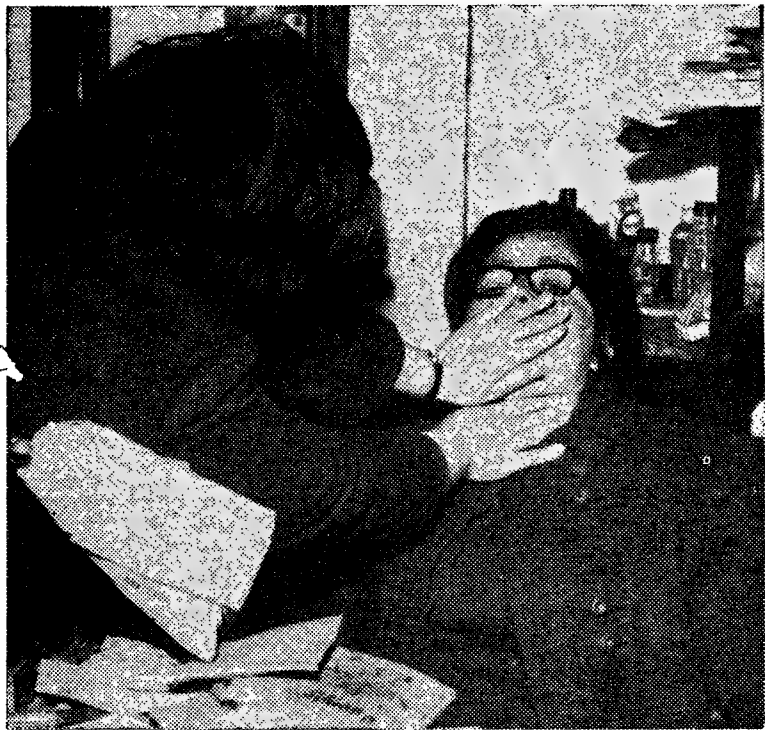
c) O aproveitamento de todas
as circunstâncias individuais
acumuladas em pedidos de em-
prego, que podem constituir
indicações complementares pa-
ra um prognóstico profissional;

d) A conduta dos selecciona-
dos que para reduzir o risco
de erro próprio, pondera mais a
informação negativa que a po-
sitiva;

e) A possibilidade de reestruc-
turar o próprio indivíduo para
a índole dos indivíduos;

f) A possibilidade de reestruc-
turar o próprio indivíduo para
mediante uma formação ade-
quada, o torne mais perfeito
para o lugar;

g) O estudo da dinâmica do
projecto vital do indivíduo
uma vez admitido na empresa.



Foi assim que a sr.^a D. Mariana foi impedida por um dos assaltantes, de esboçar qualquer gesto de defesa

Comentário checo à reunião de Dresden

PRAGA, 28 — (F. P.) — «A Che-
coslováquia reserva-se o direito de
continuar o curso do seu desenvol-
vimento, segundo as tradições do
país, da mesma forma que reco-
nhece esse direito aos seus parceiros»
— declarou Rádio Praga num
comentário intitulado «O comuni-
cado de Dresden e a Checoslová-
quia».

O comentador salientou que a
Checoslováquia se empenha em
conservar os seus laços com os pa-
íses socialistas e em particular com
a U. R. S. S. A reunião de Dre-
den — explicou — constituiu uma
confrontação entre a nova direc-
ção do Partido Comunista checo e
os dirigentes dos outros países so-
cialistas.

Nestas condições o comunicado
apenas podia registar um denomi-
nador comum aceite por todos os
participantes. As novas concepções
chechas de gerência económica —
acrescentou Rádio Praga — e de-
signadamente o desenvolvimento
do intercâmbio com países não-so-
cialistas, não são diferentes das
concepções em voga nos outros
países socialistas.

CHOCOLATES TÁGIDES
BARREIRO - LISBOA - QUELUZ

CHAVE D'OURO
O MELHOR CAFÉ...

L

sta já cin-

mes para

na das 16
inamentos
ferino Vaz
uel Lopes,
r dos me-
ino, e que
a conqui-
romos to-

...?

es dos ca-
há muitos
em nome,
os nomes

colheu os

», «Negri-
de», «No-
dor», «Al-
», «Índio»,
». Cada
cinquenta
boa...
vem já...?



nbém se aprende no picadeiro. Com todas as
minúcias...

DO ESTRANGEIRO • DO ESTRANGEIRO • DO ESTRANGEIRO • DO ESTRANGEIRO

Aviões de geometria variável atacaram pela primeira vez alvos no Vietnam do Norte

SAIGÃO, 26. — (F. P.). — Os «F-111», aviões de geometria variável, na linha dos caças-bombardeiros americanos e considerados os mais modernos aparelhos do mundo, atacaram pela primeira vez o Vietnam do Norte. A operação decorreu ontem, tendo os aviões descolado da base de Takh (Tailândia).

Seis «F-111» tinham enegado há oito dias da base aérea de Nellis (Nevada), com uma única escala em Anderson (Ilha de Guam). Para o efeito, foram abastecidos em pleno voo por aviões-cisternas.

Neste seu primeiro «raid», os «F-111», guiados pelo radar, atacaram campos e depósitos situados a 48 quilómetros a noroeste de Dong Ho, o porto norte-vietnamiano mais próximo do paralelo 17. Segundo um informador do comando americano, todos os objectivos foram atingidos, mas o mau tempo não permitiu fazer uma ideia dos danos causados. O informador não indicou, aliás, quantos aparelhos tomaram parte nesta primeira missão.

Os «F-111» são os primeiros aviões de geometria variável a entrar em serviço no mundo. Podem manobrar com qualquer tempo e estão equipados com a mais recente aparelhagem electrónica. Têm

ainda a possibilidade de aterrar em pistas de menos de mil metros. De asas recolhidas, desenvolvem a grande altitude, uma velocidade duas vezes e meia superior à do som. Ao nível do mar, voam a velocidades supersónicas. O seu «tec-tor» é superior a 20 mil metros.

Mendés France critica o regresso ao padrão-ouro

GRENOBLE, 26 — (R.). — O antigo presidente do Conselho francês, Pierre Mendés France, declarou, na noite passada, a estudantes universitários desta cidade que um regresso ao padrão-ouro, conforme é advogado pelo presidente de Gaulle, alargaria apenas a lacuna entre as nações ricas e pobres.

Disse ainda que um sistema monetário internacional baseado nos produtos primários seria mais aconselhável, pois daria às nações subdesenvolvidas uma participação mais razoável nas riquezas mundiais.

Mendés France, socialista da ala esquerda e economista proeminente, declarou ainda numa conferência pronunciada perante estudantes de ciências políticas, na Universidade de Grenoble, que o sistema dual do mercado de ouro, estabelecido na semana passada em Washington pelos Bancos Centrais do Ocidente, não podia durar muito. É necessário um sistema mais sólido e duradouro — acrescentou.

Crítico da política do ouro do Governo francês, Mendés France afirmou ser acertado supor que o interesse do presidente de Gaulle em assuntos económicos e monetários, desde 1963, «não era alheio a motivos futuros».

ENGANO: SETE MORTOS

SAIGÃO, 26 — (F. P.). — Sete soldados sul-vietnamitas foram mortos e ficaram feridos 20 ao serem atingidos, por engano, por fogo de uma bateria americana, perto de Thu Duc, a 15 quilómetros de Saigão. Foi aberto um inquérito.

Teoria electrónica do funcionamento do sistema nervoso

JOANESBURGO, 26 — (F. P.). — Após cinco anos de investigações, um jovem professor de electricidade da Universidade de Joanesburgo acaba de formular uma teoria electrónica do funcionamento do sistema nervoso.

A ideia do dr. Morris Milner, que utilizou nos seus trabalhos o computador aperfeiçoado de que a Universidade dispõe, era encontrar resposta para um problema que há muito tempo preocupa os cientistas: de que maneira são transmitidas pelos nervos as mensagens do cérebro? Como viajam os impulsos através das inúmeras fibras que formam o sistema nervoso?

Gracias à electrónica, e catalogando as respostas das fibras, nervosas aos estímulos eléctricos, Milner, elaborou uma série de gráficos reproduzindo em pormenor o encaminhamento dos inúmeros impulsos. Foi, assim, possível estabelecer uma teoria cuja definição, sem a ajuda do computador teria exigido longos anos de estudo, praticamente toda uma carreira.

O jovem professor pensa que as

suas investigações permitirão compreender melhor como os seres vivos podem mover-se e experimentar sensações, conhecimentos estes particularmente úteis no domínio da medicina. Entretanto, desejaria ir mais longe, estudando o cérebro em pormenor, microscopicamente. «Existem imensas possibilidades neste campo», diz. «Nada sabemos ainda sobre o cérebro, nem mesmo como funciona a memória».

A DUQUESA DE MEDINA COMPARECE HOJE

PERANTE UM TRIBUNAL

Madrid, 26 — (F. P.). — Luisa Isabel Alvarez de Toledo, duquesa de Medina, tem dois processos contra ela por causa do seu romance «A Greve» editado em Paris em língua espanhola.

A duquesa comparece hoje perante o tribunal especial para a imprensa sob a acusação de ter «injurado o poder judicial» naquele romance.

Por outro lado, segundo a imprensa, a Justiça militar acusou também a duquesa, por causa do mesmo livro, de «injúrias à Guarda Civil».

A duquesa, que tinha dirigido há dois anos uma manifestação camponesa em Palomares, quando ali se perdeu uma bomba atómica, e que participou depois em várias manifestações antiamericanas, está sob residência vigiada em Madrid e todos os dias tem de se apresentar às autoridades militares.

PROFESSORES POLACOS DEDITOS

VARSOVIA, 26 — (R.). — Foram demitidos seis professores dos seus cargos na Universidade de Varsóvia, acusados de inculcarem em estudantes opiniões políticas erradas.

Uma comunicação oficial, emitida a noite passada, relacionava aquelas demissões com as recentes perturbações académicas e manifestações na Universidade.

AUMENTAM AS PERSPECTIVAS DE PROIBIÇÃO TOTAL DO COMÉRCIO COM A RODÉSIA

NOVA YORK, 26 — (R.). — Aumentaram as perspectivas de uma proibição total de todo o comércio com a Rodésia quando delegados do Conselho de Segurança se preparavam hoje para recomendar o debate sobre a colónia dissidente.

Lord Caradon, o principal representante britânico, avistou-se ontem com membros afro-asiáticos a fim de explorar meios para apertar o nó corrediço à volta do regime de Ian Smith.

Fontes diplomáticas disseram que havia muito caminho a percorrer antes de se poder chegar a acordo sobre os termos precisos de qualquer moção pedindo uma proibição total do comércio, mas o Conselho parecia hoje, pelo menos, mover-se nessa direcção.

O debate do Conselho recomeça às 20 horas (T. M. G.), após uma interrupção desde quarta-feira passada causada pelos acontecimentos no Médio Oriente.



Esta criança fuma um cigarro, o que é quase um costume entre crianças vietnamitas, enquanto brinca num campo de refugiados, perto da base de Dong Ha, no Vietnam do Sul. Muitas famílias tiveram de abandonar as suas casas, devido aos ataques contra Khe Sanh.

O rei Constantino em Zurique para um exame médico

ZURIQUE, 26 — (A. N. I.). — O rei Constantino e a rainha Ana Maria dos Gregos chegaram ontem à noite, inesperadamente, a Zurique, de avião, para o que um informador disse ser um exame médico ao monarca, que sofre de uma sinusite crónica.

Os soberanos, acompanhados por dois desconhecidos, foram cumprimentados no aeroporto de Zurique pelo cônsul da Grécia, Constantino Gherisios. Seguiram, depois, para um hotel, onde passaram a noite.

Um informador da família real grega, em Roma, dissera que o rei ia dar entrada na clínica do prof. Luzius Ruedi, em Zurique, para um exame médico, e que regressaria a Roma, na sexta-feira.

A esquerda trabalhista votou no Parlamento ao lado do Governo

LONDRES, 26 — (F. P.). — A batalha parlamentar para o orçamento britânico terminou ontem à noite com a esperada vitória de Roy Jenkins, chanceler do Tesouro. Após três dias de debates, a Câmara dos Comuns, que desde quarta-feira, ouviu sobre o assunto, 58 oradores, aprovou, por 332 votos contra 248, o orçamento de relativa austeridade apresentado no dia 19, por Jenkins, assim como a política económica do Governo.

A maioria governamental foi de 81 votos, quer dizer que se os conservadores votaram em bloco contra o orçamento, os liberais presentes apoiaram o Governo e que praticamente nenhum trabalhista se absteve.

Um segundo voto sobre a questão da taxa sobre o emprego selectivo destinada a favorecer as indústrias produtoras, deu uma maioria governamental de 257 votos, dado que os conservadores se absteram. As outras 37 disposições orçamentais foram adoptadas sem voto.

Apesar de certas reservas, a esquerda trabalhista e os deputados representando os sindicatos votaram a favor do Governo. A sua oposição concentra-se, sobretudo, na política dos preços e receitas do Governo prevendo o bloqueamento dos salários. Quando o Governo apresentar o projecto de lei sobre esse bloqueamento é provável que as abstenções trabalhistas sejam então da ordem das dezenas.

Resumindo os debates, Jenkins declarou: «O país achará o orçamento duro, mas aceitará o seu significado e os seus objectivos, permitindo assim à economia britânica prosseguir com uma confiança que não conhecia há bastante tempo».

Atacando a oposição conservadora, o chanceler do Tesouro admitiu-se da ausência de Edward Heath, «leader» da oposição, que não participou da última fase dos debates.

Anteriormente, Reginald Maudling, «leader» adjunto da oposição, criticou vivamente o orçamento, assegurando que não comportava medidas destinadas a encorajar a produtividade e a iniciativa económica. Maudling concluiu prestando homenagem a Jenkins, que, disse, «mostrou a coragem do desespero e dentro em breve a da derrota».

Atribuído a Lourenzana o rapto do arcebispo

CIDADE DA GUATEMALA, 26 — (F. P.). — Oferece-se 14 500 escudos a quem der informações sobre o local onde se esconde Raul Lourenzana, que se supõe ser o autor do rapto do arcebispo da Guatemala, monsenhor Casariego. Este último recusou-se a dar os nomes dos que o raptaram.

As tropas federais ocuparam em Biafra mais três cidades

LAGOS, 25 — (R.). — Tropas federais nigerianas afirmaram, na noite passada, terem tomado três cidades biafrenses, durante uma nova ofensiva contra as zonas administrativamente ocupadas pelo regime separatista. Segundo um comunicado

militar emitido nesta capital, essas cidades são Eket, Ediba e Obubra, um importante centro administrativo.

As novas vitórias federais foram anunciadas quase 24 horas depois de soldados nigerianos, ocupando a importante cidade comercial biafrense de Onitsha, terem repellido contra-ataques das forças secessionistas.

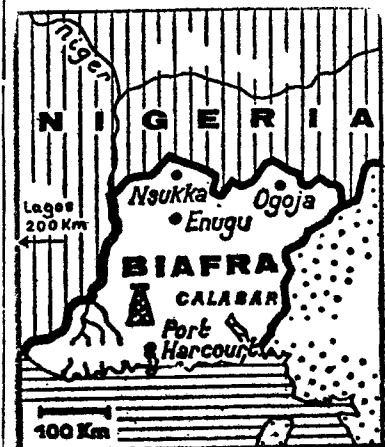
As tropas federais ocuparam Eket 48 quilómetros a sudoeste do porto de Calabar, após terem efectuado na semana passada, um desembarque anfíbio, na área próxima de Oron, no estuário do rio Cross.

Outras tropas, mais ao norte, na província de Ogoja, ocuparam Ediba, nas margens do rio Cross Superior, que separa as forças federais e secessionistas, no sector oriental em que se desenrola a guerra civil.

Obubra, a outra cidade tomada pelos federais, está situada a 128 quilómetros ao norte de Calabar.

AVIÃO FEDERAL ABATIDO

UMUAHIA, 26 — (F. P.). — Um avião federal foi abatido ontem, pela D. C. A., sobre o porto de Harcourt — anunciou «A Voz de Biafra», que acrescentou terem perecido os dois pilotos do aparelho.



A República separatista de Biafra, com a localização das suas principais cidades.

DO ESTRANGEIRO • DO ESTRANGEIRO • DO ESTRANGEIRO • DO ESTRA

«GANGSTERS» DE SAIAS EM SINGAPURA

SINGAPURA, 26. — (R.). — Se a rapariga tem uma tatuagem de borboletas, na coxa, é provavelmente membro de um grupo de «gangsters» que só tem mulheres nas suas fileiras e que constitui, actualmente, a praga de Singapura.

Alguns destes «gangsters» de saias — bonitos, jovens e de formas perfeitas — parece que acabam de sair de um filme de Hollywood.

Depois de terem sido recentemente detidos 14 destes «gangsters», o secretário da Polícia mostrava-se combatido ao declarar que os crimes cometidos pelas mulheres constituíam uma das suas maiores dores de cabeça.

A prisão das 14 raparigas ajudou a quebrar um dos grupos de criminosos mais notáveis desta ilha-república: o grupo «borboletas».

Esta quadrilha estava a «trabalhar», há um ano, especialmente como iscas em assaltos.

Trabalhando com os seus amiguinhos do mundo subterrâneo, as raparigas — na sua maioria dançarinas de «cabarets» ou de bares — levavam Romeus desprevenidos para ruas escuras da Singapura antiga.

Uma vez numa rua mal iluminada, a vítima via-se perante o resto da quadrilha que a aguardava. Era espancado e saía de lá «aliviado» da carteira e de outros valores.

Mas a Polícia receia o ressurgimento das raparigas «gangsters», sendo esta a primeira vez em que aparecem no espaço de sete anos da República. Receiam que não se limite a casos semelhantes a este.

Está a ser preso cada vez maior número de mulheres, que fazem parte de pequenas quadrilhas que assaltam as pessoas às primeiras horas da madrugada e que roubam malas.

Até ao momento, leis bastante apertadas no referente a armas de fogo, têm evitado que as mulheres-bandidas usem pistolas e venham a ser emuladas dos seus equivalentes masculinos.

Mas a Polícia está perturbada com o crescente número de crimes nos quais se usam pistolas. No ano passado 29 assaltos de importância na ilha envolveram a utilização de armas de fogo, 12 dos quais tiveram lugar nestes últimos dois meses.

PANAMÁ: PROVA DE FORÇA EM PERSPECTIVA

(Continuação da 1.ª página)

acusando-a «de ter pretendido reprimir supostos conflitos com actos arbitrários». «De momento» — afirmou — «a sede oficial da Presidência é no Parlamento».

O presidente apeado mas que recusa a demissão, Marco Aurélio Robles, continua a ocupar o palácio presidencial.

Na capital registaram-se ontem apenas ligeiros incidentes entre

partidários do candidato da oposição, Arnulfo Arias, e a Guarda Nacional, que acabava de efectuar uma busca na sede do Partido de Orias. Os guardas nacionais mostraram à imprensa quatro espingardas, três pistolas-metralhadoras e cinco revólveres ali apreendidos, anunciando, por outro lado, a libertação de 190 pessoas ontem detidas.

Sabe-se, entretanto, que 62 pessoas ainda detidas iniciaram uma greve da fome.



O rei Faical, da Arábia Saudita, fotografado, há dias, durante uma peregrinação a Meca

A «República do Canab»

O Panamá, cujo presidente Marco Aurélio Robles, foi agora demitido pelo Parlamento, é uma república da América Central, habitada por 1 246 000 pessoas, na sua maioria mestiços. Numerosas tribos índias, que escapam à autoridade, vivem ainda nas florestas.

A população, concentrada nas proximidades do Canal do Panamá, depende, grandemente, das empresas norte-americanas ali instaladas.

A actual economia do país reduz-se a algumas plantações de bananas, pertencentes a uma filial da United Fruit Company (norte-americana), há culturas de cacau, café e abacaxi. A agricultura é fraca. Metade da terra arável está por cultivar.

A República retira receitas consideráveis concedendo o seu pavilhão a navios que beneficiam de impostos e de encargos sociais mínimos. A frota panamenense é a quarta do mundo. Finalmente, o comércio com a zona do canal (o mundialmente conhecido Canal do Panamá) é uma fonte de receitas múltiplas.

O catolicismo é a religião professada pela maioria dos panamenenses.

menhos. Todavia, há liberdade para todas as outras confissões religiosas. O ensino é obrigatório para as crianças entre os 7 e os 15 anos.

Descoberto em 1501 pelos espanhóis, o Panamá fez parte da Colômbia até ao dia 3 de Novembro de 1903, data em que se tornou independente.

Em 1945 adoptou o sufrágio universal e no ano seguinte a sua terceira Constituição.

O governo cabe a um presidente eleito, por sufrágio directo, pelo período de quatro anos. A reeleição imediata não é permitida. O presidente é assistido por um Gabinete, cujos ministros ele próprio designa. O poder legislativo está confiado à Câmara dos Deputados, eleita pelos cidadãos da República.

O presidente Marco Aurélio Robles demitido das suas funções, no passado domingo, pela Assembleia Nacional do Panamá, foi eleito em Maio de 1964. O seu mandato acabaria em Outubro. Acusado de violar a Constituição, envolvendo-se em actividades políticas, Robles vê-se, assim, forçado a abandonar, antes do seu termo, o lugar para que fora designado.

Lacerda pediu ao Exército a garantia de eleições directas em 1970

RIO DE JANEIRO, 26 — (A.N.I.) — O «leader» da oposição brasileira, Carlos Lacerda, foi convidado pelo ministro das Relações Exteriores, José Magalhães Pin-

to, a regressar à cooperação com o Governo.

Em declaração proferida no sábado perante as câmaras da Televisão de São Paulo e confirmada ontem pelo informador do Ministério do Rio de Janeiro, Magalhães Pinto disse: «Julgo saber que Carlos Lacerda foi posto à margem pelas forças da revolução. Mas devia ter ficado no nosso campo e lutado pelos seus ideais. Lacerda é benvido em qualquer altura que queira voltar e defender as suas convicções dentro da família revolucionária. Não concordo com o rumo que tomou e o novo campo de batalha que escolheu».

O «leader» da oposição não fez qualquer comentário acerca do convite do ministro. Num discurso que proferiu no Estado de São Paulo, no fim de semana, pediu ao Exército a garantia de eleições directas em 1970.

Magalhães Pinto, o único elemento civil do Gabinete do presidente Costa e Silva com passado político, foi encarregado de formar uma frente unida de todas as forças revolucionárias que, em 1964, derrubaram o Governo de João Goulart.

Era governador de Minas Gerais e da sua capital Belo Horizonte, de onde partiram unidades do Exército para derrubar Goulart. Carlos Lacerda, então governador do Estado da Guanabara, barricou-se com os seus partidários no Palácio do Governo, aguardando as

tropas que o libertariam do cerco. Em 1965, porém, Lacerda afastou-se do Governo revolucionário, por questões de política económica e por «restrições à democracia». Em fins de 1966, fundou a «Frente Ampla», movimento oposicionista, em associação com o antigo presidente Kubitschek de Oliveira. Goulart aderiu mais tarde ao movimento.

UM XERIFE NEGRO APARECEU MORTO

CHARLES CITY (Virgínia), 26 — (F. P.) — O cadáver de James N. Bradley, o primeiro xerife negro do condado de Charles City, no Estado da Virgínia, foi encontrado ontem no seu automóvel, perto da cidade. A morte parece ter sido provocada por intoxicação com gás carbónico.

Encontraram um tugo ligado ao escape e comunicando com o interior do carro por uma janela fechada com o auxílio de papel colante. Todos os vidros estavam hermeticamente fechados.

As primeiras conclusões do inquérito dão a entender que não se trata de suicídio.

Bradley tinha deixado uma hora mais cedo uma reunião dos responsáveis pela segurança para ir a Richmond onde devia ir mudar de automóvel. O inquérito prossegue. Bradley, que tinha 38 anos, fora eleito xerife em Novembro passado por uma grande maioria de votos, por beneficiar dos votos dos eleitores negros do condado.

Acordo na reunião de Nova Delhi

NOVA DELHI, 26 — (R.). — Chegou-se finalmente a acordo, às primeiras horas de hoje, acerca de diversos pontos destinados a diminuir o fosso entre os países ricos e pobres, na conferência das Nações Unidas sobre o comércio e o desenvolvimento (U. N. C. T. A. D.), em curso nesta capital.

O êxito ou o fracasso da conferência, que decorre há 8 semanas, e na qual tomam parte 132 Estados, dependia da aprovação desses pontos entre países desenvolvidos e em desenvolvimento.

Serão submetidos à aprovação formal, ainda hoje, na sessão plenária final da conferência, que foi

prolongada por 24 horas, a fim de permitir uma última diligência com vista a que as mesmas decisões sejam sancionadas.

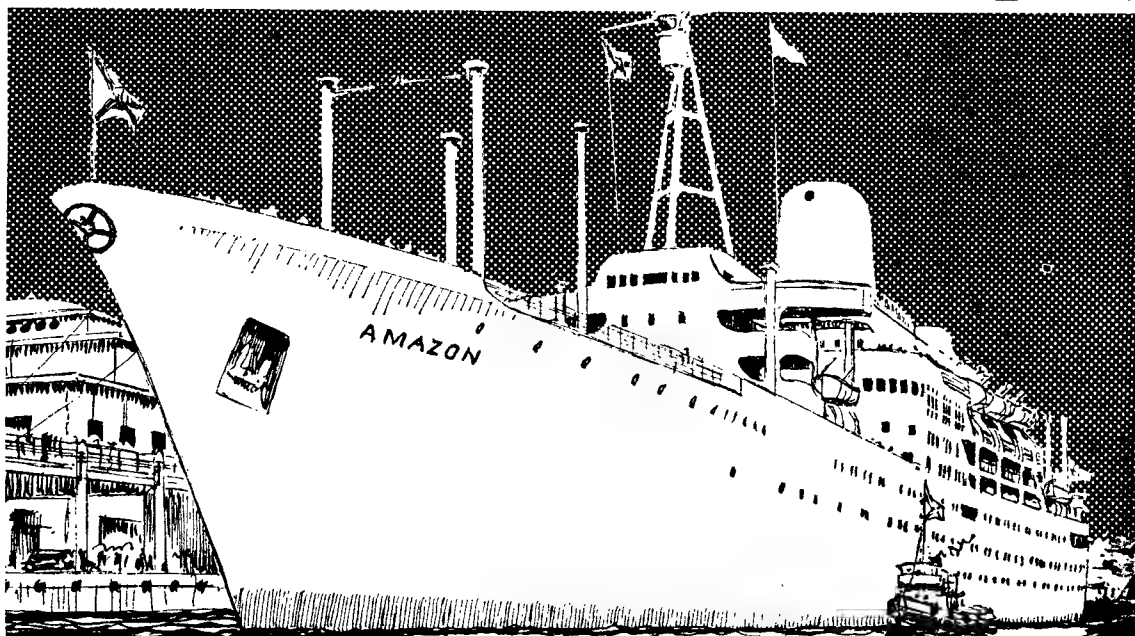
As fontes que anunciaram a aprovação dos referidos pontos pelos participantes na conferência disseram que os seus objectivos eram:

1 — A criação de um vasto mercado mundial para as novas indústrias de países em via de desenvolvimento.

2 — Novo acordo para exportações dos seus produtos.

3 — Aumento do auxílio das nações mais ricas.

AMÉRICA do SUL



para: Rio de Janeiro/Santos/Montevidéu/Buenos Aires-via Las Palmas

Consulte o seu Agente de Viagens ou a

MALA REAL INGLESA

Próximas partidas de Lisboa:

ARLANZA — 24 de Abril
ARAGON — 15 de Maio
ARLANZA — 26 de Junho

Agentes em Lisboa:

1.ª classe, classe cabine e carga:

JAMES RAWES & CO. LTD.

Rua Bernardino Costa, 47 — Tel. 37 02 31

Classe Turística:

E. PINTO BASTO & C.ª, LDA.

Praca Duque da Terceira, 20-26 — Tel. 36 15 81

PROPRIEDADES

— VENDAS —

PRÉDIO: ANDAR:

POR 850 CON-
TOS: Em Olive-
las, de 4 pisos c/
Dt. e Esq., hab.
c/ 3 c. assoalh., 8
inq., c/ rendas de
450\$ e 650\$, etc.
Rende 54.000\$00.

TRATA:

Luzáfrica

Calç. do Carmo,
6, 2.º

(Ângulo do Rossio)
Telefs. 324524/
/368080

A PRAÇA DE
ESPAÑA — O
único que resta
em imponente
imóvel de gaveto,
c/ 3 div. assoalh.,
bons acabamentos,
modernos elevado-
res. Preço: 340
contos. Av. Colum-
bano Borda, Pi-
nheiro, n.º 78, ga-
veto c/ Rua Basí-
lio Teles, n.º 17.

TRATA:

A Luzáfrica

Calçada do Car-
mo, 6-2.º

(Ângulo do Rossio)
Telefs. 324524/
/368080

Contacto



ANÚNCIOS



PROPRIEDADES

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os
COMBOIOS ELÉCTRICOS

TELEVISORES AS MELHORES MARCAS MUITO MAIS BARATO PAGANDO A PRONTO

CASA M. L. FERREIRA

R. D. Estefânia, 48, 1.º andar
(Junto ao Largo)

DINHEIRO s/ prédios

EMPRESTA-SE
rápidamente e em
boas condições, 15
a 2000 contos em
1.º ou 2.º hipoteca
de prédios, parte
de prédios ou
construção. Tam-
bém se aceitam
propriedades para
venda. Casa Lai-
res, R. da Prata,
291, 2.º, Dir. Tel.
325487 — 370618
(junto a P. da Fi-
gueira).

CASAS

para alugar

Procure V. Ex.
nos a/ escritórios
onde temos sem-
pre variadíssimos
andares e lojas
para alugar em
Lisboa e arredor-
es. Não cobra-
mos qualquer im-
portância a título
de comissão aos
inquilinos.

Frata: SOC.
CONST. INVICTA
— R. do Ouro,
292, 1.º — Telefs.
30259/34755.

IMÓVEIS (PRÉDIOS)

Preço: 500 c.,
ao Rossio Rend.
22.200\$. Por 680
c., ao Campo
d'Santana Grande
área. Rend anti-
go: 35 520\$

Frata: José San-
tos, Lda., R. Cor-
reiros, 101-1.º

Em MAFRA o «DIÁRIO DE LIS-
BOA» vende-se no café e cervejaria
«OS UNIDOS».

PRÉDIO:

Por 1900 c.,
próx. Benfica,
Rend. 131 520\$.
Por 2200 c., Linha
de Cascais, novo
4 div. Rend
148 800\$.

Frata: José San-
tos, Lda., R. Cor-
reiros, 101-1.º

ANDARES

SAPADORES, c/ vista mar, 4 assoalh., cozinha, 2 c. banho, dis-
pensa, grande terraço, preço 485 c. c/ escritura.
RESTELO, 5 assoalh., 3 casas banho, disp., roupeiros, cozinha
c/ copa, aquecimento, preço 470 c. e 530 c.
AVENIDAS, 6 assoalh. grandes, 3 c. banho, cozinha, dispensa,
terraço, acabamentos de luxo, preço 1.300 contos.

PRÉDIOS

NA BAIXA, junto Intendente, antigo, totalmente restaurado, com
4 pisos, pode entregar andar vago, renda 125 c. preço 1.750 c.
AO CAMPO GRANDE, prédio novo, construção e acabamentos
de 1.º, c/ 6 pisos, a render 143.400\$00, preço 2.000 contos.
AO CHIADO, antigo, com obras feitas, 5 inquilinos, bom gaveto,
rende 57 600\$00 preço 950 contos.

ORCOSI

Rua 1.º Dezembro, 45-3.º, Esq.
Telefs. 323172 — 367444

HIPOTECAS

FAZEM-SE EM LISBOA, ARREDORES E PROVINCIA

AO JURO DA LEI

A CONFIDENTE

ROSSIO, 3-2.º

TELEF. 369384

POLICLINICA DA RUA DO OURO

Entrada: Rua do Carmo
98 2.º — Telef. 32 65 19

Dr. Amaro d'Almeida — Medicina, dorção e pulmões — às 18 horas
Dr. Coelho de Castro — Cirurgia — Ossos e articulações — às 18 horas
Dr. Nelson de Figueiredo — Rins e vias urinárias — às 16 horas
Dr. Romão Loff — Doenças nervosas, electroterapia — às 14 horas
Dr. António Ferrão — Doenças dos olhos — às 14 horas
Dr. A. de Barros Simão — Garganta, nariz e ouvidos — às 16 horas
Dr. Carlos Vilar — Doenças das senhoras e operações — às 18 horas
Dr. Gonçalves Coelho — Doenças das crianças — às 18 horas
Dr. Pinto Bastos — Boca e dentes, prótese — às 10 horas
Dr. Carlos Ribeiro — Cardiologia, Electrocardiografia — às quintas-feiras, às 16 h
Prof. Dr. Alen Saldanha — Raios X — às 16 horas
Dr. Ana Brás Maria — Ginecologia — às terças e quintas-feiras, às 16 horas

AUTOMÓVEIS

VENDAS:

Automóveis s/condutor

Veja os n.ºs preços
e condições de venda
ou empréstimo. A
Luzáfrica, 324524/
/368080

CONTACTO



PUBLICIDADE

AUTOMÓVEIS
de todas as mar-
cas aos melhores
preços. Av. João
XXI, 8-A. Tele-
fone 721411.

Furgonettes,
Austin J. 2 a ga-
soil utilit., 1965;
Carrinha Volks-
wagen Microbus,
9 lug. 1963; Fur-
gon Mercedes
utilit., a gasoil,
1959; Renault 4 L
1965; Skoda util.
1963. Fac. troca e
pagto. Av. João
Crisóstomo, 47-C.

AUTOMÓVEIS
s/ condutor. Mod-
ernos, impecá-
veis. Consulte-nos:
L. St. Bárbara,
5-B. Telef. 5.4657.

VENDE-SE:
Taunus 20M TS
Hardtop, 1966;
Opel Rekord, 4
portas, 1967; Tau-
nus 12M 1300,
1967; Taunus
17M, 1965 e 1966.

CRISAUTO,
LDA.

Fac. pag. e trocas
Av. João Crisós-
tomo, 13-A

TAUNUS 20-M
de 4 portas 1966;
Sunbeam Alpine
de 1966; Peugeot
404, 1963; Vaux-
hall V. X. 490,
1966; Saab de
Luxe, 1965; Aus-
tin 850, 1967; Fiat
600-D, 1965, 1960
e 1959; Opel Ka-
pitán 1957; Volvo
444, 1956; Che-
vrolet Impala,
1961; Flóride
1961; Rover 90,
1955; Volkswagen
30 H. P. 1959 e
1958.

Vende:
MARCELO
Av. João Crisós-
tomo, 47-C

ALUGUER:



NÚMEROS TELE-
FÓNICOS PARA
SERVIÇOS DE

AUTOMÓVEIS S/ CONDUTOR:

- 50.060 — Automóveis Amoreiras, Av. João Crisóstomo, 89
- 57.445 — P. P. C. A. 560071/2/3 BELCAR — Av. 5 de Outubro, 42-B
- 53.4657 — L. St. Bárbara, 5-B
- 49.612 — Jomil Auto — R. Ponta Delgada, 40-A-B
- 76.9848 — EUROCAR — Av. Bar- bosa do Bocage, 1
- 42.890 — Taxis Universo, Ld.º Av. República, 26.
- 53.7476 — REIUR — R. Rodrigo da Fonseca, 56-L.
- 72.7654 — Auto Monumental do Azeiro, Ld.º — Av. Pa- dre Manuel da Nóbrega, 10-E.
- 83.5730 — INTERAUTO — R. Car- valho Araújo, 102-A
- 53.9168 — 53.9345 — BRUNAUTO, Rua Joaquim Bonifácio, 10-A
- 55.3843 — Auto-Argos P. Olegário Mariano, 6 D

EUROCAR

Automóveis s/ condutor
Av. Barbosa do Bocage, 1
Telefs. 761987 - 769848 - 712773

80\$00 POR DIA

ALUGUE UM AUTOMÓVEL NA



LISBOA:
P. Olegário Mariano, 6-D
Telef. — 553843 - 532637

FARO:
Av. da República, 194
Telef. 23928

AGENTES DA
EUROPCARS

Podemos, ainda alugar-lhe carro para a Europa pagando em Lisboa.

Madrid espera por si...

Nas suas deslocações à capital espanhola utilize o comboio «Lisboa-Expresso» (TER.)

9.45 p Lisboa (St.ª Apolónia) c. 19.40
19.00 c Madrid (Delicias) p. 10.45

Ligações diurnas e quotidianas
Serviço de restaurante e bar
Ar condicionado

9 HORAS DE AGRAVAVEL VIAGEM
Informe-se nas Secções de Informa-
ções da C. P. e nas Agências de Via-
gens autorizadas

SHEHERAZADE

SNACK-RESTAURANTE

REFEIÇÕES CUIDADOSAMENTE PREPARADAS, PREÇOS NORMAIS
AR CONDICIONADO, AMBIENTE SELECTO

ABERTO TODOS OS DIAS A PARTIR DAS 8 ÀS 02 H.

AV. FONTES PEREIRA DE MELO, 3-C (ao Parque)

Pequenos anúncios • Pequenos anúncios • Pequenos anúncios



Os alunos da «Pedro de Santarém» na tipografia do nosso jornal

O «DIÁRIO DE LISBOA» FOI VISITADO POR UMA TURMA DA «PEDRO DE SANTARÉM»

Uma turma de trinta alunos — a primeira do segundo ano do ciclo preparatório — da Escola Técnico Elementar Pedro de Santarém visitou ontem as instalações do «Diário de Lisboa», as

quais interessaram sobremaneira os jovens estudantes.

Durante uma hora os alunos, acompanhados por quatro professores, puderam ver como se faz um jornal — desde os aspectos mais fáceis aos mais complexos, muitos destes últimos ignorados pelo grande público, que não se apercebe das canseiras e condicionamentos que envolvem a factura de um jornal.

Não foi, todavia, na total ignorância da coisa da Imprensa que estes nossos jovens amigos nos visitaram, pois, no fundo, tratava-se de um grupo de «camaradas». Sim, porque a «malta» da primeira turma tem um jornal de arromba: o «Tronco em Flor», tirado ao setêncil, e do qual já saíram dois números.

Foi, pois, com animação, que estes nossos jovens camaradas viram como se faz um jornal um pouco maiorzito — o «Diário de Lisboa» — o favorito da gente jovem.

É amanhã

o jantar de homenagem
a António Calvário

Amanhã, às 20 e 30, na Casa do Alentejo, decorre o anunciado jantar de homenagem a António Calvário, sendo convidados de honra o sr. embaixador da Argentina e esposa, a artista Amália Rodrigues e marido, e os srs. Melo Pereira e Mário Aguiar. As inscrições ainda se encontram abertas naquela agremiação regional.

Taça «Visconde de Asseca» A «finalíssima» Benfica-Sporting antecipada para 30 de Março

• A Taça «Tejo»
começa
em 6 de Abril

Em virtude de o Benfica ter em organização para o dia 3 de Abril um festival destinado à apresentação de Abel, não pode manter-se aquela data para a «finalíssima» da Taça «Visconde de Asseca» entre as reservas dos «encarnados» e as do Sporting. Assim, e ao contrário do que chegou a ser anunciado, o encontro decisivo disputar-se-á no próximo sábado, às 16 horas, só esta noite ficando decidido qual o recinto onde se jogará a partida.

Por este motivo o início da competição para as reservas dos clubes de Lisboa e Setúbal, dotada com a taça «Tejo», foi adiado para o próximo dia 6 de Abril.

CANÇÕES EM CATALÃO NAS PRÓXIMAS «VARIEDADES» DA R. T. P.

O próximo programa de «Variedades» a transmitir pela R. T. P. na quinta-feira, às 21 e 55, com realização de Fernando Frazão, vai oferecer ao espectador português a curiosa possibilidade de estudar algumas das canções em catalão agora mais em voga no país vizinho.

Neste programa actuam, além de outros artistas, os já nossos conhecidos Salomé e Michel. A categorizada artista do país vizinho, que se apresenta pela segunda vez na R. T. P., interpretará, entre outros números, «Adoro», «Tus manos» e «Si Dios me quita la vida», em castelhano e «Sense plor» e «L'arbre», em catalão. Quanto a Michel vamos ouvi-lo em duas interpretações sensacionais: «Aranjuez on amour» e «Toledo».

Ambos pertencem à nova vaga da canção espanhola e ultimamente têm viajado imenso. Antes de virem a Lisboa, Michel esteve no Festival de Brasov (Roménia) e Salomé actuou na televisão alemã.

A AGRICULTURA EM NÚMEROS — 2

- MAIS DE UM MILHÃO E 800 MIL TONELADAS DE PRODUTOS IMPORTADOS
- 130160 TONELADAS DE CARNE INSPECIONADAS E APROVADAS

Com base nos números fornecidos pelo volume «Estatísticas Agrícolas e Alimentares» de 1966, respeitante à Metrópole, publicado pelo Instituto Nacional de Estatística, verifica-se que durante o ano de 1966 importaram-se 1 834 082 toneladas de produtos da agricultura, pecuária e silvicultura ou relacionadas com esta actividade, com o valor de 7 669 355 milhares de escudos; a exportação correspondente foi de 1 433 831 toneladas, com o valor de 6 444 092 milhares de escudos.

• 12 416 TONELADAS DE CARNE PARA LISBOA

As captações anuais médias dos principais produtos agrícolas no quinquénio de 1962-1966 foram as seguintes: trigo, 83,05 kg; centeio, 17,61 kg; milho, 75,29 kg; arroz, 20,88 kg; batata, 103,43 kg; feijão, 5,53 kg; grão-de-bico, 1,33 kg; azeite, 7,16 l, e vinho, 123,43 l.

Durante o ano foram inspecionadas e aprovadas para consumo público 130 160 toneladas de carne. Desse quantitativo 12 416 toneladas dizem respeito à cidade de Lisboa e 4359 toneladas à do Porto.

As diferentes espécies contribuíram com os seguintes quantitativos: 420 018 bovinos, com 65 095 toneladas; 762 077 suínos, com 50 882 toneladas; 953 097 ovinos, com 10 666 toneladas; 214 197 caprinos, com 1465 toneladas, e 12 990 equídeos, com 2052 toneladas.

• 62 473 SEGUROS CONTRA INCÊNDIO DE PRODUTOS AGRÍCOLAS

Durante o ano de 1966, no Continente, foram efectuados 62 473 seguros contra risco de incêndio de produtos agrícolas e 3882 seguros contra risco de incêndio de máquinas e utensílios, cobrindo um capital de 1 590 188 contos. Por estes seguros pagou a lavoura prémios no valor de 12 038 contos, tendo recebido 3477 contos como indemnização correspondente a 215 sinistros.

• EMPRÉSTIMOS CONCEDIDOS PELO ESTADO

As quantidades de sementes seleccionadas que a lavoura adquiriu aos organismos encarregados da selecção e distribuição foram as seguintes:

trigo, 163 213 quintais; arroz, 12 546 quintais, e batata, 37 298 quintais.

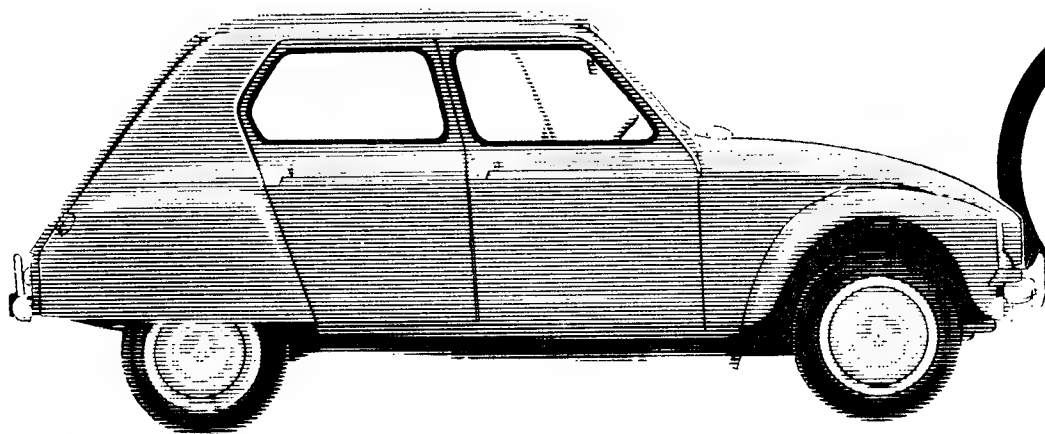
Cerca de 78 % do trigo seleccionado adquirido em 1966 pertenceu apenas a 6 variedades entre mais de 30 distribuídas (autonomia, barbeta, campodoro, impeto, mara e rural). Apenas 2 variedades de arroz (ponta rubra e stirp 136) representaram um pouco mais de metade da semente seleccionada que se empregou. No que respeita a batata certificada para «semente» manteve-se a preferência pela variedade «Arran-Banner» que representou 78 % da «semente» certificada, seguindo-se-lhe a «Arran-Consul» com 16 %.

No capítulo da assistência técnica à vinicultura, os serviços oficiais e os diversos organismos de coordenação económica do sector vitivinícola receberam 60 047 consultas, tendo efectuado cerca de 725 milhares de determinações laboratoriais em cerca de 165 milhares de amostras.

Em matéria de cursos práticos funcionaram 18 cursos de podadores de videiras e árvores diversas, que formaram 248 podadores, e 45 cursos de resinagem frequentados por 416 alunos.

Para povoamento de matas, serras e dunas, em propriedade sob a administração dos Serviços Florestais, foram plantadas cerca de 6 milhões de árvores e semeadas cerca de 220 milhares de quilogramas de sementes diversas, cobrindo uma superfície de 14 422 hectares.

Ao abrigo da lei dos melhoramentos agrícolas, foram concedidos pelo Estado empréstimos no valor de 160 milhares de contos, satisfazendo 1776 pedidos para realização de obras diversas, dos quais 157 se destinaram à compra de máquinas.



DYANE

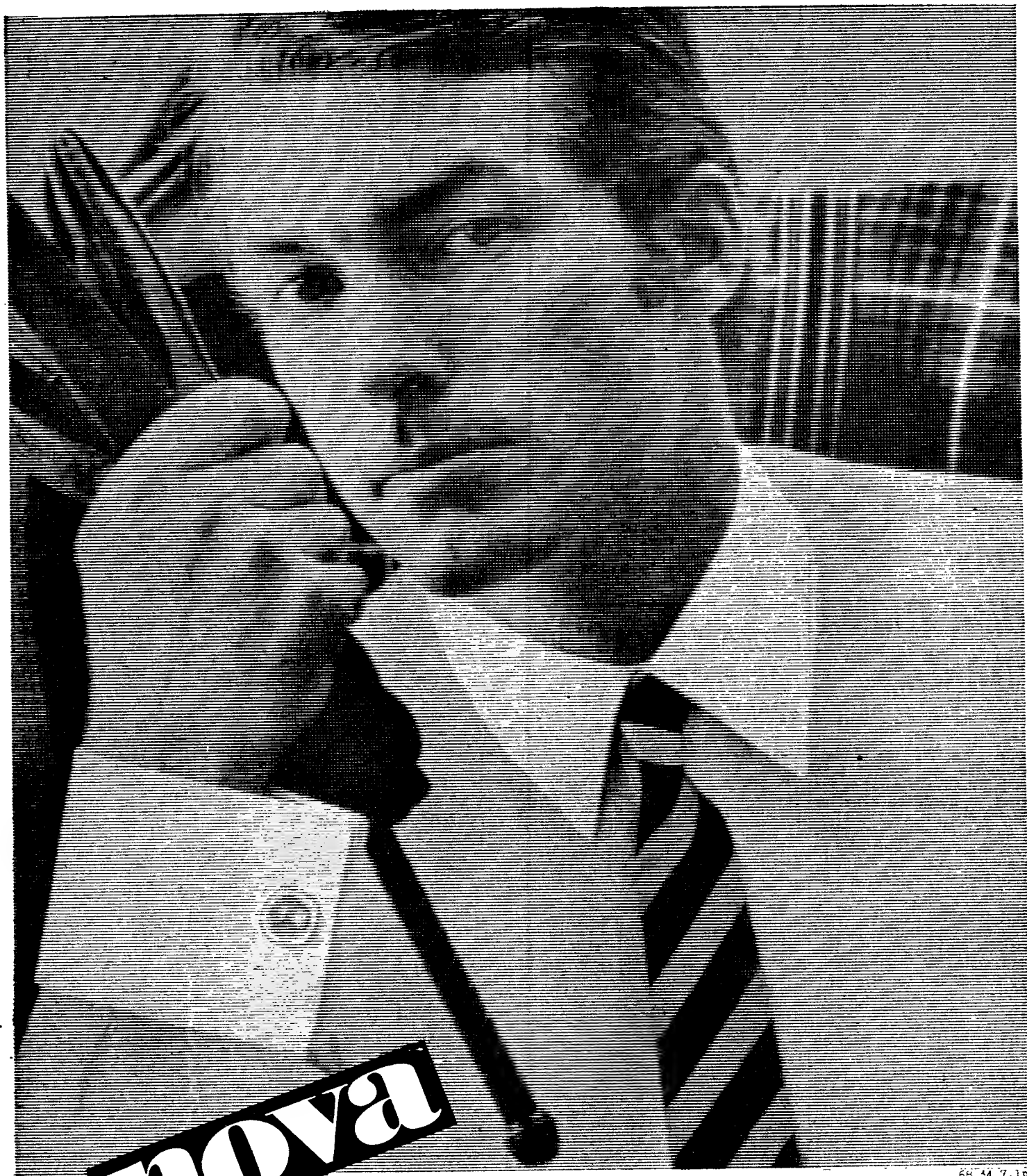
SEGURANÇA
CONFORTO
ECONOMIA

O NOVO CITROËN

DESDE 49.950\$00

AUTOMÓVEIS CITROËN S. A. R. L.
AV. FONTES PEREIRA DE MELO, 47, A-LISBOA

AGENTES EM TODOS OS DISTRITOS



Camisas Stoffels splendesto® Duas vezes mais duráveis!

De uma forte resistência o novo tecido fabricado pela Stoffels, acaba com os problemas da constante deformação do colarinho e dos punhos que geralmente sofrem mais na lavagem.

Verifique em si próprio estas novas qualidades da Camisa Stoffels splendesto... O colarinho mantém-se sempre impecável e os punhos permanecem firmes e perfeitos.

Camisas Stoffels splendesto —
De corte distinto e perfeito.
Sempre permanecem
impecáveis. À sua escolha:

- Em branco e em cores suaves com um colarinho suplente
- Ao preço de Esc. 200\$00
- Também em qualidade super-leve cambráia Esc. 210\$00



Símbolo do Algodão
Mais saudável
Mais confortável



TECIDO SUIÇO

Resultados? — Formidável! —
A melhor Camisa:

- Tem uma autêntica vida dupla, graças à única e resistente textura agora utilizada no colarinho e nos punhos.
- Mais saudável e agradável de vestir pois absorve a transpiração por ser o corpo da camisa de fina popelina de 100% algodão puro.
- Fácil de lavar, também na máquina.
- Nunca precisa ser passada a ferro.

Casas de Repouso dos Alfaiates

Na quinta-feira, às 21 horas, reúne-se a assembleia geral ordinária das Casas de Repouso dos Alfaiates de Portugal, para apreciar o relatório da gerência de 1967 e o parecer do conselho fiscal, bem como deliberar sobre uma proposta da direcção acerca do artigo 6.º dos respectivos estatutos.

Não havendo número legal, a assembleia começará uma hora depois, em segunda convocação, com qualquer número de sócios.

«DESPORTO E ESTRUTURAS SOCIAIS»

tema de um colóquio orientado pelo professor José Esteves

O professor José Esteves orientará um colóquio subordinado ao tema «Desporto e estruturas sociais», que a Associação dos Estudantes do I. N. E. F. promove em colaboração com a Associação dos Estudantes do Instituto Superior Técnico e que se realiza hoje às 18 horas, na cantina do Instituto Superior Técnico.

O IV Encontro Europeu de Universitários decorrerá em Lisboa

O Colégio Universitário Pio XII promove em Lisboa, de 6 a 10 de Abril, o IV Encontro Europeu de Universitários, a nível de colégios universitários, o qual reunirá em Lisboa duas centenas de universitários que fundamentalmente se querem «encontrar» para, através dum melhor conhecimento, criarem relações de amizade que se perpetuem pela vida fora.

Procura-se criar um ambiente superior que seja capaz de interessar os jovens em realizações sérias.

Como os anteriores, este Encontro constará de Jogos Florais, concurso fotográfico, sarau artístico, noites de música e teatro e torneio em várias modalidades desportivas.

Para julgar os Jogos Florais, constitui-se um júri formado pelos escritores Natércia Freire, Miguel Trigueiros, drs. António Quadros e Sabino Alonso Fuyeo; e para classificar as fotografias foram convidados o dr. Constantino Varela Cid, D. Edite Soeiro e o fotógrafo António Capela.

Do programa deste Encontro constam ainda um sarau de arte no Colégio Universitário Pio XII na noite do dia 7 e duas noites de teatro no Vasco Santana em que serão representadas as peças: «Piquenique», de Miguel Barbosa, «A Cólera de Filipe Hotz», de Max Frisch, «Fando y Lis», de Arrabal, e «O Homem de Flor na Boca», de Pirandello.

41 equipas disputarão várias modalidades desportivas: futebol, andebol, basquetebol, ténis de campo e de mesa.

Uma nota simpática deste Encontro: tomará parte um grupo de estudantes brasileiros residentes em Madrid no Colégio Universitário da Casa do Brasil.

Este Encontro tem encontrado o melhor apoio por parte dos ministérios da Educação Nacional de Espanha e Portugal, do ministério de Informação e Turismo de Espanha, Fundação Calouste Gulbenkian, embaixada de Espanha, Câmara Municipal de Lisboa, Instituto do Vinho do Porto e de um grupo de amigos do Colégio Universitário Pio XII.

Pelos tribunais

Condenação por crime grave

SETUBAL, 26 — Em tribunal presidido pelo juiz corregedor dr. José dos Santos Silveira, foi julgado o ferroviário Adriano Beilinho Matoso, de 20 anos, solteiro, residente no Barreiro, acusado de crime grave na pessoa de uma menor de 17 anos. Foi condenado na pena de dois anos de prisão, 20 contos de indemnização à ofendida e 400\$00 de imposto de justiça.

VIDA CIENTÍFICA

A Física no ensino secundário

PARA UM ENSINO VIVO DA FÍSICA

por H. MACHADO JORGE

Na elaboração dos programas aplicáveis aos diversos graus do ensino escolar, uma das considerações que devem antecipar-se a todas as outras é a maioria dos jovens, qualquer que seja o país a que pertençam, não frequenta a escola senão até aos 16 ou 17 anos. Toda a matéria deve, por conseguinte, ser apresentada de maneira a constituir um conjunto coerente e vivo, com valor de cultura geral. Os jovens que deixam a escola com a idade de 16 anos não deveriam ser automaticamente reduzidos a ver apenas uma parte de um programa essencialmente destinado a formar especialistas que prosseguirão os estudos ainda durante mais um ou dois anos. Numerosos são hoje os cursos de ciências que podem ser alvo desta crítica.

DEFEITOS INERENTES AO SISTEMA ACTUAL DE ENSINO DA FÍSICA

Os métodos tradicionais do ensino científico fundamentam-se, vulgarmente, num sistema que se pode qualificar como lógico, e no qual as dificuldades vão aumentando gradualmente. Com efeito, este aumento de dificuldades provém do facto de as dificuldades matemáticas serem cada vez maiores. Os métodos tradicionais descuram normalmente o facto essencial de a maior parte dos jovens ter grande dificuldade em apreender certas noções científicas bastante complexas (como, por exemplo, as noções por que se inicia o ensino da mecânica).

No entanto, a censura mais grave que se lhes pode fazer, do nosso ponto de vista, é a de o aluno dever esperar até chegar aos últimos anos do curso — ao qual não chegarão na maior parte os jovens, que deixam o ensino aos 16 anos — para que se lhe deparem as relações que existem entre a física, tal como lhe é ensinada, e os fenómenos físicos de que o elemento mais ignorante duma colectividade moderna está, pelo menos, vagamente informado. Consultando a maior parte dos programas dos cursos de física actualmente ministrados aos jovens até aos 16 anos, é difícil dar-se conta que se trata de um ramo essencial da cultura em geral, que apresenta um interesse vital no mundo moderno. Pelo contrário, a maior parte dos alunos, esta matéria não pode deixar de parecer extremamente enfadonha.

Convém observar a este propósito que mesmo que se tenha por simples objectivo formar um numero crescente de investigadores e técnicos

e orientar para a carreira científica jovens particularmente dotados, a primeira condição é apresentar-lhes as ciências, desde início, como um assunto pleno de interesse, cujo estudo traz grandes satisfações intelectuais e que se liga estreitamente à experiência que eles adquirem da vida, fora da escola.

Na grande maioria dos países europeus onde as ciências são ensinadas seriamente, os jovens abordam este estudo por volta dos 12 ou 13 anos. Nesta idade, a maior parte deles está já familiarizada com os termos científicos e, sobretudo, com as aplicações da ciência. A sua curiosidade é viva e o seu espírito, capaz de se maravilhar, é muitas vezes atraído pela ciência.

Muitos destes jovens (e mesmo em certos países, a maioria) têm em suas casas aparelhos de televisão (exemplo extraordinário de aplicação da física e da técnica); os pais têm um carro e os jornais falam todos os dias de satélites, de centrais nucleares, de radiotelescópios, etc. Eles debruçam-se então sobre o estudo da física e durante 4 ou 5 anos, aprendendo os fundamentos da ciência de onde saiu a maior parte das grandes descobertas da técnica moderna, apenas raramente, ou mesmo nunca, ouvirão falar destas realizações apaixonantes que contactam todos os dias. Em contrapartida, ensinar-lhes — a um certo número de «factos» e de «leis»; farão talvez algumas experiências simples e, por vezes, sem grande

interesse, e seguirão em geral um curso feito de noções dissecadas, em que, sobre alguns princípios elementares da física, assentam desenvolvimentos essencialmente matemáticos. Estes cursos não compreendem habitualmente nenhuma das descobertas científicas realizadas no decorrer dos últimos decénios.

Tais cursos não podem interessar senão os jovens, pouco numerosos, realmente dotados para a matemática, ou que são capazes de apreciar a apresentação lógica de noções abstractas sem que seja feita menção às suas aplicações práticas.

Os métodos tradicionais de ensino da física dão assim ensejo a duas críticas principais.

Em primeiro lugar, são fastidiosos e não procuram senão tirar partido dos dons naturais de que dispõe o professor de ciências, pois os jovens possuem uma curiosidade instintiva em relação ao mundo em que vivem e estão, por outro lado, em contacto quotidiano com as extraordinárias aplicações da ciência.

Em segundo lugar, a maior parte das vezes dão nestes métodos os factos apresentados, enunciando, de começo, princípios simples (que são muitas vezes, na realidade, noções abstractas de uma certa subtilidade), donde se deduzem, em seguida, as consequências lógicas; estes métodos conduzem a exposições necessariamente restritas e incompletas. Não se pode assim conseguir (e, em verdade, para isso não é feito grande esforço) dar aos jovens uma ideia geral do que

(Continua na página seguinte)

No fim de uma aula de exposição do modelo atómico Rutherford-Bohr (programa de química de 6.º ano liceal) um aluno perguntou ao professor como era possível determinar o número de electrões de um átomo. A resposta foi: «Oh!, isso é muito difícil!». A decepção do jovem foi profunda: era a física contemporânea tão complexa que teria de ir ficando sempre no desconhecimento dos processos de interferência de resultados fundamentais como aquele que então se discutia?

E no entanto a questão tem resposta possível ao nível de preparação de 3.º ciclo liceal. Apanhado desprevenido por uma pergunta difícil, o professor (aliás competente) reagiu emotivamente, porque não lhe ocorria uma resposta adequada. Fugiu à questão, levado pelo receio (complexivo, na maioria dos professores) de que a sua competência ficasse «comprometida» aos olhos do aluno. Injustificadamente, porque é sempre possível a um aluno médio pôr a um professor (mesmo de competência indiscutível) questões a que ele não saiba responder. Cabe-lhe, então, reconhecer a sua impossibilidade momentânea de responder e a obrigação de se debruçar sobre o tema proposto para, na oportunidade seguinte, satisfazer a pergunta.

Não é porém a atitude daquele professor que aqui interessa focar. O ponto que se pretende salientar é a conveniência de clicar o ensino da física, por um lado na história desta (e na da) ciência, por outro, em modelos cuidadosamente imaginados da complexa realidade física, inclusive alvo da investigação científica dos nossos dias.

FUNÇÃO DA HISTÓRIA DA FÍSICA

Há por vezes a noção errada que fazer história da ciência é

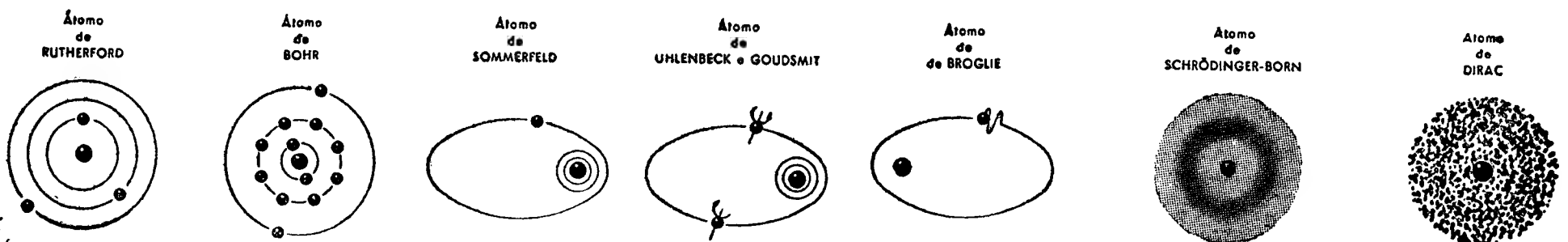
narrar as vicissitudes da vida dos seus maiores obreiros. Uma tal orientação só pode constituir um interregno amenizante da leitura de um «massudo» compêndio (aprovado oficialmente), sem nada acrescentar à formação da mentalidade dos alunos, pelo contrário, podendo até tornar-se pernicioso pelo culto do individualismo em que normalmente cai. A descrição da vida de um grande cientista só terá interesse formativo enquanto caracterizante de um específico contexto social. Mas nunca, quando no melhor espírito folhetinesco (tipo «reader's digest»), se encaminha o aluno para conclusões absurdas como a de que foi a queda de uma maçã que levou Newton à descoberta da lei de atracção universal.

A história da física faz-se, sim, pela descrição do longo caminho seguido até um resultado fundamental, pelo enunciado do longo somatório de pequenas e grandes descobertas que alicerçam todas as conquistas da física contemporânea. Forma-se a mentalidade dos alunos mostrando-lhes (com inevitáveis limitações, evidentemente) porque, e de que maneira, se criaram as condições para as grandes descobertas.

Entre os mais fecundos domínios para este tipo de mentalização estão precisamente a física atómica e a nuclear. Mostrar como da hipótese atómica de Dalton (de origem química) e das experiências sobre descargas em gases rarefeitos de Faraday, Crookes, etc., através da descoberta dos raios X e imediatamente a seguir, da radioactividade, foi sendo criada a infra-estrutura da física contemporânea é pôr a nu o que há de mais fundamental na história da ciência: a evolução como consequência de um encadear de resultados experimentais múltiplos vezes de domínios dispersos; as essenciais sínteses teóricas que aglutinam distintos resultados experimentais levam o conhecimento a um novo grau de profundidade; a fecundidade inimaginável de resultados algumas vezes aparentemente efémeros; a descoberta como consequência da pesquisa porfiada de um esclarecimento, do insaciável anseio de compreensão da

(Continua na página seguinte)

Ano III — N.º 146



Evolução do «modelo atómico» na história da física moderna (extraído da «Gazeta de Física, IV, 3 Jan. 1963)

PARA UM ENSINO VIVO DA FÍSICA

(Continuação da página anterior)

natureza. São todas estas facetas, em suma, a luta infatigável por horizontes mais amplos para o conhecimento humano, que constituem a lição fundamental da história da ciência. A este contexto é completamente alheio o interesse pelas «manias» ou quaisquer outras particularidades insólitas dos grandes homens de ciência. A ciência é feita com os grandes homens de ciência, não apenas pelos grandes homens de ciência.

Descrevendo as etapas sucessivas de uma descoberta fundamental da física ensina-se história da física na sua mais fecunda concepção: formando a mentalidade para a visão aberta, a recusa à escolástica, a predisposição para a integração dos aspectos parcelares em sínteses criadoras.

RECURSO A MODELOS IMAGINOSOS

Complementarmente e paralelamente, até, à utilização da leiamente até, à utilização da história da física como meio indispensável no ensino desta ciência, impõe-se o recurso a modelos vivamente imaginosos, como meio eficiente de esclarecimento e divulgação.

Qualquer resultado da física contemporânea só é acessível, no seu mais profundo significado, mediante uma formulação teórica praticamente sempre dependente de pesada elocubração matemática. Expor a alunos do nível secundário resultados («vídeos») da física contemporânea implica, consequentemente, a utilização de modelos. Aqui, dois aspectos há que apontar.

Não é impondo conceitos abstractos e definições rigorosas que se forjam mentalidades menos apegadas à necessidade de uma «visualização» de resultados científicos sem contrapartida no nosso mundo quotidiano. Tome-se, como exemplo, o electrão. O electrão não é uma «bolinha» de massa diminuta e carga eléctrica negativa. Mas, cremos bem, que para quem tenha de expor matérias de física atómica ou nuclear, de electrónica, etc., é imperiosa a necessidade de consideração do electrão (ou qualquer outra partícula fundamental) como uma «bolinha minúscula». O outro aspecto importante, quando se considera a exposição de física a jovens do

ensino secundário, é a «caricaturização» dos modelos.

O riso é uma arma fundamental de toda a docência. É quando a graça de uma comparação pertinaz faz irromper o riso numa classe que mais fecundo é o ensino, mais perdurável a memorização das facetas importantes da matéria em exposição.

Como concretização particularmente feliz desta atitude transcendemos uma passagem de um excelente livro de divulgação de física, (1) subordinada ao título: «Em que consiste a electricidade?».

«Ao rodar o interruptor de uma lâmpada eléctrica damos início a um movimento precipitado de electrões ao longo dos fios condutores (...) Imaginemos que o fio eléctrico (de cobre, por exemplo) é um largo corredor de metropolitano onde se encontram espalhados aqui e ali alguns cavalheiros calmos, lentos, e pesadões, que são os átomos de cobre. Deixemos passar a corrente, ou seja larguemos um bando de crianças — os electrões — que desembocam de uma das extremidades do corredor. É evidente que algumas crianças vão chocar com os cavalheiros pesadões. O choque imprime um certo movimento a essas pessoas, comunicando-lhes energia que essas pessoas gastam sob a forma de palavras. Os átomos de cobre denunciam o choque com o electrão rápido sacudindo os electrões que lhes estão bem presos e emitindo luz. É este movimento e esta luz que verificamos ao ver o fio aquecer e passar ao rubro».

Posta uma classe em adesão receptiva ao domínio que se pretende explicar não será agora (quantas vezes) mais profícuo o ensino?

A libertação da «imagem» é o fruto de um processo longo de apreensão de conhecimentos. Uma sedimentação deste tipo

não pode ser imposta e para ela nada contribuirá a rigidez do ensino clássico, «sem concessões». Einstein, Gamow, Landau e múltiplos outros grandes cientistas foram (ou são) mestres desta difícil arte de expor compreensivelmente noções por vezes de elevada complexidade (2). Significativamente, os pedagogos têm modernamente aderido a esta orientação. Os mais recentes livros de física americanos, por exemplo, são um excelente exemplo desta atitude.

Mas...

... com um programa como o actualmente em vigor, pouco tempo fica para contribuições neste sentido. Não obstante é uma atitude de espírito que cada professor deve vincular a si mesmo, um método a utilizar sempre que possível. Há que lutar por um ensino vivo da física, e isso compete a todos e a cada um.

H. MACHADO JORGE

(1) R. Semon: As partículas fundamentais da matéria. Enciclopédia Diagramas, n.º 3.

(2) São exemplos frisantes desta admirável capacidade de divulgação, entre tantas outras, obras como: A. Einstein e L. Infeld — A evolução da física, Enciclopédia LBL; ou L. Landau e Y. Rumer — O que é a teoria da relatividade, Livros de bolso (Port. Ed.).

LUSTRES

Fazemos novos, reparamos, transformamos ao gosto do cliente. Fábrica: Av. 5 de Outubro, 203, r/c — Telef. 771639 (Ao Campo Pequeno)

DEFEITOS DO ENSINO

(Continuação da página anterior)

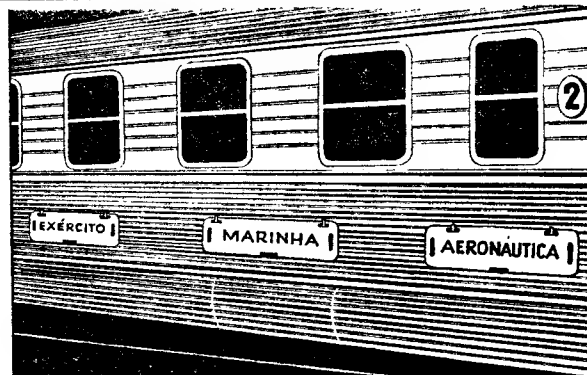
são a ciência moderna e o pensamento científico

É como se, para ensinar uma língua viva, se se limitasse a inculcar aos jovens até aos 16 anos, as regras gramaticais, sem lhes dar a conhecer a literatura ou sem lhes permitir contactar pessoas que falem a língua em questão.

Em nossa opinião, a este nível, um curso de ciências deve acima de tudo despertar e estimular o interesse dos jovens. O curso, global-

mente, deve também dar da ciência moderna uma ideia válida, e abordar domínios cuja exploração seja relativamente recente. Talvez os cursos assim ampliados percam em profundidade o que ganham em extensão; contudo, todavia, recordar que os programas actualmente em vigor não constituem mais do que uma selecção de conhecimentos físicos.

Extraído de «Une conception moderne de l'enseignement de la physique». Publicação OCDE n.º 12796/Nov. 63).



Comboios especiais

entre

Lisboa e Porto

A PREÇOS REDUZIDOS

PARA MILITARES EM VIAGEM DE FIM DE SEMANA

ÀS 6.ªs FEIRAS, SÁBADOS E DOMINGOS EM AMBOS OS SENTIDOS

INFORME-SE NAS ESTAÇÕES DE LISBOA, PORTO E COIMBRA OU NOS DESPACHOS CENTRAIS EXISTENTES NESTAS TRÊS CIDADES

SERVIÇO COMERCIAL E DO TRÁFEGO DA C. P.

SANTOS BRITO, LDA.

Com comércio de comissões, exportações e conta própria na Rua dos Sapeiros, n.º 5, comunicam a todos os seus muito estimados clientes, amigos e a quantos com a firma têm os habituais contactos na labuta dos seus comércios, que transferiram a sua sede para a:

RUA DOS CORREIROS, 53; TODO O 1.º ANDAR e 2.º ESQ.

com os mesmos telefones N.ºs 325988-362326 (GERÊNCIA) e 369781.

Esperando continuar a merecer as suas honrosas ordens que executarão, como desde há tantas dezenas de anos, com as costumadas atenção e solicitude.

A GERÊNCIA

Esta é a nova LAMY 2000

para homens com letra de vincado cunho pessoal

Esc. 600\$00



A primeira caneta masculina que alia a uma autêntica plástica moderna as seguintes vantagens técnicas: aparo de ouro de 18 quilates, coberto a platina e lapidado manualmente. Resultado: escrita extraordinariamente flexível e cheia de personalidade. Ampla gama de espessuras de aparos, incluindo algumas especiais para assinaturas.

Para o problema do centro de gravidade, foi encontrada a solução ideal: a LAMY 2000 adapta-se comodamente à mão masculina; deixa-se conduzir facilmente e sem fadiga.

O sistema de doseamento de tinta «LAMY-Intomatic», patenteado, torna a LAMY 2000 à prova de voo, altitudes e variações de temperatura. Enchimento de embolo com depósito de tinta extremamente grande: cerca de 3500 assinaturas com um só enchimento.

Intencionalmente, a LAMY 2000 não é fulgurante nem elaborada — distingue-se pela sua superfície elegantemente acetinada e pelos seus acessórios de aço inoxidável, forçados à mão.

LAMY — um programa completo

LAMY 2000 aparo ouro 18 quilates coberto a platina — Esc. 350\$ e 500\$
LAMY 27 2 modelos; aparo ouro 14 quilates — Esc. 175\$ e 220\$
LAMY 99 2 modelos; aparo ouro 14 quilates — Esc. 100\$ e 130\$
LAMY ratio 2 modelos com enchimento cartucho — Esc. 105\$ e 140\$
LAMY ratio 2 modelos com enchimento embolo — Esc. 105\$ e 140\$
LAMY exact esferográficas a condizer com as canetas — Esc. 60\$ a 250\$

Escolha no estabelecimento da sua preferência o modelo que mais lhe convier.

FEIRA DE VIENA: 645000 VISITANTES O Chefe do Estado MUDOU DE PROPRIETÁRIO

Cerca de 2900 expositores participaram na Feira de Primavera de Viena, que se realizou de 3 a 10 de Março, e onde participaram 2339

empresas estrangeiras provenientes de 31 países, dois terços de seis países do Mercado Comum, um quarto de países da zona de Comércio Livre.

O certame, que foi visitado por 645000 pessoas de Viena, das províncias federais austríacas, de países vizinhos e de outras partes do Mundo.

No sector dos bens de investimento verificou-se um certo incremento relativamente às feiras do ano de 1967, sobretudo, nos sectores de máquinas-ferramentas, eléctricas e de construção civil.

Até à feira de 1968 (de 8 a 15 de Setembro) um dos actuais edifícios será substituído por um grande pavilhão, a fim de se poder oferecer ao sector eléctrico, incluindo os expositores do grupo de Rádio e Televisão, uma grande possibilidade de expressão.

LABORATÓRIOS VITÓRIA

S. A. R. L.

Capital de Esc. 31 250 000\$00

VENDA NOVA — AMADORA

PAGAMENTO DE DIVIDENDOS

Avisam-se os Senhores Accionistas que, a partir do dia 9 do mês de Abril, próximo futuro, está a pagamento o complemento do dividendo do Exercício de 1967, nos termos aprovados pela Assembleia Geral.

O referido pagamento efectuar-se-á no Banco Pinto & Sotto Mayor, em Lisboa e Porto, em todos os dias úteis, excepto aos Sábados.

Amadora, 23 de Março de 1968.

A DIRECÇÃO



Maria do Carmo Ribeiro de Oliveira

FALECEU

AYRES DE OLIVEIRA, ROGERIO FRANCISCO RIBEIRO DE OLIVEIRA, MARIA JOSE CALADO DOS SANTOS FARRAIA DE OLIVEIRA, PAULO AIRES FARRAIA DE OLIVEIRA e mais família cumprem o doloroso dever de participar a todas as pessoas das suas relações e amizade o falecimento da sua extremosa mulher, mãe, sogra, avó e parente e que o seu funeral se realiza hoje, pelas 16 horas, da Igreja dos Jerónimos, para cemitério a designar.

P. N. A. M.

AGÊNCIA DOMINGOS & DINIZ
Telef. 861649



Graça Maria Van-Zeller de Roure Ferreira Roquette

MISSA DE 30.º DIA

Sua família participa que amanhã, dia 27, às 12,15 horas na Igreja de S. Mamede, será celebrada missa pelo seu eterno descanso.

P. N. A. M.

O Chefe do Estado visita amanhã o novo navio «Porto»

É amanhã, pelas 11 horas, que o sr. Presidente da República visita o novo cargueiro rápido «Porto», de 13 500 toneladas, construído nos estaleiros de Viana do Castelo para a Companhia Colonial de Navegação. O novo navio, que se destina à linha de Angola, S. Tomé e Moçambique, encontra-se atracado ao cais da Rocha do Conde de Óbidos, do lado nascente. O «Porto» é o maior navio construído até hoje em estaleiros particulares portugueses.

UM QUADRO A ÓLEO SOBRE COBRE

Segundo declaração do director-geral do Ensino Superior e das Belas-Artes, passou para Maria Isabel Aranha Batalha Reis Vilardebó. Maria Helena Aranha Batalha Reis Roquette Viana, Frederico Aranha Batalha Reis e Nuno Aranha Batalha Reis, residentes em Lisboa, na Rua da Misericórdia, 22, 1.º, a propriedade da seguinte obra de arte, que pertencia a Edmundo Batalha Reis:

Um quadro a óleo sobre cobre, representando Jesus nas bodas de Caná. Escola flamenga do século XVII. Ao centro, a cena de uma ceia, com a figura de Jesus, no

topo do triclínio, um pouco à esquerda e apontando para um servo que, por sua vez, deita líquido para uma hidria, ou um *énóchoe*, ainda de perfil grego. A' roda do triclínio agrupam-se doze figuras — mas não os Apóstolos, visto existirem de permissão figuras femininas. No baixo canto esquerdo do quadro, um servo poisa no solo um grande *estamnos* com reserva de vinho, possivelmente. Limitando a cena propriamente dita, erguem-se de cada lado duas colunas marmoreas das sobre soco. Ao fundo, um intercolumnio geminado deixa ver a paisagem.

P.º Honorato Rosa

MISSA

Um grupo de professores, assistentes e alunos da Faculdade de Letras, seus antigos colegas e discípulos, participam que será celebrada missa por alma do P.º Honorato Rosa, na igreja de Fátima, no dia 27, às 13.20 horas.

CASCAIS



MANUEL FARIA ARAUJO

MISSA DO 7.º DIA

Noémia Maria Nunes Jordão Araujo, filhos e mais família participam que amanhã, dia 27, às 9.30 horas, na Igreja Paroquial de Cascais, será celebrada missa pelo eterno descanso da Alma de seu muito querido marido, pai e parente, agradecendo desde já a todas as pessoas que se dignarem associar-se a este piedoso acto.

AGÊNCIA MAGNO — Telef. 534167



José Diogo de Castro Meireles Amado

MISSA 7.º DIA

Maria da Conceição de Oriol Pena Cordes Cabêdo Amado, Ana Maria, Isabel Maria, Carlos Manuel, Diogo Xavier Cordes Cabêdo Amado, e mais família, participam que será celebrada missa, quarta-feira, 27, em Santa Isabel, às 11 h. e 45 m., por seu eterno descanso.

Desde já agradecem a quem se dignar assistir.

GANHE

EM TUDO E POR TUDO!

COMPRANDO NA



A VASTA GAMA 1968 DA

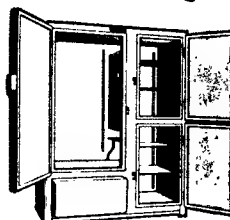
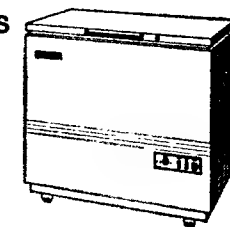
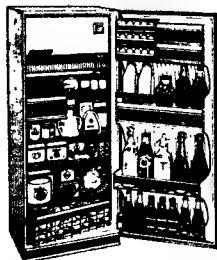
Kelvinator

A MARCA MUNDIAL DE FAMA INDISCÚTIVEL

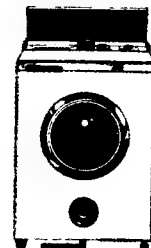
OS MELHORES PREÇOS E CONDIÇÕES DO PAÍS

CONGELADORES

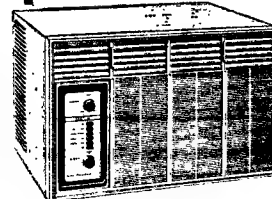
FRIGORÍFICOS DOMÉSTICOS E COMERCIAIS



MÁQUINAS DE LAVAR ROUPA E LOUÇA



AR CONDICIONADO



5 LOJAS À SUA DISPOSIÇÃO

AV. DA LIBERDADE, 131 • R. S. BENTO, 53-57

AV. ALM. REIS, 124 • P. DE LONDRES, 7 • R. 1.º DE MAIO, 146 (S. amaro)

GANHE NO PREÇO

a pronto ou a prestações sempre as melhores condições

GANHE NA ENTRADA

SEM ENTRADA MESMO! começa a pagar um mês depois da compra!

GANHE SEGURANÇA
recebe grátis um seguro de vida

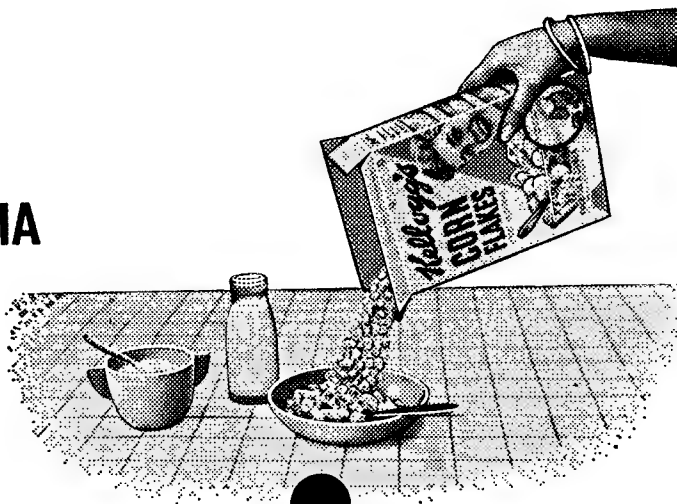
GANHE NAS CONDIÇÕES
vendas a prazo com encargos mínimos!

Logo pela manhã:

O PEQUENO ALMOÇO
PARA TODA A FAMÍLIA

CORN FLAKES

Kellogg's



Estes FLOCOS de CEREALIS tomados com leite e açúcar constituem um alimento delicioso e fortificante — riquíssimo em hidratos de carbono e proteínas. Uma racionalizada refeição tanto para crianças como para adultos. Veja como os seus filhos adoram os douradinhos e bem torrados Corn Flakes Kellogg's.

**PRONTOS
A COMER**
—
NÃO PRECISA COZINHAR
—
**DEITE DIRECTAMENTE
NO PRATO
JUNTE LEITE
E AÇÚCAR**

À venda em pacote de tamanho normal (6 onças) e em pacote duplo mais económico.

AGORA! EM CADA PACOTE DE
CORN FLAKES **Kellogg's**

**BONECOS
ANIMADOS**

QUE ANDAM AUTOMÁTICAMENTE
E PARAM SEM CAIR!

UMA ALEGRIA
PARA OS SEUS FILHOS!



MÁQUINAS DE ESCREVER
«BROTHER»

GARANTIDAS PELO REPRESENTANTE

ACEITAM-SE AGENTES

A PRESTAMISTA MERCANTIL, LDA.

AVENIDA ALMIRANTE REIS, 10-C — LISBOA

COMBOIOS ESPECIAIS

Entre Lisboa e Porto às 6.ª-feiras, sábados e domingos
para militares em viagens de fim-de-semana
a preços reduzidos

A fim de facilitar a deslocação de militares dos três ramos das Forças Armadas (Exército, Marinha e Aeronáutica) de Lisboa ao Porto, e inversamente, a C. P. realiza todas as 6.ª feiras, sábados e domingos circulações especiais com o seguinte horário:

6.ª feiras	Sábados	Domingos	Estações	5.ª feiras	Sábados	Domingos
17.40	14.17	23.40	p. Lisboa (St. Apolónia) c.	23.05	18.30	4.45
22.30	19.18	4.45	c. Porto (Campanhã) p.	17.52	13.35	23.40

A estes comboios são dadas paragens nas estações intermédias mais importantes da linha do Norte para embarque e desembarque de passageiros, sendo possíveis também ligações de e para as principais linhas afluentes.

Associação dos Proprietários da Várzea do Covanacho

Uma portaria publicada na folha oficial, aprova a criação da Associação dos Proprietários da Várzea do Covanacho e a demarcação e classificação dos terrenos que ficam constituindo a sua zona e se situam na margem esquerda da ribeira de Cortes, curso de água pertencente à bacia hidrográfica do rio Tejo, freguesia de Cortes, concelho da Covilhã.

Publicações

BOLETIM DA C. P. — Número de Fevereiro.

I. C. A. O. BULLETIN — Número de Fevereiro.

REVISTA DE GUIMARAES — Número de Julho/Dezembro. Do sumário: «O testamento de Mumadona, fundadora do mosteiro e castelo de Guimarães na segunda metade do séc. X», por Mário Cardozo; «A ocupação da Amazônia nas épocas pré e pós-cabralinas», por Napoleão Figueiredo, etc.

A INDÚSTRIA DO NORTE — Número 576.

COMPANHIA DE SEGUROS «A NACIONAL» — Relatório e contas do exercício de 1967.

JORNAL DO EXÉRCITO — Número de Fevereiro.

SEGURANÇA — N.º 13.
BOLETIM DA CAMARA MUNICIPAL DE SA DA BANDEIRA — N.º 19.

GAZETA AGRICOLA — Número de Janeiro.

REVISTA ILUSTRADA DA P.S.P. DE ANGOLA — Número especial de Natal.

EL COMERCIO EXTERIOR CHECOSLOVACO — Número de Fevereiro. Do sumário: «Sobre a estandarização dos documentos comerciais», pelo dr. Vojtech Sedlacek, «As relações comerciais entre a Checoslováquia e a Zâmbia», por Jiri Zeman, etc.

NOTÍCIAS DA RODÉSIA — N.º 21.
BOLETIM DA CAMARA DE COMÉRCIO DE LOURENÇO MARQUES — N.º 6.

O FERMENTO — N.º 149/150.
BOLETIM DO INSTITUTO PORTUGUES DE ONCOLOGIA DE FRANCISCO GENTIL — Números de Janeiro e Fevereiro.

FUNDEXPORT — N.º 419.
ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS ALUNOS DO COLÉGIO MILITAR — Relatório do exercício de 1967 e parecer do conselho fiscal.

BOLETIM DE INFORMAÇÃO DO MINISTÉRIO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS — N.º 23.

OLISPO — BOLETIM DO GRUPO AMIGOS DE LISBOA — Números de Outubro/Dezembro.

BOLETIM INFORMATIVO DA ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DE LISBOA — N.º 187.

TRABALHO — BOLETIM DO INSTITUTO DO TRABALHO, PREVIDÊNCIA E ACÇÃO SOCIAL DE ANGOLA — N.º 18.

BOLETIM MENSAL DO INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA — N.º 12.

O TRIPEIRO — Número de Março. Do sumário: «Teixeira de Pascoas e a Renascença Portuguesa», por José Régio; «O Mosteiro de Leça do Balio», por Elaine Sanceau, etc.

COMUNIDADE EUROPEA — Número de Março.

C. N. A., órgão de cultura dos Colégios Nun'Álvares de Tomar — N.º 98.

VIA PORTUGALE — Número de Março.

«Boletim de Normalização» — N.º 8/9.

«Infância e Juventude» — N.º 52. Do sumário: «Aspectos e causas da delinquência juvenil»; «Juventude de hoje, juventude de sempre»; etc.

«Fundexport» — N.º 420.

«Cadernos do Instituto do Vinho do Porto» — N.º 336.

CLUBE ARTE E SPORT

AVISO CONVOCATÓRIO

Nos termos estatutários são convidados os sócios deste Clube a reunir na sua sede, em Assembleia Geral Ordinária, no próximo dia 28 de Março, pelas 21 horas, com a presença da maioria dos sócios, ou pelas 22 horas, com qualquer número, para efeito de apreciar, discutir e votar o relatório e contas de gerência do exercício findo e para eleição dos corpos gerentes para o biênio de 1968/1969.

O PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA GERAL.

Leopoldo de Almeida

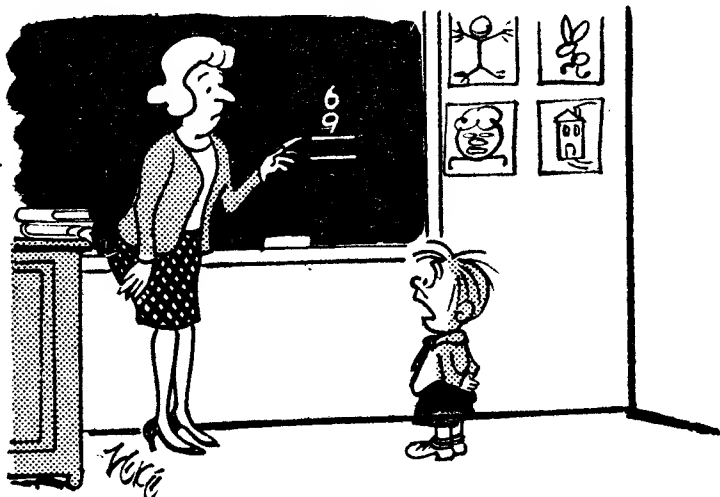
PEQUENO MAGAZINE

HA 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 26 de Março de 1938 publicava:

«A aviação — a grande arma — é o campo traiçoeiro onde baqueiam, tantas vezes, ingloriamente, mocidades radiosas, esperanças risonhas, a gente nova que é a garantia do potencial heróico e militar do Exército do espaço.

«A morte trágica do 2.º tenente António Gonçalves nas águas — nesse dia tão serenas — do Tejo, sob um sol acariciador de Primavera, veio acrescentar mais um nome à lista dolorosa dos mártires da nossa aviação de Marinha.»



— Há pessoas muito difíceis de contentar! Dei-lhe três respostas diferentes e não gostou de nenhuma delas!

CURIOSIDADES

● Gato fiel ao dono

Para voltar ao dono, um gato percorreu, na Alemanha Ocidental, nada menos de 485 km. Como a mulher ia a férias, um funcionário das Finanças em Fürth, na Baviera, levou o seu gato, «Pinkus», em Setembro do ano passado, para a casa da sogra em Aachen, na fronteira germano-holandesa. Poucos dias mais tarde, o gato «Pinkus» fugiu.

Cinco meses depois, o gato, emagrecido até aos ossos, chegou a casa do dono. Nem mesmo os maiores zoólogos conseguem explicar como o dedicado felino conseguiu atravessar toda a Alemanha e transpor os inúmeros obstáculos tais como auto-estradas, rios e grandes cidades.

● Que se passa com a vitamina C?

O ácido ascórbico (ou vitamina C), tido como excelente preventivo das constipações e gripes, sofreu rude golpe nessa consagrada reputação.

Recentemente, um grupo de investigadores do famoso Instituto de Pesquisas sobre a Constipação, em Salisbury (Inglaterra), estudou a sério o assunto e procedeu a numerosas experiências, segundo as mais apuradas técnicas. As conclusões a que chegaram esses médicos não são nada favoráveis à popular vitamina C. Com efeito, os voluntários, que tomaram doses elevadas de ácido ascórbico e foram, depois, injectados com o vírus da constipação, não revelaram quaisquer diferenças em número, na duração e na gravidade da doença, em comparação com outros voluntários constipados e que não receberam vitamina C!

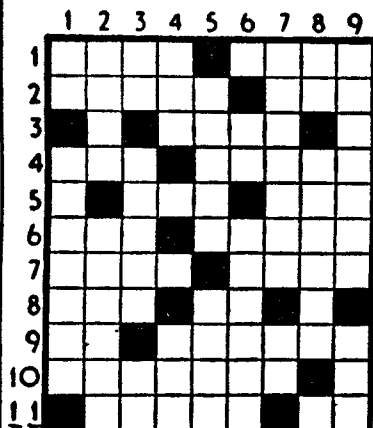
● Na era da electrónica

Foi aperfeiçoada pela indústria britânica da especialidade uma nova técnica a qual permite que um único dispositivo miniaturizado cujas dimensões não excedem alguns centímetros de polegada, possa desempenhar as funções de um complexo circuito electrónico.

A nova técnica poderá revolucionar a construção de todos os tipos de equipamento electrónico — desde computadores a receptores de televisão, além de que está prevista a sua realização na electrónica.

PALAVRAS CRUZADAS

(COM PROVERBIO)
PROBLEMA N.º 4770



HORIZONTAIS: 1 — O que, em maior quantidade. 2 — Repetir. Malvado. 3 — Utensílio para puxar a cinza do forno. 4 — Estabelecimento de bebidas. Divertimento. 5 — Flanco. Possui 6 — Adicionei. Doença contagiosa que ataca a raça equina. 7 — É obrigado. Em grau superior. 8 — Pega. Graça. 9 — Avista. Medidas. 10 — Avaliam. 11 — Entusiar-se. Figura.

VERTICAIS: 1 — Que baste (abrev.). Berrava. 2 — Ulula. Quer. 3 — Pertences. Hidrofobia. Qualquer. 4 — Imensidade. Presenciar. 5 — Trocam. Oração. 6 — Preposição. Detestar. 7 — Espólio. me. Prefixo de negação. 8 — Frequência. Receada. 9 — Trepemos.

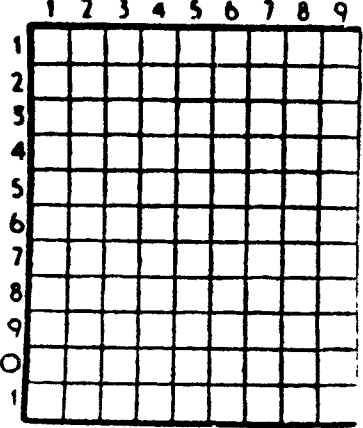
Resolva completamente este problema! Procure agora, em segundo passatempo, o PROVERBIO nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 4769

HORIZONTAIS: 1 — Levam. Crê. 2 — Anil. Clás. 3 — Gavinhas. 4 — O. Es. 5 — OCIOSO. 6 — Mar. Raras. 7 — Adiou. As. 8 — Ali. PARA. 9 — Aniana. 10 — Madona. 11 — Aia. O'ho

VERTICAIS: 1 — Lago. Má. Uma. 2 — Ena. NADA. Ai. 3 — VIVE. Rizada. 4 — Aliso. Oiro. 5 — Cru. Ir. 6 — Cheia. Pano. 7 — Clamor. Anal. 8 — Rás. Soara. 9 — És. Bossa. Vá. (PROVERBIO: O ocioso para nada vive)

(NOVA MODALIDADE)
PROBLEMA N.º 8614



HORIZONTAIS: 1 — Cidade da Jugoslávia. Ave de rapina. 2 — Freguesia do Concelho de Oeiras. 3 — Senhor. Manifesto desdentado espécie de tatu. 4 — Atílio. Satélite de Jupiter. Utensílio doméstico. 5 — Ovíde. Cidade da Ucrânia, nas margens do Dniepr. 6 — Medida de superfície. Ilha inglesa no mar da Irlanda. 7 — Antepassado. Divisão de uma casa. 8 — Basta. Preposição e artigo definido. Governante. 9 — Estimam. Preposição latina que designa movimento. 10 — Repetir. 11 — Grande cão de fila. Senhor em inglês.

VERTICAIS: 1 — Capital da Noruega. Tolerar. 2 — Versejava. Artigo definido (ant.). 3 — Oferece. Metal precioso de cor amarela. Bolo de farinha de arroz e azeite de coco usado na Ásia. 4 — Gosta muito de. Pronome pessoal. Bisnaga. 5 — Estrada magnífica que ia de Roma a Brindes. Ecos. 6 — Nome de homem. Ruim. Freguesia do concelho de Penafiel. 7 — Colonizado. Pacote. Troça. 8 — Sufixo que designa estado. Istmo que une as duas Américas. 9 — Amotinar. Rio de Portugal.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8613
HORIZONTAIS: 1 — Montargil. 2 — Aro. Rau. 3 — late. Piita. 4 — Sias. Eies. 5 — Sim. Cás. 6 — Sopas. 7 — Um. Ler. Ba. 8 — Nova. Apar. 9 — Eras. Saír. 10 — Nas. Tão. 11 — Elias. Laos.

VERTICAIS: 1 — Mais. Cunene. 2 — Oraís. Moral. 3 — Notais. Vasa. 4 — Esmolas. 5 — Au. Pé. 6 — Pecanos. 7 — Grilos. Pata. 8 — lates. Baído. 9 — Luas. Barros.

NOTÍCIAS DE ÍLHAVO

Grupo dos Amigos do Museu

ÍLHAVO, 26 — Sob a presidência do capitão Manuel São Marcos, no edifício do Museu Regional e Etnográfico, reuniu-se a assembleia geral do Grupo dos Amigos do Museu, tendo sido, depois de aprovadas as contas dos dois últimos anos, reeleita a direcção, entrando apenas o sr. António Celestino Gomes, em substituição do sr. Carlos Fragoso, falecido em Janeiro. Falaram os srs. Guilhermino Ramalheira, eng.º Manuel Pio Ramos e Américo Teles que propôs, o que foi aprovado, que o Grupo de Amigos do Museu editasse a conferência feita em 1945, no Salão dos Bombeiros, por Guilhermino Ramalheira, sob o tema «Canção do Mar». O produto líquido da venda do opusculo reverterá a favor da construção do novo edifício.

Foram feitas referências às valiosas ofertas feitas ao Museu ultimamente, muito particularmente às 5 estatuas de navegadores oferecidas pela Fábrica da Vista Alegre.

Foram aprovadas as contas referentes aos dois últimos anos que acusam um saldo de cerca de 5800 escudos.

Tentativas de roubo

As autoridades locais procuram esclarecer certos factos passados ultimamente, que provocaram espanto e até um certo alarme na população desta terra. Assim, há tempos, um desconhecido entrou, por altas horas da noite, com chave falsa, num prédio da Avenida da Saudade. O ratoneiro desconhecido teve de fugir, em face da

reação dos moradores do referido prédio. Agora, repetiu-se cena idêntica na casa do médico desta vila sr. dr. José Cândido Vaz, no Corgo-Comum.

Pelas 3 horas da madrugada, também um desconhecido, meio embaçado entrou no quarto de dormir daquele clínico.

Como aquele médico sentisse barulho e tivesse acendido a luz, o desconhecido fugiu para o corredor e dali para a rua.

A G. N. R. desta vila está a procurar esclarecer este e outros casos e oxalá isso aconteça, para sossego da pacata população desta terra.

VIDA RELIGIOSA

Procissão dos Passos da Ajuda

No domingo, realizam-se as cerimónias próprias da Quaresma, na igreja da freguesia de Nossa Senhora da Ajuda, havendo, às 8 horas, missa pelos irmãos falecidos da Confraria; às 11, missa solene e, às 15 e 30, procissão pelo itinerário

CONSELHO ULTRAMARINO

O sr. dr. António Prazeres Pais foi empossado, esta tarde, no cargo de vogal da 2.ª subsecção do Contencioso do Conselho Ultramarino, pelo vice-presidente deste Conselho sr. dr. Baltasar Rebelo de Sousa. O Conselho Ultramarino reúne-se depois de amanhã, às 15 horas, em sessão plenária, para debater os problemas relativos aos organismos e serviços provinciais do Ultramar dotados de autonomia administrativa e financeira.

AREIAS — FERREIRA DO ZÉZERE



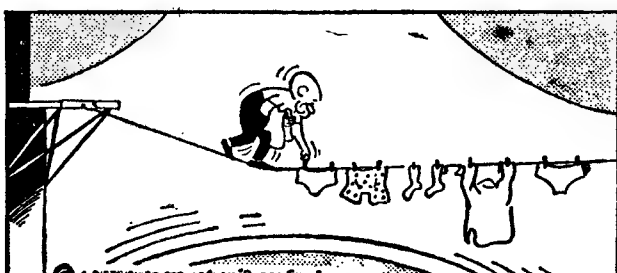
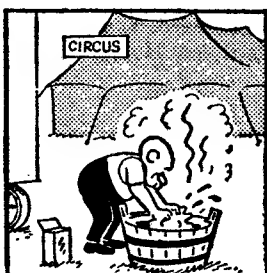
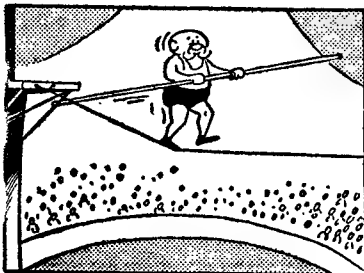
MARIA CELESTE LOPES MENDES NUNES DUARTE

Missas do 3.º mês

Pelo seu eterno descanso, sua família manda celebrar Missa, amanhã, 4.ª feira 27, na Igreja de Areias pelas 8 horas e 5.ª feira 28, pelas 8,30 da manhã e, na Igreja de S. João de Brito em Lisboa, amanhã pelas 10 horas e 5.ª feira 28, pelas 11,30, agradecendo desde já a todas as pessoas que se dignarem assistir a este piedoso acto.

P. N. — A. M.

AVENTURAS DO TIO CARLOS



DESPORTO

CHARLTON, BEST & C.^a

O MANCHESTER UNITED À PROCURA DO ÊXITO QUE SEMPRE LHE FUGIU

A poderosa equipa britânica do Manchester United será talvez aquela que melhores condições reúna para discutir o título europeu.

E que assim é, prova-o não só o facto de o Manchester ter sido sempre considerado favorito, em todas as edições da prova em que tem participado, como ainda a circunstância de este ano a final se disputar em terras da Loira Albion. Contudo, jamais o

de final na Taça da Europa de 65: Depois duma excelente exibição e do resultado tangencial (2-3) conseguido em Manchester, nada fazia prever que a segunda eliminatória disputada em Lisboa tivesse o desfecho que todos recorda-



BEST, o «beatle» escorço do Manchester United

por COSTA PEREIRA

Manchester conseguiu conquistar tão importante competição, sofrendo por vezes eliminações imprevisíveis, a barrar-lhe a subida para o trono.

Recordemos a ilustrar esta ideia, o seu afastamento da taça dos Campeões, numa das mais brilhantes recuperações de equipas portuguesas, quando o Sporting transformou os 4-1 de Manchester nos 5-0 de Alvalade.

Deixou-nos esta equipa do Manchester algumas recordações «amargas». Lembremos os quartos

Hóquei em Patins

O SPORTING TRIUNFOU (2-0) EM CASCAIS

Efectuou-se ontem, á noite, mais uma jornada do «Torneio de Abertura» de hóquei em patins e cujos resultados foram os seguintes: Cascais, 0-Sporting, 2; Física, 1-Benfica, 3; Azeltonense, 0-Oeiras, 2; Sintra, 8-F. Benfica, 1 e Salesiana, 4-L. Al-gés, 2.

Merecem realce os êxitos dos benfiquistas e dos «leões», respectivamente em Torres Vedras e em Cascais. De salientar, também, a força ofensiva revelada pelo Sintra, que parece querer regressar ao plano destacado que já conheceu na modalidade.

Actividades da M.P.

Prosseguem os campeonatos

Em continuação dos campeonatos distritais de futebol de «onze», futebol de «cinco» e basquetebol, da Delegação Distrital de Lisboa, da Mocidade Portuguesa, realizaram-se mais quatro encontros, em que se apuraram os seguintes resultados:

FUTEBOL DE «ONZE»

Juniors: Ext. Sousa Martins-Liceu Nac. Oeiras, 0-1; Esc. Ateneu Com. Lisboa-Inst. Pupilos Exército, 1-6.

FUTEBOL DE «CINCO»

Iniciados: Col. S. João de Brito (A)-Esc. Agrícola D. Dinis, não se realizou por falta de comparência das duas equipas; Col. S. João de Brito (A)-Ext. Sousa Martins, 1-6; Esc. Ferreira Borges-Esc. Patrício Prazeres, v-f. c.

BASQUETEBOL

Juvenis: A contar para a meia-final, disputou-se o encontro Casa Pia (sec. P. Manique)-Liceu D. João de Castro (A), que terminou com o resultado de 41-11.

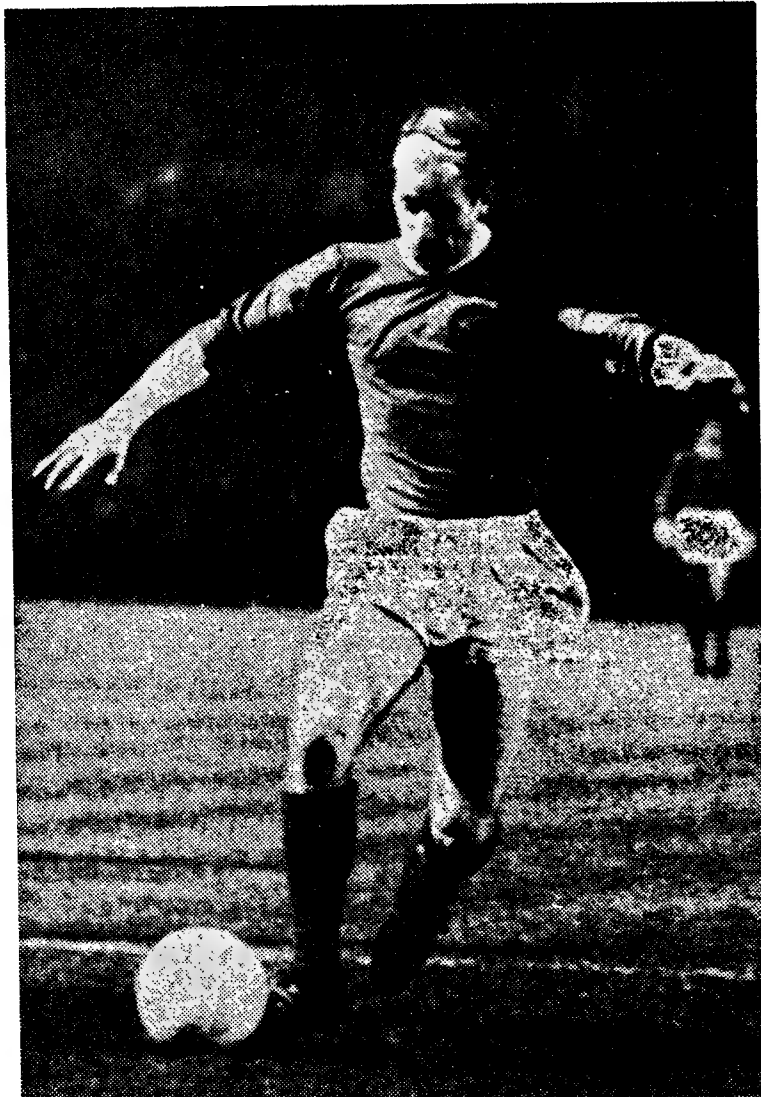
mos. Na verdade encaramos a partida com optimismo e confiança exagerados, que cedo de mais se tornou numa confrangedora desilusão. Ao alcançar-se o 20.º minuto perdíamos por 3-0!...

O «beatle» do futebol inglês seria nessa noite o grande «carraasco» duma equipa que via volatilizar-se todas as suas esperanças de continuar na prova mais prestigiosa do futebol europeu.

Não ficou no entanto esta derrota na história do Benfica como um «espinho», mas apenas como uma dolorosa realidade no futebol

do clube, realidade que devemos recordar, para dela tirarmos as lições que nos permitam rectificar os erros de outrora. Felizmente, e por capricho dos fados voltámos a defrontá-los e com todos os seus titulares em LOS ANGELES. Vencemos por 3-1, depois duma exibição memorável. Contas saldadas portanto!... Infelizmente terminou aqui a minha carreira desportiva ao nível internacional com uma vitória de «gostinho especial»...

Regressa agora o fortíssimo conjunto britânico ao mesmo plano de evidência e mesmo sem a habitual colaboração do fabuloso Denis Law o Manchester United possui capacidade suficiente para afastar da competição qualquer antagonista por maiores credenciais que este apresente. A sua presença nas meias-finais é por si só um testemunho cruento da sua valia e poder. A equipa utiliza normalmente a progressão alongada, característica das equipas de Alé-Mancha com solicitações frequentes pelos flancos. Bobby Charlton, a figura lendária do futebol britânico, é o «maestro» da equipa, actuando recuado na zona central do campo. Influente em todos os lances do jogo, ele chama a si a urdidura das jogadas de ataque, impulsionando os companheiros num sentido linear. BEST (o «Beatle») é um jogador veloz e desconcertante e na linha média sobressai STILES o «carraço» de Eusébio, jogador voluntarioso por vezes rude. Como já dissemos, BEST e HERD são jogadores mais perigosos pela acutilância e inteligência do seu futebol. A defesa utiliza um processo de marcação á zona, e são



«Bobby» Charlton, o mais categorizado futebolista de uma grande equipa

quase imbatíveis nas jogadas por alto. A sua extraordinária condição física e envergadura atlética impõem que se evite o choque, na esquemática dos lances.

Para José Henriques, se, como esperamos, tivermos este ano, na Taça da Europa, uma final anglo-lusa, lhe endereçamos um conselho su-

gerido pela nossa experiência. Atenção aos cruzamentos por alto, pois os ingleses são exímios na utilização do corpo, nas cargas ao guarda-redes, sendo conveniente socar a bola para fora da área. Não caia na «asneira» de tentar encastar uma bola sobre a linha de gol!



INSTANTÂNEOS

CALHOU AO BENFICA «A NOIVA DE ITÁLIA»...

O sorteio das meias-finais da Taça dos Campeões Europeus juntou os campeões de Itália e de Portugal.

Assim, o Benfica terá de haver-se com o Juventus, de Turim.

O adversário dos lusitanos é conhecido, entre os transalpinos, por uma designação que tem tanto de pitoresca como de carinhosa. Chamam-lhe «La Fidanzzatta», ou seja — «A Noiva de Itália».

Vejam o que havia de sair na rifa ao nosso representante! Parece-nos conveniente mentalizarmos, desde já, os jogadores «encarnados» para tal desafio. E, se se virem



muito apertados, o melhor será avisar «A Noiva»: Largá-nos, que somos casados...

A «TAÇA» METEU-SE NOS COPOS

Se o resultado de S. João da Madeira não espanta, os desfechos de Braga e de Coimbra surpreenderam muita gente.

Esperava-se que o Belenenses e o Vitória de Setúbal defendessem a vantagem alcançada nos seus campos e, afinal, ata-

caram de modo a repetir os triunfos.

O apuramento dos lisboetas e sadinos tomou assim um merecimento incontestável. Eles ganharam e «reganharam»...

Com este volume de vitórias fora, a prova «maldita» do nosso futebol perdeu a cabeça! Sem dúvida: a «Taça» meteu-se nos «Copos»...



MENOS ESPECTADORES NO FUTEBOL

E' natural. A qualidade do jogo diminuiu ao passo que o preço dos bilhetes aumentou. Quando uma equipa tem um gol de avanço, eis os seus jogadores a demorarem as reposições de bola, a chutarem o esférico para fora, a fingirem-se fortemente lesionados.

O espectador que não é «doente» e pagou caro para ver um espectáculo seriamente desportivo, vê-se burlado e não volta, pelo menos com a frequência que seria de prever. Ninguém gosta de ser enganado!

Não se permitam nos rectângulos de jogo o que as leis não consentem e outro galo cantará. De contrário...

OLIVEIRA E ANACLETO NÃO SE PODEM VER...

Assegurou-nos, há dias, um amigo ligado ao atletismo, que Manuel de Oliveira e Anacleto Pinto não se podem ver!... Não acreditámos, pois conhecemos a amizade tradicional entre praticantes da modalidade-base.

Prontamente, o nosso informador acrescentou: «Não é nada disso! Não se podem ver, porque andam sempre desencontrados».

E ficámos a pensar se esse será o melhor processo de valorização mútua que nós todos tanto desejamos?!

UMA MULHER SÓ...

Deveria ter-se disputado o Torneio Universitário de Tenis de Mesa, destinado a senhoras. Contudo, não se disputou.

Na hora da sua efectivação, apenas uma atleta — Maria José Duarte, da Faculdade de Letras — compareceu no Pavilhão onde o mesmo se realizaria. E, como não há memória de um jogo de pingue-pongue com um só interveniente, a prova ficou sem efeito.

O respectivo Centro louvou a estudante pela boa vontade demonstrada e nós fazemo-nos eco de tal deferência. Deixe lá, Maria José Duarte. Sem desprimor para as faltosas, que nem conhecemos, mais vale só...

Texto de Francisco Camilo—Desenhos de Pragana

DESPORTO

ANDEBOL DE SETE

Partiu para Toulouse
a selecção nacional de «esperanças»

No «Sud-express» partiu para França ao princípio da tarde, a equipa de andebol de sete de Portugal, constituída por jogadores até 23 anos — «esperanças» —, que na próxima 5.ª feira iniciará em Toulouse a disputa da «Taça Latina» da modalidade.

Numa preparação a golpes de força, entusiasmo e boa vontade, os jovens da nossa equipa jamais faltaram aos treinos que noite após noite se têm vindo a realizar sob a direcção do dedicado seleccionador Matos Moura. Foi num desses treinos que tivemos ocasião de auscultar o pensamento de alguns jogadores sobre o que poderá ser o comportamento da equipa nacional.

E, assim, em frases curtas mas significativas, que a seguir reproduzimos ficámos cientes que quer ganhando quer perdendo, o andebol português está bem entregue.

CARLOS CORREIA — A nossa juventude. A nossa força de vontade, a característica garra dos portugueses, há-de levar-nos a dignificar o nosso andebol, alcançando uma classificação honrosa.

OLIVEIRA — Será impossível ganhar a taça, mas poderemos triunfar sobre Marrocos e chegar ao 3.º lugar.

COELHO — Temos de fazer boa figura, mesmo sem termos levado a preparação que era necessária.

SIMÕES — Sou novo no andebol! Não estou muito a par do actual panorama da modalidade além-fronteiras, mas levamos muitos jovens cheios de vontade e isso há-de pesar nas nossas actuações.

MAGALHÃES — Porque não havemos de alcançar pelo menos o 2.º lugar? Não temos possibilidade para o conseguir? Estou convencido que sim!

BESSONE — A nossa juventude há-de prevalecer. Faremos melhor que no último torneio de Madrid.

LUÍS ANTÓNIO — Embora mal preparados, sem culpa para os responsáveis, levo a esperança de

podermos ser os segundos.

PINHEIRO — Reunimos um lote de jogadores do mesmo clube, que se conhecem bem e com os restantes companheiros havemos de atingir bom plano.

TRIGO — Só conheço os espanhóis. E já me basta para saber as dificuldades que nos vão surgir, mas contem conosco.

ANAIA — Nada de veleidades. Não vamos ganhar. Mas em equipas de «esperanças» a diferença não deve ser muito acentuada. Temos boas hipóteses.

Falaram alguns dos jogadores da selecção portuguesa de «esperanças». As suas afirmações são claras. Há agora apenas que aguardar que tudo corra pelo melhor e palpita-nos que assim irá suceder. Se assim for será uma grande e significativa vitória.

A. F.

A SELECÇÃO DE JUNIORES
TREINOU ONTEM EM ALVALADE• EMPATE A DOIS GOLOS
COM A RESERVA «LEONINA»

Com um jogo-treino, que se realizou no Estádio Alvalade, contra a reserva do Sportin, e que terminou empatado a dois golos, prosseguiu, ontem, a noite, a preparação da equipa nacional de juniores de futebol.

A sessão, a que assistiram o dr. David Sequerra, seleccionador nacional, e o treinador Peres Bandeira, foi muito proveitosa, merecendo relevo especial o entendimento e coesão revelados pelo compartimento defensivo dos juniores, a dar garantias de eficiência nos despiques em que vão estar envolvidos.

Inicialmente a equipa formou:

Uma taça intercontinental
para os juniores
de futebol?

BOGOTÁ, 26 — (F. P.) — Teófilo Salinas, presidente da Confederação Sul-Americana de Futebol, anunciou ontem em Lima que este organismo vai propor a Gustavo Widicker, presidente da U. E. F. A., a criação duma taça «Europa-América» para juniores.

Esta competição obedeceria à fórmula da Taça Intercontinental, disputada entre os vencedores das Taças da Europa e da América do Sul.

TAÇA DE PORTUGAL

F. C. PORTO-
BELENENSESO JOGO DE SENSACÃO
DOS QUARTOS DE FINAL

Na sede da A. F. L. e sob a presidência do dirigente federativo major Carrilho do Rosário, realizou-se ontem à noite o sorteio para os jogos referentes aos quartos de final da Taça de Portugal a disputar em 19 e 26 de Maio.

Foi o seguinte o resultado da extração: Leixões-Marítimo, Vitória de Guimarães-Vitória de Setúbal, Barreirense-Benfica e F. C. Porto-Belenenses.

Vamos ter portanto um jogo entre «grandes» — Porto e Belenenses — a emprestar maior emoção a uma eliminatória que se nos afigura de equilíbrio e portanto de difícil prognóstico.

A SEMANA
DO FUTEBOL EUROPEU

LONDRES, 25 — (A. N. I.) — Calendário dos jogos internacionais de futebol, que esta semana se disputam na Europa:

HOJE

TAÇA DAS CIDADES COM FEIRA — Quarto de final — em Glasgow — Ragers-Leeds United (Inglaterra) — primeira «mão».

AMANHÃ

EM BILBAU — Atlético de Bilbao — Ferencvaros (Hungria). Na primeira «mão» o Ferencvaros venceu por 2-1.

Em BOLONHA — Bolonha — Vojvodina de Novi Sad (Jugoslávia), primeira «mão».

TORNEIO MILITAR

EM NANCY — França-Bélgica.

TORNEIO PRÉ-OLÍMPICO — EM SABADELL — Espanha-Inglaterra.

José Luís Fernandes (G. C. P.)
conquistou com inteiro merecimento
o título de campeão nacional (3.ª cat.)

O grande numero de participantes no campeonato nacional de ginástica desportiva, de 3.ª categoria, atesta, na realidade, que os clubes que se dedicam à prática da modalidade, continuam a fomentar o seu desenvolvimento.

Com o concurso dos representantes de vários clubes, espalhados por todo o País, este campeonato ficou altamente valorizado, merecendo bem, a designação de nacional, que lhe foi atribuída.

É-nos agradável acrescentar que a organização foi bastante aceitável, tendo, apenas, pecado, por ter funcionado um unico júri, havendo, ao que parece, elementos suficientes para formar um segundo, o que só se verificou um pouco tardiamente.

Nas provas masculinas, José Luís Fernandes, do Ginásio Clube Português, foi, sem dúvida, o alvo das maiores atenções, pois, durante o decorrer das suas provas nos vários aparelhos, o muito publico que a elas assistia, adivinhava, que algo de notável seria conquistado por este ginasta.

Na verdade, foi José Fernandes o vencedor de todas as provas, com excepção das de movimentos livres e saltos de cavalo, onde, no entanto, também, obteve boas classificações.

No final, quando o seu nome foi anunciado como campeão nacional de 3.ª categoria, os aplausos surgiram espontâneos, não se notando, por parte do publico, qualquer movimento de surpresa.

Após a realização de todos os exercícios nos vários aparelhos, os vencedores das provas masculinas foram os seguintes:

Movimentos livres: Fernando

Braga (Spt.), com 18,75 pontos.

Paralelas, argolas, cavalo com arções e barra fixa: José Luís Fernandes (G. C. P.), respectivamente, com 18,60, 17,70, 18,70 e 17,90 pontos.

Salto de cavalo: Nelson Pinto (Spt.), com 18,50 pontos.

A classificação geral ficou assim ordenada: 1.º, José Luís Fernandes (G. C. P.), com 109 pontos; 2.º, Fernando Braga (Spt.), com 106,30 pontos; 3.º, Luís Marques (G. C. P.), com 105,95 pontos.

Por equipas: 1.º, Ginásio Clube Português; 2.º, Lisboa Ginásio Clube; 3.º, F. C. Porto.

Das provas femininas saiu vencedora a ginasta angolana, Maria Paula Santiago (Lobito), que foi a primeira classificada em todos os aparelhos, tendo-se, com efeito, evidenciado, pela correção, destreza e elegância com que executou todos os esquemas determinados pelo programa, dando, desta maneira, a entender que se encontra bem familiarizada com todos os aparelhos.

Apesar de vencedora em todas as provas, a simpática Maria Paula não conseguiu o título de campeã nacional, só por não ter atingido a média mínima exigida, que é de 8,5 pontos para as provas obrigatórias e de 8 pontos para as facultativas.

As pontuações de Maria Paula Santiago, foram 7,033, 8,566, 8,500 e 8,433, respectivamente, em trave olímpica, saltos de cavalo, paralelas assimétricas e movimentos livres.

A classificação geral ficou assim ordenada: 1.ª, Maria Paula Santiago (Lobito), com 63,831 pontos; 2.ª, Anabela Santos Aleiro (G. C. P.), 59,698 pontos; 3.ª, Maria João Palma Mafra (L. G. C.), com 58,830 pontos.

Após a repetição da prova de saltos de cavalo, dos campeonatos nacionais de ginástica desportiva, de 4.ª categoria, Carolina Pires (S. L. B.) manteve-se à frente da classificação que ficou assim ordenada: 1.ª, Carolina Pires (S. L. B.); 2.ª, Maria Mineiro (F. C. Porto); 3.ª, Anabela Ribeiro (L. G. C.).

J. DA MESQUITA

ESGRIMA

O Club Shell (A)

vencedor da

Taça Herculano Pimentel

Organizada pela Sala de Armas do C. D. U. L., e homenageando o seu mestre de armas, disputou-se no Pavilhão dos Desportos da Cidade Universitária a taça «Mestre Dr. Herculano Pimentel».

Em primeiro lugar realizou-se uma «poule» eliminatória, para apuramento de oito das doze equipas mistas (florete, sabre e espada) inscritas.

Seguidamente, disputou-se a primeira fase de eliminação directa, tendo-se apurado as quatro equipas que passamos a indicar.

Shell (A): Tomás Baltasar, Amado Fernandes e Laranjeira Abreu. Shell (B): Luís Santa Bárbara, Palva e Pona e Rui Santa Bárbara. C. D. U. L. (A): Silva Marques, Tavares Cabral e Helder Reis.

C. D. U. L. (B): Manso Pinheiro, Mário Rafael e Mendonça Garcia.

Após esta primeira fase de que saíram vencedoras as equipas (A) e (B) do Clube Shell, disputou-se entre elas a final, ficando a classificação assim ordenada:

1.º, Clube Shell (A); 2.º, Clube Shell (B); 3.º, C. D. U. L. (A); 4.º, C. D. U. L. (B).

No intervalo entre a primeira fase eliminatória e a final, Sílvia Saraiva Gomes, do C. D. U. L., e Maria Conceição Freitas, do Clube Shell, disputaram uma animado encontro de florete, tendo saído vencedora a última.

O publico, que assistiu à disputa desta taça, viveu-a com interesse, tendo sublinhado quase todos os combates com muitos aplausos.

«EL CORDOBÉS» FUTEBOLISTA



A notícia causou certa sensação: Manuel Benítez, o célebre «Cordobés», «diestro» famoso que se faz pagar por míticos, vai substituir o «traje de lúes» pelo equipamento de futebol e participar num jogo da «Liga» espanhola, em representação do Córdoba. E aqui temos a humorística antevisão do caricaturista Quesada, no jornal madrilenho «Arriba»: «El Cordobés» com a orelha... do árbitro

OS MELHORES
DESPORTISTAS
ESPAÑHÓIS DE 1967

Pilar von Carsten, nadadora, Aurélio Garcia, esquiador, e Pedro Canases, pugilista, foram proclamados os melhores desportistas madrilenos durante o ano de 1967. Pilar e Aurélio no grupo dos amadores e Canases entre os profissionais.

Nos Campeonatos de Espanha de 1967 Pilar von Carsten ocupou os primeiros postos nas provas de natação. O esquiador Aurélio Garcia, considerado o melhor entre os espanhóis, conseguiu classificar-se nos recentes Jogos Olímpicos de Inverno, de Grenoble, a escassos seis segundos e noventa e nove centésimos do vencedor, o francês Jean Killy. Pedro Canases actual campeão da Europa de boxe disputou até agora setenta combates e apenas perdeu um por pontos.

HIPISMO

NELSON PESSOA

triunfador em Francfort

FRANCFORT, 26 — (F. P.) — O cavaleiro brasileiro Nelson Pessoa, no «Grande Gestó», venceu no domingo o grande prémio internacional de Francfort, no concurso hípico internacional ali organizado.

BOLETIM DO DIA

DADOS E INFORMAÇÕES DE CONSULTA QUOTIDIANA

Programa da Rádio

EMISSIONA — 1.º Programa — 451 m
— 665 kc/s — As 16: Notícias; 16 e 15: 05: Consonetes, por Tom Jones; 16 e 15: A luz de Fátima; 16 e 30: Melodias portuguesas; 17: Programa da tarde; 18 e 10: As grandes figuras do mundo português, pelo dr. Manuel Caldeira Pais; 18 e 40: Jovens académicos; 9: Rádio Universidade; 19 e 50: Música, 60 música; 20: Diário sonoro; 20 e 20: Um solista... uma orquestra; 20 e 32: 12.º episódio do folhetim «A Tunica»; 21: Jornal de Actualidades; 21 e 30: O saxofonista Fausto Papetti; 21 e 40: Tempo de jazz, por Raul Calado; 22 e 10: Espectáculo, magazine de teatro, cinema e bailado; 22 e 30: Fados, por Maria do Rosário Bettencourt; 22 e 50: Música ligeira; 23 e 05: Programa da noite; 1: Fecho.

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s
— As 16: Concerto pelo quarteto com piano de Bamberg, em Bad Godesberg — num programa fornecido pelo Instituto Alemão — Quarteto em lá maior op. 26 (Brahms); 16 e 47: Rapsódia húngara n.º 2 (Liszt) — Conjunto do Bailado Nacional Húngaro; 17: Discos raros — interpretações do baixo barítono Michael Bohnen; 17 e 30: Perspectivas da moderna produção para violino solo; 17 e 55: Música Sinfónica; 18 e 30: Música de piano; 19: Uma cantata de Bach — Cantata do café BVV 211 (Bach) — Orquestra Filarmónica de Berlim, dir. por Karl Forster; 19 e 30: Música de Câmara; 20: Diário sonoro; 20 e 20: Música de arco, de Wieniawsky e Valle; 20 e 30: «Paixão e morte de Jesus Cristo»; 23: A Voz do Ocidente; 1 e 15: Fecho.

3.º Programa (Cultural em MF) — 94,3 mc/s
— As 23: Música portuguesa: 8.º programa da série «A Evolução da Sintonia em Portugal»; 0: Canções Espirituais pelo contralto Marian Anderson; 0: piano, Franz Rupp; 0 e 25: Ciclo «A Sonata» — A Sonata Romântica — Sonata n.º 5 opus 162, em lá maior (Schubert), para piano e violino, por Myra Hess e Joseph Szigetti; 1: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s
— As 16: Programa C. D. C.; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 15: Vedetas da América; 18 e 30: Lisboa à tarde; 19 e 5: No mundo aconteceu; 19 e 30: Rádio-Jornal; 20 e 15: Sucessos portugueses; 20 e 30: Jornal dos Espectáculos; 20 e 45: O ritmo e a voz; 21 e 08: Um solista; 21 e 15: Hora Alemã; 21 e 45: Música para meditar; 22 e 02: Quando o telefone toca; 23 e 05: Grande roda; 0 e 02: «P. B. X.»; 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Telenôva.

Modulação de frequência — 97,4 mc/s
— As 16 e 04: Clube das Donas de Casa; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 20 e 52: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa da Gô-Gô; 0 e 02: Alta Fidelidade Philips; 1 e 03: Banda sonora; 2: FM-67; 4: Fecho.

Emissor de Miramar — 383,6 m — 152 kc/s
— As 16: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: «Matinée» teatral; 19 e 03: Miscelânea; 19 e 17: Brasil; 19 e 25: Rubrica Knorr; 19 e 30: Robôliac; 19 e 45: Conjuntos de ritmo; 20 e 03: Rádio Placard; 20 e 30: Novos discos; 20 e 45: «Crónica Feminina»; 21 e 08: Orquestras; 21 e 15: 50-Rádio; 21 e 30: Música para meditar; 21 e 45: Desfile de estrelas; 22 e 02: Os nossos artistas; 22 e 15: Ritmos; 22 e 30: Clube da Juventude.

RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 m — 1286 kc/s
— As 16: Radiorama; 9: Estrelas e canções; 18 e 20: Noticiário e boletim religioso; 18 e 30: Terço e bênção da basílica dos Mártires; 19 e 05: Música seleccionada; 19 e 25: Leitura do programa boletim do S. C. R.; 19 e 30: Página 1; 20 e 30: Noticiário; 20 e 55: Meditando; 21: Variedades; 21 e 45: Melodias da Europa; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Música variada; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

Estação do Porto — 256,6 m — 1169 kc/s
— As 16: Radiorama; 18: Quarto de hora infantil; 18 e 15: Noticiário regional e boletins de filmes e religioso; 18 e 30: Terço, da basílica dos Mártires, em Lisboa; 19 e 05: Música seleccionada; 19 e 25: Resumo do programa, publicações recebidas e boletim de filmes; 19 e 30: Página um; 20 e 30: Noticiário; 20 e 55: Meditando; 21: Mosaico; 21 e 30: Viajando pelo mundo; 21 e 50: Intervalo; 22: A música é boa companhia; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

EMISSIONA ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 188 m — 1594 kc/s
— 94,4 mc/s — Rádio Peninsular: Das 7 às 8 e das 19 e 30 às 22; Rádio Radiofónico de Portugal: Das 12 às 14 e 30 e das 17 às 19 e 30; Rádio Voz de Lisboa: Das 8 às 10 e das 14 e 30 às 17; Rádio Graça: Das 10 às 12 e das 22 às 2.

PROGRAMA DA TV

As 19: Curso de formação de professores; 19 e 30: Telejornal e Agenda da Praça; 19 e 50: Parada da Indústria; 20 e 15: Carrossel Mágico; 20 e 30: Um escritor policial; 21: Expedição; 21 e 30: Telejornal e Boletim meteorológico; 21 e 55: Aniversário da morte de Gutenberg; 22 e 35: TV Clube, com Madalena Iglésias; 23: Dr. Kildare; 23 e 55: Telejornal, Meditação e fecho.

TELEVISORES GRUNDIG

AMANHÃ — As 14 e 40, Teleselecção; 19 e 30, Telejornal e Agenda da Praça; 19 e 50, Lanterna Mágica; 20 e 15, «Carrossel Mágico»; 20 e 25, Movimento é Saúde, pelo dr. Marques Pereira; 20 e 35, Junta da Acção Social; 20 e 55 Em Foco: «Richard Nixon»; 21 e 30, Telejornal e Boletim Meteorológico; 21 e 55, Noite de Cinema: «Jezebel» — a insubmissa, com Bette Davis, Henry Fonda, George Brent, Margaret Lindsay e Donald Crisp; 23 e 50, Telejornal, Meditação e fecho.



TUDOR PILHAS BLINDADAS ESTANQUES

BOLSA DE LISBOA

FUNDOS DO ESTADO

	Etec	Compra	Venda
Consolidado 2 1/4% 1/6	—	—	540\$00
Consolidado 3% 1/2	550\$00	—	55\$00
Consolidado 3 1/2% 1/6	—	—	650\$00
Centenários 4% 940	1.490\$00	—	1.490\$00
Obrs Tes 2 1/2% 942	—	—	—
Obrs Tes 2 1/2% 943	—	—	—
Obrs Tes 2 1/2% 944	—	—	—
Externa 1.ª série	—	—	—
Externa 1.ª série car	910\$00	909\$00	—
Externa 2.ª série	—	—	910\$00
Externa 2.ª série car	—	—	910\$00
Externa 3.ª série	—	895\$00	900\$00
Externa 3.ª série car	900\$00	895\$00	900\$00
Caut de 3.ª série s/luro	—	185\$00	200\$00

OBRIGAÇÕES

Agua de Lisboa 5%	—	480\$00	490\$00
C. P. 4 1/2%	940\$00	—	950\$00
Gás e Electricid 3 3/4%	—	825\$00	—
Gás e Electricid 4%	840\$00	835\$00	845\$00
Gás e Electricid 4 1/2%	—	855\$00	—
Gás e Electricid 5%	940\$00	935\$00	945\$00
H. E. Douro	—	850\$00	—
H. E. Norte de Portugal	—	—	—
H. E. S. Estrela	—	800\$00	—
Metropolitano	950\$00	950\$00	—
Petroquímica	—	880\$00	—
Sonete	785\$00	785\$00	800\$00
T. A. P.	—	920\$00	—
Termoelectrica Portuguesa	—	845\$00	—
U. Electrica Port 3 3/4%	—	83\$00	83\$50
U. Elect Port 4% 945	—	85\$00	85\$50
U. Elect Port 4% 948	—	85\$00	85\$50
U. Electrica Port 4 8/2%	—	88\$50	90\$00
U. Elect Port 5% 951	—	—	84\$00
U. Elect Port 5% 952	—	—	84\$00

ACÇÕES

Bancos			
Agricultura	945\$00	940\$00	945\$00
Aleantejo	625\$00	620\$00	630\$00
Angola	—	1.470\$00	1.495\$00
Burnay	—	—	—
Crédito Predial	—	1.840\$00	1.880\$00
Espirito Santo	—	12.700\$00	12.900\$00
Lisboa & Açores	—	3.800\$00	3.850\$00
Portugal	2.630\$00	2.610\$00	2.640\$00
Portuguesa do Atlântico	—	5.950\$00	—
Totta Aliança	—	3.900\$00	3.950\$00
Ultramarina	1.460\$00	1.455\$00	1.465\$00

Seguros

Fidelidade	—	—	—
Mundial	280\$00	275\$00	285\$00
Sagres	—	—	—
Soberana	—	—	—
Tagus	—	—	—

C.º Ultramarinas

Açúcar de Angola	—	700\$00	750\$00
Ag Cassequei	—	530\$00	545\$00
Ag Colonial	—	95\$00	—
Ag das Neves	—	85\$00	—
Bonar	—	—	—
Cabinda	—	80\$00	85\$00
C. A. D. A	—	62\$00	64\$00
Cal. do Buzi	1.255\$00	1.253\$00	1.257\$00
Diamantes	—	910\$00	950\$00
Lobito	—	427\$00	430\$00
Moçambique	—	40\$00	41\$00
Sonete	230\$00	230\$00	232\$00
Zambézia	42\$50	42\$00	43\$00

Serviços urgentes

Telefones

AGUA, GAS e ELECTRICIDADE — Companhia das Águas, 361353 * Companhia Reunidas, 537011 * Gascidra, 538821 * Gascidra (dom. e feriados), 382069.
BOMBEIROS — Sapadores, 322222 * Voluntários, 538524.
POLICIA E G. N. R. — Serviço de emergência, 115 * Segurança Pública, 366141 * Judiciária, 535380 * Marítima, 326456 * Internacional, 362721 * Viação e Trânsito, 42205 * G. N. R. (área rural), 36865.
SAÚDE — Cruz Vermelha, 665342 * Enfermagem permanente, 766161 * Enfermagem de urgência, 43738 * Hospital de Santa Maria, 775171 * Hospital de S. José, 860131 * Sangue, oxigénio e soros, 771168 e 771169 * Transfusões, soros e oxigénio, 538524 * Centro de Intoxicações (informático) 767777, 761176 e 763456.
TRANSPORTES — Aeroporto, 721101 * Caminhos de ferro (C. P.), 869029 * Caminhos de ferro (Estoril), 361121 * Estação Fluvial (T. Paço), 325345 * Estação Mar. de Alcântara, 663195 * Estação Marítima da Rocha, 672445 * Estação Fluvial (Belém) 638531.

Formação de serviço

Em Lisboa — Turno M

(Ver pelos barcos das imediações e telefones entre parênteses)

ALCANTARA — Proibidade, R. de Alcântara, 5-A-B (638589)
AJUDA — Lidia Almeida, Calçada da Ajuda, 10 (63738)
ALTO DO PINA — Eusil, Rua Barão de Sabrosa, 104 (841912)
ALVALADE — Rainha Santa, R. Afonso Lopes Vieira, 57-B (765262) * Alentejo, Av. da Igreja, 28-B (712682)
ANJOS — Guerra, R. Andrade, 32-36 (84553)
AREIRO — Belo, Av. de Roma, 53-A (11634) * Estados Unidos, Av. Est.

dos Unidos da América, 16-B (725859)
* Central de Areito, Av. Paris, 2-A (720820)

AVENIDAS NOVAS — Santa Maria, Av. 3 de Outubro, 283-A (16306) * Cardote, Lda., Av. Visconde Valmor, 28-A-B-C (772291) * Saldanha, Av. Praia da Vitória, 53-55 (43938)

BAIRRO AZUL — Sirlus, R. Falcão de Almeida, 38-A (44000)
BAIRRO DA ENCARNACÃO — Ascensão, Rua 21, 4 (31126)

BAIXA — Frazão, R. das Portas de St. Antão, 12 (32880) * Durão, R. Garrett, 90-92 (324166)
BENFICA — Marques, Est. de Benfca, 648 (700096) * Vitex, Est. de Benfca, 373-B (780548)

CAMPO DE OURIQUE — Condestável, R. Coelho da Rocha, 119 (666206) * Almeida, R. Silva Carvalho, 136 (68126)
CAMPOLIDE — Imparcial, R. General Borda, 28 (680931) * Rualto, Lda., R. do Alto do Carvalhal, 5-A-5-B (651721)

CHARNECA — São Bartolomeu, Vln. Paulo Jorge, 1 — Galinheiras (790969)
CHILE — Lab. do Brasil, R. Alves Torgo, 29-31 (46843)

CONDE BARÃO — Lys, R. de Esperança, 1-9 (66093)
CONDE DE REDONDO — Branco, Av. Duque de Loulé, 61-65 (45048)

ESTRELA E LAPA — Gama, Cas. do Estrela, 130 (626033)
GRACA — Anunciada, R. do Vigário, 74 (866360) * Progressiva, R. de St. Maria, 8 (86369)

LUMIAR — Patuleia, Herdeiros R. do Lumiar, 122-124 (790332)
OLIVAIS — Simão, Av. de Berlín, Rua D. 16-A (310581)

PALHAVA — Curie, Av. Madame Curie, 5-A (778439)
PAMPULHA — Infante Santo, R. do Oliva, 290 (661003)

PATRIARCA — Cunha, Rua da Escola Politécnica, 16 (325455)
PEDROUCOS — Restelo, Rua Duarte Pacheco Pereira, 11-C (610741)

PENHA DE FRANÇA — Dimar, Rua Conde de Monsanto, 17-B (842533)
PICHELEIRA — Mariz, Calç. do Picheleira, 40-B-C (720703-728395)

REGO — Prates & Mota, R. do Beneficência, 91 (773728)
SANTO AMARO — St. Amaro, Rua Flinto Elísio, 29-A-B (637070)

SÃO PAULO — Ultramarina, Rua de S. Paulo, 101 (321771)
DE ST. APOLÓNIA AO BEATO — Grijó, R. do Grilo, 25 * Alves de Carvalho, Rua do Vale de St. Antónia, 1-9 (840125)

MOSCAVIDE — Império, R. de Olivença, 48-A (2511234)

Linha de Cascais

ALGES — Nito — Av. Comb G. Guerra, 64 (Tel. 212070)
CAXIAS — Nova — R. Bernardino Ribeiro, 1-A (Tel. 242839)
PAÇO DE ARCOS — Trindade Brás — R. Costa Pinto, 86 (Tel. 2420034)
OEIRAS — Godinho — R. Cândido dos Reis, 98 (Tel. 2430090)
PARADE — Brandão — Av. da República, 77-C (Tel. 2471054)
ESTORIL — E. Costa — Av. Sabeia, 29-B (Tel. 260085)
CASCAIS — Misericórdia — R. Regimento 9, 41 (Tel. 280441) * Cascais — R. Conde de Monte Rea — Bairro Calcas (Tel. 282407)

Linha de Sintra

AMADORA — Dias — Av. Marquês de Pombal, lote 9 (Tel. 934589); Campos — R. Elias Garcia, 185 (Tel. 930072); Clabel — R. António Sardinha, lote 5 — João B (Tel. 938551); S. Jorge — R. Pedro Del Negro, lote 5 (Reboleira) (Tel. 938703)
DAMAIA — Nova — R. Elias Garcia, 10 (Tel. 933920)
QUELUZ — Correia — L. do Mercado, 3 (Tel. 950905); Zeller — R. da República, 83 (Tel. 950043)
CACÉM — Central — R. Elias Garcia, 55 (Tel. 2940034)
MEM MARTINS — Quilma — Est. Mem Martins, 285 (Tel. 290021)
S. PEDRO DE SINTRA — Valentim — (Tel. 980456)
SINTRA — Misericórdia — L. Dr. Gregório de Almeida, 2 (Tel. 980391)
COLARES — Colares — Abrejo (Tel. 299088)

Na Outra Banda

ALCOCHETE — Gameiro — L. António dos Santos Jorge, 15 (Tel. 234100)
ALHOS VEDROS — Gusmão — R. Cândido dos Reis, 30 (Tel. 224020)
ALMADA — Castro Rodrigues — R. Capitão Leitão, 121 (Tel. 270076)
BAIXA DA BANHEIRA — Alentejo — Est. Nacional, 174 (Tel. 224302)
BARREIRO — Normal — Av. Alfredo da Silva, 116 (Tel. 2273035)
COVA DA PIEDADE — Castro Rodrigues — P. 5 de Outubro, 62 (Tel. 270121)
MOITA — Silva Rocha — P. do República, 16 (Tel. 239029)
MONTIJO — Diogo — Av. Almirante Reis, 42 (Tel. 230032)
SESIMBRA — Lopes — R. Cândido dos Reis, 67 (Tel. 229028)
SETÚBAL — Normal do Sul — P. do Bocale (Tel. 22216)
SEIXAL — Godinho — L. da Igreja, 51 (Tel. 2218580)

CENTRO DE ENFERMAGEM PERMANENTE

Injeções — Tratamentos — Velas — Soros — Oxigénio — Camas articuladas — Ambulância
Telef. P. P. C. 766161

MÉDICO PERMANENTE

CLÍNICA GERAL
CHAMADAS TELEFÓNICAS 766146

DINHEIRO

AUTOMÓVEIS
EMPRESTA-SE
SERIEDADE
RAPIDEZ E SIGILO

SONIPAL

R. CONDE REDONDO, 14-2º
TELEFNS. 52248-556580

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base: Dez. 65-100)

	19/3/68	25/3/68	26/3/68
GERAL	102,8	104,2	103,7
METROPOLITANAS	102,8	102,4	101,8
ULTRAMARINAS	119,9	117,4	117,3

PAISES	Compras	Vendas
África do Sul — Rand ...	36\$00	38\$50
América:		
Dólar de 1 e 2	28\$30	28\$70
Dólar de 5 a 1000	28\$50	28\$90
Canadá — Dólar	26\$00	26\$50
Alemanha — Marco	7\$07	7\$27
Argentina — Peso	—	—
Austria — Schilling	—	1\$15
Brasil — Cruzeiro Novo	6\$50	9\$50
Espanha — Peseta	—	4\$1,5
Holanda — Florim	7\$95	8\$10
Inglaterra — Libra	68\$00	70\$00
Itália — Lira	—	504,68
Marracos — Dirham	4\$75	5\$25
Bélgica — Franco	5\$6,5	5\$8,5
Francia — Franco	5\$70	5\$90
Suécia — Franco	6\$52	6\$72
Dinamarca — Coroa	3\$70	4\$05
Noruega — Coroa	3\$85	4\$15
Suécia — Coroa	5\$40	5\$70
Ouro:		
Inglaterra — Libra	310\$00	330\$00
Inglaterra — 1/2 Libra	233\$00	253\$00
Ouro Fino — Barra	33\$00	36\$00

J. BURNAY, L. DA Notas estrangeiras
RUA DO OURO, 72 Papéis de crédito
Tel. 321273

CARTAZ DOS CINEMAS



As 15.15, 18.15
e 21.30
(Adultos)

LIVRA-ME DESTA MULHER
com Jack Lemmon — Elaine May —
Peter Falk
Panavision e Eastmancolor



As 15.15, 18.30
e 21.45
(M. 12 anos)

GENTE NOVA
com Fred Mac Murray e Vera Miles
TECHNICOLOR



As 15.15 e 21.30
(M. 12 anos)

PLAY TIME
(VIDA MODERNA)
A obra-prima de Jacques Tati
EASTMANCOLOR

QUINZENA OBRAS-PRIMAS
AMANHÃ — 18.30 h.
EVA, de Joseph Losey, com Jeanne
Moreau, Stanley Backer, Virna Lisi
Dia 29: O Evangelho segundo S.
Mateus (Adultos)



As 15.30 e 21.45
(Adultos)

2.ª SEMANA
DE ENCHENTES!
Claudia Cardinale
na comédia em Panavision colorido,
onde não faltam o imprevisto nem
as mulheres bonitas

NÃO FAÇAS ONDAS...
Um espectáculo de gargalhadas,
pleno de mocidade e musical!



As 15.15 e 21.30
(Adultos)

3.ª SEMANA
DE ÉXITO!
Jorge Brum do
Canto, Cremilda
Gil, Maria Domingas, Angela Ri-
beiro, Octávio de Matos e Manoel
O'Almeida num conflito apaixonante,
tratado com invulgar realismo!

A CRUZ DE FERRO
Um notável filme português de
JORGE BRUM DO CANTO



As 15.15 e 21.30
(M. 17 anos)

DINHEIRO AMARGO
com GENEVIEVE IHENIER
QUINZENA POP (ULAR)
HOJE às 18.30 h.
MODESTY BLAISE, de Joseph Losey,
com Monica Vitti, Dick Bogard, Ter-
rence Stamp.
Technicolor — Adultos
Dia 28: Tarzan e a Caçadora (12 anos)



As 15.15, 18.15
(p. r.) e 21.30

LOTACÕES
ESGOTADAS!
Um filme de espantoso «suspense»
e brutal acção arrebatadora
O PRAZER DE MATAR
Excepcional oração de Craig Hill
Ninguém sabia se ele era um justiceiro
ou um assassino
Eastmancolor (M. 12 anos)



As 15 e 21 h.
(M. 17 anos)

O QUE ELAS QUEREM É CASAR
A NOITE DE IGUANA
CINE-TEATRO As 15.30 e 21.30
(M. 17 anos)
Um filme de acção
e «suspense»
com Jean Seberg
e Daniel Gelin
LINHA DE DEMARCAÇÃO



As 15 e 21 horas
(Adultos)

O PIONEIRO
UMA RAPARIGA CHAMADA
TAMIKO



Felet 32 41 94
As 21 horas
(M. 17 anos)

COM JEITO VAI... CLEÓPATRA
AGUIAS DO PACÍFICO



As 3 da tarde (p. r.)
e 9.30 da noite
(M. 17 anos)

QUANDO O PEIXE SAIU
DO MAR
Musica de Mikis Theodorakis



As 15.30, 18.30
e 21.45
(Adultos)

2.ª SEMANA
DE SENSACÃO!
Toda a emoção e a ternura da luta
empolgante travada entre o amor e
a morte...

A PRINCESA
Realização de Ake Falck, com Cry-
met Molvig e Lars Passgard



As 15.45 e 21.45
(Adultos)

LIVRA-ME
DESTA
MULHER
com Jack Lemmon — Elaine May —
Peter Falk
Panavision — Eastmancolor



As 15.15 e 21.30
(Adultos)

O ESTRANGEIRO
inspirada na obra-prima de Alberto
Camus com Marcello Mastroianni
e Anna Karina
TECHNICOLOR



As 15.30, 18.30
e 21.45
(Adultos)

2.ª SEMANA
Um filme de gozo inesperado reali-
zado e interpretado por ROMAN
POLANSKY

POR FAVOR
NÃO ME MORDA O PESCOÇO
e ainda com Sharon Tate



As 15.15, 18.15
e 21.30

4.ª SEMANA
Para o novo êxito de Claud Lelouch
VIVER PARA VIVER
com Yves Montand, Annie Girardot
e Candice Bergen
(Adultos)



As 15.15, 18.15
(p. r.) e 21.30

ENCHENTES!
Rir à farta com os
famosos cómicos
FRANCO FRANCHI e CICCIO
INGRASSIA

OS DOIS TOUREIROS
A alegre tragédia de dois «anjinhos»
que, para ganhar um milhão, semeiam
marijuana quando julgavam ser alface
para saladas de milionários...
Eastmancolor (M. 17 anos)



As 21.30 — Adultos
Maiores de 17 anos

Um filme em que
há acção... crime
e... amor
— Em EASTMANCOLOR —
CARNAVAL DE ASSASSINOS
com Stewart Granger, Pascal Pettit
e Lex Barker



As 15.15, 18.15
e 21.30

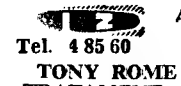
2.ª SEMANA
Emoção que enche
a tela...
...como elas en-
chem o biquíni!
NÃO FAÇAS ONDAS
com Claudia Cardinale, Tony Curtis,
e Sharon Tate
Panavision e Metrocolor



As 15.15, 18.15
e 21.30
(Adultos)

«SEBASTIAN»
Dirk Bogarde — Susanna York
— Lilli Palmer
(Colorido)

Uma comédia moderna como a era
do espaço.



As 14.45 e 21 horas
(Adultos)

TONY ROME INVESTIGAÇÃO
TRATAMENTO DE CHOQUE

• • OUTROS ESPECTÁCULOS • •

TEATROS

COLISEU — As 21 e 15: Opera — Maria
de Rohan (17 anos).
VILLAREI — As 2 e 23: «Agarra que
é milionário» (17 anos).
MONUMENTAL — As 21 e 45: «Delí-
samente louca» (17 anos).
TEATRO GIL VICENTE — As 21 e 45:
«Comissão de Polícia» (12 anos).
ABC — As 20 e 45 e 23: «Arroz de
Miúdas» (17 anos).
CAPITÓLIO — As 21 e 45: «A locomo-
tiva» (17 anos).
VARIEDADES — As 20 e 45 e 23:
«Pos, Pois...» (17 anos).
VASCO SANTANA — As 21 e 45: «A
nossa cidade» (12 anos).
MARIA VITÓRIA — As 20 e 45 e 23:
«Companhia argentina de revistas»
(17 anos).
TRINDADE — As 21 e 45: «Não se
sabe como» (17 anos).

CINEMAS

ARCO IRIS — As 21: Psico (12 anos).
OLÍMPIA — As 19: Vingança de Pecos
(17 anos).
PARIS — As 21: X-27 Missão Bagdad
(12 anos).
JARDIM — As 21: A máscara do Su-
perango (12 anos).

IMPERIAL — As 21: «O pioneiro» (17
anos).
CINEARTE — As 21: «O segredo da lha
sangrenta» (12 anos).
CINE-MOSCAVIDE — As 21: «Party em
pijamas» (17 anos).
PROMOTORA — As 21: «Entre duas lá-
grimas» (17 anos).
ROYAL — As 21: «Felizes para sempre»
(12 anos).
SALÃO LISBOA — As 21: «O falso culpa-
do» (17 anos).
CAMPOLIDE — As 21: «O enviado do
Manchúria» (17 anos).
UNIVERSITÁRIO — As 21: «A 25.ª Hora»
(17 anos).
VOZ DO OPERÁRIO — As 21: «Missão
secreta em Veneza» (17 anos).
ORIENTE — As 21: «Saul e David»
(12 anos).
SPORT L. BENFICA — As 21 e 15: «In-
domável Angélique» (17 anos).

Linha de Cascais

ALGÉS — STADIUM — As 21 e 30: «A
cortina rasgada» (17 anos).
PAÇO DE ARCOS — CINE-TEATRO — As
21 e 30: «Em Roma era assim» (17
anos).

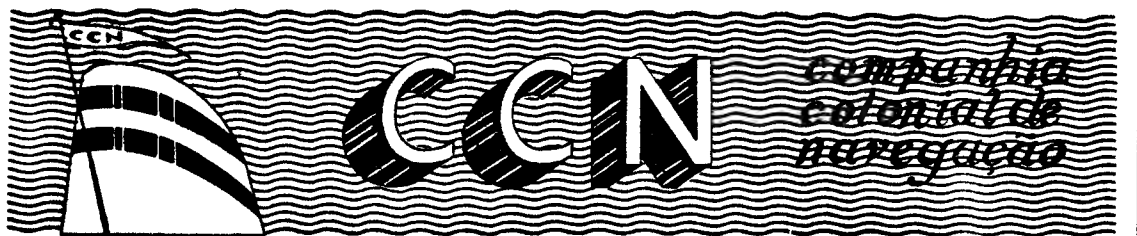
OEIRAS — OEIRAS CINE — As 21: «O
segundo fôlego» (17 anos).
PAREDE — ROYAL-CINE — As 21: «Co-
plan FI-18 arrasa tudo» e «A lei da
guerra» (17 anos).
CASCAIS — S. JOSÉ — As 21 e 30: «O
homem com a morte nos olhos» (17
anos).

Outra Banda

ALMADA — INCRÍVEL — As 21 e 15:
«O dr. está brincando» (17 anos).
BARREIRO — CINE-BARREIRENSE — As
21: «A provocadora» (17 anos).
COVA DA PIEDADE — UNIAO ARTISTICA
— As 21 e 15: «Uma aventura a qua-
tro» (17 anos).

Linha de Sintra

VENDA NOVA — CINE-PORTUGAL — As
21 e 15: «O ódio que gerou o amor» e
«O lobo humano» (17 anos).
AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS —
As 21 e 15: «Rasputine - O monge lou-
co» e «Minha filha não é minha» (17
anos).
QUELUZ — QUELUZ-CINE — As 21 e 15:
«A rapariga» e «O laço da meia-noite»
(17 anos).
MEM MARTINS — CINE-CHABY — As
21 e 30: «Espião de uniforme» (12
anos).



PARIDAS

DESTINOS

LINHA DE ÁFRICA

«PATRIA»
a sair em 30 de Março
às 12 horas

«UM NAVIO»
a sair em 5 de Abril

«PORTO»
(Viagem inaugural)
a sair em 5 de Abril

«INFANTE D. HENRIQUE»
a sair em 26 de Abril
às 12 horas

Com escala por FUNCHAL, para: S. TOMÉ, LUANDA, LOBITO,
MOÇAMEDES, CIDADE DO CABO, LOURENÇO MARQUES, BEIRA,
MOÇAMBIQUE, NACALA e PORTO AMÉLIA.

Com escala por LEIXOES, para: CABINDA, SAZAIRE, LUAN-
DA, PORTO AMBOIM, NOVO REDONDO, LOBITO e MOÇAMEDES.
Carrega de 29 de Março a 3 de Abril.

Com escala por LEIXOES, directo a LUANDA, LOBITO, MO-
ÇAMEDES, LOURENÇO MARQUES, BEIRA e NACALA. Carrega
até 2 de Abril.

Com escala por FUNCHAL, para: LUANDA, LOBITO, CIDADE
DO CABO, LOURENÇO MARQUES e BEIRA. Carrega de 20 a 23 de
Abril.

LINHA DA AMÉRICA CENTRAL

«SANTA MARIA»
a sair em 22 de Abril
às 18 horas

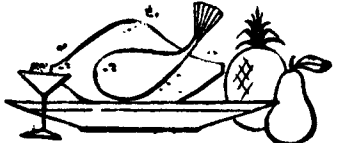
Com escala por VIGO e FUNCHAL, para: TENERIFE, PORT
EVERGLADES (MIAMI), SAN JUAN DE PUERTO RICO, LA GUA-
IRA e CURAÇAU.

Chama-se a atenção dos Srs. Passageiros para o que está regulamentado sobre o transporte
de bagagens.

LISBOA: Rua de S. Julião, 63 — Telef. 36 96 21/8

PORTO: Rua Infante D. Henrique, 9 — Telef. 2 33 42

bom apetite



RESTAURANTE
SANCHO

Trav. da Glória, 14 — Telef. 369780
ALIMENTOS DE 1.ª QUALIDADE
NO MELHOR AMBIENTE
SALA PARA 40 e 80 PESSOAS
● AR CONDICIONADO ●

RESTAURANTE
MONTE ALTO

R. Filipe Folque, 10-B-C-D / T. 51005
TODOS OS DIAS PRATOS VARIADOS
● SERVEM-SE BANQUETES
E LANCHES DE CASAMENTO ●

ILHOTA
RESTAURANTE

R. ILHA DO PICO, 19-21
Telef. 49063 (Junto à Estefânia)
PRATOS VARIADOS TODOS OS DIAS
AMANHÃ
DOBRADA À MODA DO PORTO

Em ALVERCA o «DIÁRIO DE
LISBOA» encontra-se à venda na
TABACARIA CAMPINAS, Rua Joa-
quim Sabino Faria, 18-A.

RELÂMPAGO

RESTAURANTE-BAR
COZINHA A. PORTUGUESA
AMBIENTE AGRAVAVEL
●
Rua Mouzinho da Silveira, 17 e 21
Telef. 47255

SABRINA

SNACK-BAR ● RESTAURANTE
R. dos Navegantes, 53-B (à Estrela)
Telef. 66 91 69
AMANHÃ
Pescada à Espanhola
Dobrada à moda do Porto
5.ª-FEIRA
Caldeirada à Fragateiro
Vitela à prato verde

café CANAS

RESTAURANTE
CERVEJARIA — SNACK-BAR
PASTELARIA
R. Saraiva de Carvalho, 145-A
Telef. 67229-666532

VIRIATO

RESTAURANTE
CERVEJARIA
SNACK-BAR
COZINHA PORTUGUESA
Rua Tomás Ribeiro, 55 - 57
(Aberto até às 2 h.) — Telef. 530758

COZINHA ALENTEJANA
RESTAURANTE

Av. do Aeroporto, 162 — Tel. 72 70 71
SERVEM-SE LANCHES DE CASAMENTO E BANQUETES
Aos almoços e jantares
PERDIZ A MODA DE BEJA
e PÉS DE PORCO DE COENTRADA A MODA DE ÉVORA
Classificado de utilidade turística — Aquecimento

PARREIRINHA DO RATO

Largo do Rato, 11 (Entrada pelo arco)
Amanhã: Pescada à Parreirinha e Fava à Portuguesa
5.ª-feira: Açorda de Sável e CHISPALHADA A PORTUGUESA
Marque mesa pelo tel. 685908
Parque para automóveis



ROBERT KENNEDY CONTRA JOHNSON. O senador por Nova York (em cima), em plena campanha eleitoral, através dos Estados da União, prega a paz para o Vietnã, o fim da pobreza nos Estados Unidos e a solução do problema racial na América. Johnson (ao lado) continua a lutar pela edificação da «Great Society» e pela vitória militar das forças norte-americanas no Vietnã

EM PROL DA «GREAT SOCIETY»



O RELATÓRIO WARREN

(Continuação da 1.ª página)

O senador procurou, em princípio, evitar responder mas pressionado pela insistência dos estudantes acabou por declarar que não poria em questão as conclusões do relatório Warren, que admite que Lee Oswald, suposto assassino do presidente Kennedy, tinha agido sozinho.

Foi a primeira vez que Kennedy se pronunciou em público sobre os trabalhos da comissão Warren. Todavia Kennedy não precisou se consentir por os arquivos secretos à disposição do público.

McCarthy recusa-se a aceitar um acordo com Bob Kennedy

WASHINGTON, 26 — (R.) — O senador Eugene McCarthy, do Minnesota, tornou, a noite passada, mais clara do que nunca, a sua vontade em não estabelecer um acordo com o senador Robert Kennedy acerca da nomeação democrática para a eleição presidencial de Novembro.

McCarthy fez uma comunicação desaprovando uma «fusão» de listas provisórias de delegados, prometendo apoiar tanto o senador do Minnesota como Robert Ken-

neddy na pré-eleição primária de 7 de Maio, em Washington.

Um informador do senador Kennedy classificou a acção de McCarthy de «infeliz», e afirmou que o senador de Nova York esperava que «pudessem trabalhar juntos para um objectivo comum na eleição primária».

Ambos os senadores tentam arrebatar a nomeação democrática ao presidente Johnson com promessas de diminuir a guerra no Vietnã, caso não possam acabar com ela.

A declaração de McCarthy foi tomada por observadores como uma

indicação de que o senador julga poder derrotar tanto Kennedy como o presidente Johnson na Convenção do Partido Democrático, que se realiza em Chicago em 26 de Agosto.

A escolha final do candidato será feita por delegados de Estados, muitos deles seleccionados nas primeiras eleições primárias locais.

MAIS DE 15 MIL PESSOAS REUNIDAS PARA OUVIR MCCARTHY

MADISON (Wisconsin), 26 — (R.) — O senador Eugene McCarthy conseguiu atrair, ontem, à noite, a maior multidão de toda a sua campanha eleitoral pelo Partido Democrático, e disse aos ouvintes que a América estava a aproximar-se do «momento da honestidade nacional».

Mais de 15 mil pessoas, aglomeradas no auditório, que normalmente leva nove mil, encheram de tal maneira a sala que cerca de dois mil partidários do senador do Minnesota não conseguiram entrar.

«Porque me candidato contra Johnson»

— entrevista de Bob Kennedy à revista «Paris-Match»

PARIS, 26 — (F. P.) — «Para se chegar à paz no Vietnã será indispensável, da nossa parte, um esforço diplomático e político pelo menos comparável ao que enviamos no plano militar» — declara Robert Kennedy, candidato à presidência dos Estados Unidos, numa entrevista ao «Paris-Match» e que se intitula: «Porque me candidato contra Johnson».

Para Robert Kennedy, o problema vietnamita só poderá ser resolvido por meios não militares. Na sua opinião, a política vietnamita actual dos Estados Unidos é um erro. Contudo, não recomenda a retirada pura e simples das tropas americanas do Vietnã. Diz: «o nosso esforço essencial deverá ser negociar e fazer passar para o segundo plano os aspectos puramente militares do conflito que atrapalham e complicam tudo».

A propósito da Europa, considera importante, que os Estados Unidos

estabeleçam uma associação com os países europeus. Mas reconhece que estes «têm interesses que, nalguns casos, podem entrar em conflito com os nossos». Quanto à França, opor-se-á a toda a boicotagem dos produtos franceses.

«Creio que a França — prossegue Robert Kennedy — é o mais velho amigo dos Estados Unidos, e existem, evidentemente, divergências de opinião entre nós, e estas podem mesmo ser importantes». Declara-se convencido de que, com o tempo, será possível solucionar vários dos problemas que separam os dois países. «Devemos encerrar o que está a suceder presentemente — afirma — na perspectiva geral da história, e não unicamente como uma série de anos difíceis que somos forçados a viver».

Acerca do problema negro, Robert Kennedy declara-se contrário à violência e aos motins: «Devemos levar todos os cidadãos a compreender que existem outras soluções políticas, além das sugeridas pela administração actual. E neste sentido que conviria que os americanos agrupassem as energias e juntassem os esforços», concluiu.

MANIFESTAÇÕES DE ESTUDANTES

(Continuação da 1.ª página)

além disso, que durante a mesma reunião os ministros da Educação e do Interior apresentassem um relatório acerca da situação que tem «um carácter de gravidade».

Com efeito, ocorreram ontem novos incidentes nas Universidades de Sevilha, Santiago de Compostela, Bilbao e Madrid. Em Sevilha, 300 estudantes interromperam a circulação nas imediações da Universidade e efectuaram uma reunião de protesto contra a prisão de três dirigentes do «Sindicato Democrático dos Estudantes» (ilegal) e contra a proibição de uma «semana de renovação universitária».

Em Santiago de Compostela continua a greve começada há 20 dias.

Em Bilbao, os estudantes de Ciências Económicas decidiram começar hoje uma greve.

Finalmente, em Madrid, o reitor da Faculdade de Direito, A. Prieto Castro, apresentou a sua demissão. Ocupava o posto apenas há um mês. A decisão está em relação com os incidentes produzidos na Faculdade, no sábado passado.

Emigrantes clandestinos surpreendidos pela G.N.R.

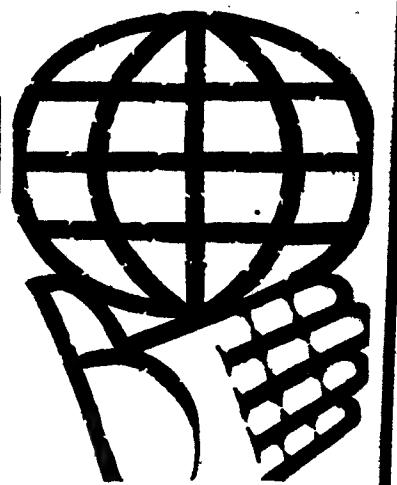
BEJA, 26 — A G. N. R. de Mértola surpreendeu no lugar do Monte Fernandes, nas margens do Guadiana, os trabalhadores rurais José Domingues Manuel, de 25 anos, solteiro, natural de Bemposta; António Gonçalves, 48, casado, natural de Vaqueiros; António André, 39, casado, natural de Pomar; Serafim Guerreiro, 61, casado, natural de Cabeça, todos do concelho de Alcoutim; e José Custódio, de 48 anos, casado, natural de Cachopo, Távora, quando se preparavam para atravessar a fronteira e emigrar para França. Os cinco trabalhadores foram entregues à sub-inspectoria da P. I. D. E. em Beja.

VIAGENS 68 STAR

Em mais de 300 sugestões de viagens.

Decerto encontrará uma que resolve o seu plano de Férias — 68

Preços muito convidativos! Peça-nos, hoje mesmo, um exemplar.



SEDE : Avenida Sidónio Pais, 4-A — LISBOA — Telef. 539871

FILIAL : Praça dos Restauradores, 14 — LISBOA — Telef. 362501

e ainda ESTORIL — PORTO — FARO — FUNCHAL — LUANDA

DESLUSTRAGEM A SECO

Garantia absoluta, igualmente em limpeza a seco com acabamento por alfaiate. Bastará ligar a 32342 Rua da Prata, 156, sl. (único género)

OURO DA TERRA

UM VINHO MESSIAS

PARA TODOS OS DIAS

CAMPIÃO

SEMPRE PRÉMIOS GRANDES

PRÉDIO NOVO—EM LISBOA

Vende-se magnífico imóvel de gaveto, em bom local e com transportes à porta. Para 17 inq. Exteriores a mármore e «evênel» com magnífica construção. Todo alugado a inquilinos escolhidos. Rende 393.600\$00. Preço 6.700 CON TOS: Trata a

EMPRESA PREDIAL NORTENHA

Mediador Oficial
P. da Alegria, 58-2. — Telef. 362228-366731-366812

TRANSPORTADO PARA O FUNCHAL NOS AVIÕES DA

QUATRO



DE CADA DIA UMA MEMÓRIA

GUARDAR DE CADA DIA UMA MEMÓRIA
OU UM ROSTO

LIBERTAR DOS DEDOS A FOME
DOS OMBROS O PESO DO ESCURO
DOS OLHOS A FLOR CAIDA

A FLOR PERDIDA.

GUARDAR DE CADA DIA UM GESTO
DAR PARA O SOL

UMA NOVA ROTA NAS RAÍZES
OU UM NOVO GRITO,

GUARDAR A MEMÓRIA NAS MÃOS

COMO SE GUARDA E APROFUNDA UM RITO

MINA PINHO

Clara. Treze anos e os olhos pretos. Os olhos de Clara eram tão pretos que pareciam estar sempre a chorar. Encontro um tipo simples lá do meu ex-bairro. Palmadinhas nas costas, então que tal vai isso? Vai bem. O tipo fica desapontado. Estava á espera que eu lhe dissesse que não há nada como as casas juntas, ruas escuras e o mau cheiro do velho bairro.

Vamos tomar a bica. Tomar a bica é como fumar o cachimbo-da-paz. Falamos das coisas passadas. No meu tempo isto, no meu tempo aquilo. Sinto-me velho. Abro o pacote de açúcar e despejo-o no café. A Luisa ca-

sou. Sim. Com aquele tipo que. A bica não me sabe a nada. Há muito tempo que fiquei imune ao gosto da bica. Então a Luisa?

Pois. E já tem um menino. De olhos azuis.

O Carlos?... Ah! — O Carlos. Tá fora. Há mais dum ano. Coitado...

Qué feito do Jorge? — Foi-se embora. Foi-se embora sem dizer nada a ninguém. Gajo esquisito, o Jorge.

Silêncio.

O tipo gostaria de discutir futebol comigo. Mas sabe que isso não me agrada.

Cruzo as pernas e olho o vazio. Clara tinha os cabelos pretos.

N.º 564

Diário de Lisboa

Juvenil

DOS JOVENS PARA OS JOVENS

no século passado

(pelo menos)

Ou castanhos? E o corpo pequeno, pernas finas...

Devo estar com um ar saudosista: o tipo começa com as velhas recordações. «Lembras-te de quando te partiram a cabeça? E do bando do Bôlinhas a «fanar» o peixe às varinas, na Ribeira? Onde isso vai...»

Descruzo as pernas e levanto-me. Pago a bica. Adeuzinho pá, até sempre.

Mãos nas algibeiras rua fora. Aquele largo... Jogávamos ali à bola. Sempre à coca por causa dos «xuis». Compro castanhas na mesma velha da esquina. Já não me conhece. Ou talvez conheça e não me fale. Talvez. Talvez me considere um desertor.

Que será feito do Jorge? Era um tipo estranho, com aquela mania das engenhocas. Vivia numa água-furtada cheia de maquinas, livros e fios eléctricos por todos os lados. E uma cama. A cama do Jorge tinha uma perna partida. Para se deitar nela tinha de ter cuidado.

As castanhas não prestam. Algumas até estão podres. Jogo o pacote fora.

A minha casa. De noite, quando acendíamos as luzes, víamos as baratas a fugirem por todos os lados. Quando as pisávamos davam um estalido engraçado. Os gatos no telhado faziam zarragatas e acordavam as pessoas.

Vou até à igreja. Saio. Nova-

mente a rua. E se eu fosse a casa do Jorge? Poderia recordar os velhos tempos, subir até o telhado e... Mas não. O Jorge morava num quinto andar escuro... Sem elevador.

No outro dia vi a Clara e não lhe falei. Tinha os olhos mais pretos que nunca. Nunca a vi a rir. Está frio cá fora. Minha mãe disse que eu devia trazer a camisola. Mas eu não liguei. Vou beber mais uma bica, pode ser que. Era bonita a Clara. Meu amor de adolescente. Mas isso foi há muito tempo. Talvez... talvez no século passado. Pelo menos. A bica está amarga, esqueci-me de lhe deitar o açúcar.

ANTÓNIO JOSÉ PAULA

• naquele tempo, às sextas-feiras •

Naquele tempo, eu bebia café às sextas-feiras e fumava um cigarro proibido. Atirava então para cima de ti um riso desdenhoso e pensava nas teses que enunciavas: porque o que realmente eu queria era esconder o que sentia; e o tempo até me ajudava, porque naquelas noites de Verão as próprias estrelas pareciam húmidas, e um friozinho leve fazia tremer as folhas das árvores enregeladas. E as minhas mãos relatavam, gélidas e húmidas, o drama daqueles dias.

Naquele tempo eu costumava percorrer longamente a areia, olhando ao longe com os meus olhos míopes, e apenas conseguia distinguir alguém cujo vulto, apoiado a um barco, se assemelhava ao teu. Nesse tempo, eu costumava percorrer o areal à tua procura e não te encontrava.

Outras vezes íamos, assim, e falava-se de problemas humanos, e de histórias grotescas ou pouco verídicas. Então eu costumava falar no meu tema preferido. E dizia que ainda um dia veria e fala-

ria a um marçiano. E eu falava sempre do disco voador que já tinha visto, mas que ninguém acreditava que eu vira.

Naquele tempo, nós costumávamos subir o monte com uma maça na mão e nos pés uma vontade louca de correr — e chegámos mesmo a correr, um dia. Então fumavam-se cigarros às escondidas e diziam-se frases banais: «Eu calava-me e olhava a grande bola de fogo que descia velozmente. Olhava ainda as caras deles: caras banais, como as palavras que proferiam. O sol, lá em baixo, lá ao longe, não era banal. Ele conseguia sempre fazer-me calar. Então comiam-se preguiçosamente as maçãs douradas, e alguém, por brincadeira, deixava cair algum objecto abaixo do muro. O muro, era onde nos sentávamos por longo tempo, onde se costumavam dizer frases banais ou comer maçãs por gulodice.

Nesse tempo eu costumava rir sem saber porquê. Tu dizias que amavas, mas amaldiçoavas a vida.

Eu não percebia bem e chamava-te tolo. Um dia tive mesmo contigo uma conversa sobre a vida. E disse-te frases banais, sem alma.

Então, eu costumava pôr-me na bicha por gosto e observava as pessoas. Havia gente de toda a espécie e eram todos egoístas. Então eu ia para casa e registava em pedaços de papel o egoísmo dessas pessoas, mascarado por palavras bonitas e frases sem significado. Pensava eu que assim conseguiria esquecer o egoísmo que adivinhava em mim própria.

Nesses tempo eu costumava rezar e perguntava a mim mesma porque o fazia. Tu pedias-me para o fazer e amaldiçoavas a vida. Eu não percebia nada e chamava-te tolo, e costumava rir-me de ti.

Nesse tempo eu tinha longas conversas e aprendia muitas coisas; conhecia gente influente e pensava mal de mim. Devorava então poesia contemporânea a ver se conseguia fabricar um só poema que fosse. Mas a poesia e o sublime tinham em fugir, e só

ficava o sabor deslavado de uma crueldade tímida ou de um desespero infantil.

Então eu ouvia grandes discussões que não entendia. No entanto, tomava partido por ti, por me pareceres fraco e indefeso. Tu nem sequer o notavas e eu achava isso delicioso: porque o que realmente eu queria era esconder o que sentia.

Nesse tempo eu andava metros e metros para pôr uma carta no correio. No entanto, buscava ansiosamente todos os dias a resposta que não chegava. Então rabiscava historietas sem sabor e gritos de protesto e tu chamavas-me cínica; escrevia tratados (ou começos de tratados) sobre pinheiros mansos e sobre o meu orgulho e anunciava a alguém vitoriosamente que tinha começado um conto e não o tinha acabado.

Nessa altura um criado de café, nos dias que não eram sexta-feira, costumava entrar comigo e trazer-me um copo de água.

Conhecia eu então uns olhos

claros que me falavam das águas paradas em dia de sol encoberto, mas eu gostava era do céu azul, e tu dizias que amavas, mas amaldiçoavas a vida. Eu não entendia nada e afastava-me de ti.

Então eu sentia grandes desejos de mergulhar na água, mas sentia sempre frio e tinha de me ir vestir. Preferia então perder o fôlego em correrias por dunas, preferia ainda pisar pedras duras, comer frutos amargos e colher flores que ninguém aceitava.

Naquele tempo eu bebia café às sextas-feiras e dava grandes passeios no areal devido a miragens.

O sol era quente, o céu era azul e do alto da colina o verde espreitava-me como zombando de mim. Então, como partilhando do drama desses dias, e como as minhas mãos, as estrelas estavam húmidas e pareciam tremer de frio, e as folhas das árvores, enregeladas, abanavam com o vento.

DORA MARTINS

«NO TEMPO EM QUE MORRER ERA ASSIM»

«A mim» disse o minúsculo companheiro abeirando-se uma vez mais do precipício: «parece-me que já nada resta da perseguição; a não ser os nossos corpos fatigados, que de resto nem para concluir seja o que for devem servir». O outro meigamente, encolheu os ombros, como se o ar do mar embravecido o tivesse tornado um simples acidente de costa; e sorriu, sorriu com uma pureza inacreditável, enquanto o primeiro analisava discretamente o alcance das suas palavras no seu espírito de ave.

E assim sorrindo, voltaram à floresta e à vida e às misérrimas coisas do quotidiano, os seus gestos contendo pareciam propriedade do mar; rolavam atrás da voz, desfaziavam-se cal-

mamente nas gargalhadas e até uma gaivota se acercava de quando em quando em busca de alimento (e foi deste modo que um deles descobriu a existência de gaivotas sociáveis).

Caminharam sem receio, por planaltos mergulhados nas nuvens, por planícies mergulhadas na seca, interpretaram a solidão de dentro da solidão, e concluíram que a natureza é uma espécie de sangue envenenado que se espalha secretamente pelos campos, onde as crianças são ainda animais de asas atrofiadas.

Algumas vezes ecoavam gritos que de seguida se misturavam com o ruído das gaivotas.

Foi então que o minúsculo companheiro estacou de subito,

e disse: «Temos de regressar, temos de regressar». O outro atordado, entreabriu suavemente os olhos, cresceu e começou a girar, com uma implacável doçura. Infiltrou-se depois no ar como se fosse o único sobrevivente de toda a Eternidade.

O companheiro minúsculo, interrogava-se apenas; também ele havia localizado um enorme incêndio no seu espírito. E nem por isso se elevava no ar. Há efectivamente, certos lugares na geografia humana que são extremamente difíceis de situar. Mas uma vez ali, o vício anima-se, a saudade desagrega-se e até os crimes, e só crimes são absolutos. A lei natural é um charco onde a fantasia ameaça sempre rui-

na. A noite é veloz, e a sombra torna-se pedra, e renasce depois nas personagens difusas que a memória queima. Eu que sou apenas espectador, porque não sou minúsculo nem sei reagir aos abusos frequentes da morte suspensa sobre os canais, porque o constante bloqueio dos meus sentidos me permite concluir que o amor é apenas uma flecha que divide a solidão numa consciência dupla. Creio que ambos deviam regressar velozmente à beira do precipício.

Ali estão agora, os rostos entreabertos pelo vento, as vozes paralisadas pelo sal, as sombras aprisionadas a um canto onde a erva pura se exhibe por ironia. Sobre os rochedos, uma madeixa de cabelo, algumas

pétalas ressequidas, um soluço transfigurado, o pesadelo de dois braços sem um corpo, e a absorver o horizonte um rosto de mulher, frio e pacífico a inundar a magia primária de todas as regiões possíveis.

Os companheiros olharam-se demoradamente, sorriram através dum mistério involuntário. Havia próximo uma paragem de autocarros para emigrantes vindos do sonho.

Ignoraram-na humildemente, corajosamente. Sobre os rochedos, dois nomes foram engolidos pelo mar entre um regresso e o infinito.

Para um crime absoluto, só uma morte absoluta que seja dentro das coisas.

JOSÉ JORGE LETRIA



REGISTADOR • REGISTRADOR • REGISTRADOR • REGISTRADOR

1968 começou da melhor maneira. Falou-se menos de guerras, de conversações mercantes e políticas em detrimento de corações.

Os jornais, os seus títulos, telegramas e fotografias põem-nos a par das maravilhas de uma técnica que sem chegar a ser perfeita e eficaz, consegue, mesmo assim, roubar horas, dias, a essa «coisa» de que muitos homens têm medo e que dá pelo nome de morte.

Um nome domina — Christian Barnard. Dum dia para o outro o seu nome é conhecido em todas as latitudes. Tal

como Saigão, Brigitte Bardot ou António.

Personagem curiosa este dr. Barnard, que declarou ir para o país onde lhe oferecessem mais. Tal como Eusebio, futebolista de profissão, que declarou que o seu clube seria aquele que lhe pagasse mais.

Paradoxo? Brincadeira «panorâmica»?

A-vontade. Copiamos agora de um telegrama da France Press:

«O prof. Chris Barnard teve uma noite parisiense assaz movimentada. A fim de escapar à multidão de jorna-

listas que o aguardavam na rua o prof. Barnard saiu do estudo de um posto de rádio, onde dera uma entrevista, por uma porta afastada. Meteu-se no seu «Mercedes» e partiu a toda a velocidade, enquanto um «D. S. Citroën» se atravessava na rua estreita, para não deixar passar os jornalistas.

Estes tiveram de procurá-lo e conseguiram localizá-lo na famosa cervejaria Lipp, em Saint-Germain-des-Près. O dr. Barnard comia uma truta.

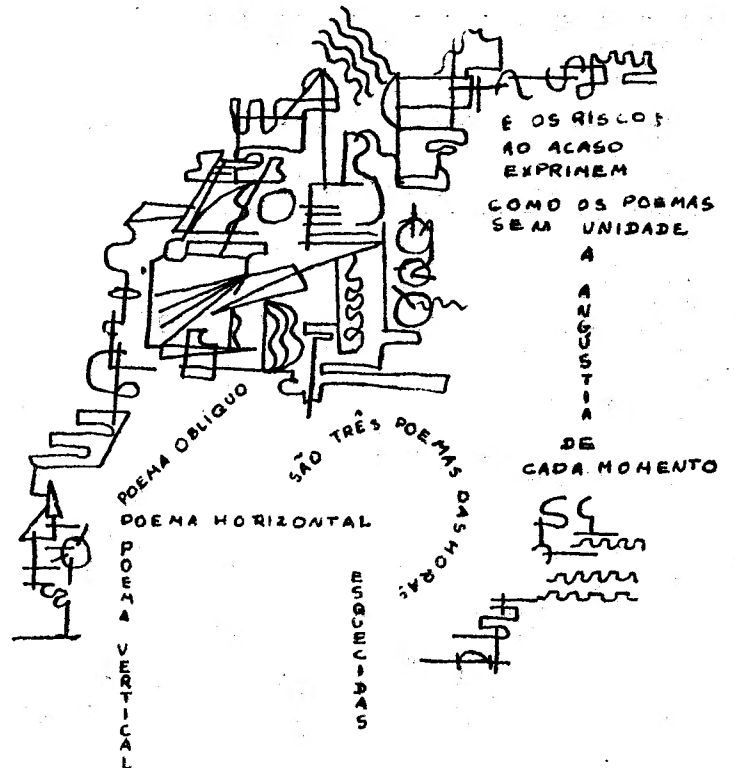
Depois foi a perseguição: o cirurgião do Cabo queria vi-

sitar os principais bares da cidade. Os jornalistas não o largavam. No clube de St. Hilaire travou-se conflito e trocaram-se murros entre pessoas que queriam proteger o cirurgião e os jornalistas. A saída de outro clube, o Grazy House Saloon, os agentes protectores de Barnard distribuíram murros. Nova perseguição ao longo dos Campos Eliseos e, por fim, o prof. Barnard voltou para o seu hotel, onde havia uma última escaramuça, entre os seus guarda-costas e os fotógrafos por quem estavam a esperar o célebre médico.

Há dias Adamo passou pelas mesmas atribuições para se furtar à fúria vulcânica das suas admiradoras e dos fotógrafos. Estranho, este mundo, fácil criador de heróis, mitos e ídolos.

Barnard. Um nome de que se faz fama. Um assunto sério e importante — transplantações de corações. Reconhecemo-lo! Mas nos ouvidos de PANORAMA certas palavras de Barnard lidas num jornal em uma tarde de domingo.

Não é em vão que nos lembramos da modestia dos Curie, de Einstein e de Egas Moniz.



O assunto tem feito correr rios de tinta — a adaptação de romances ao cinema. Uma pergunta ocorre-nos:

— O cinema faz vender os livros que adapta?

Nossa resposta é afirmativa em relação à gongola que o cinema adapta («Os Canhões de Navarone», «Paris já está a arder?», entre outros). Livros que nunca teriam o número de vendas que possuem se um dia

não tivessem vindo até ao celulóide.

A casa editora do «Dr. Jivago» passou a vender mais desde que o filme começou a ser exibido. Um caso curioso passou-se há anos em França. O filme «A Relíquia», baseado no livro de Diderot, esteve mais de um ano proibido. A polémica que em torno do caso se gerou permitiu a venda de mais de 200 000 exemplares, muito antes do filme ter sido exibido.

Caso positivo este

— o cinema a chamar o público à leitura do livro que adapta.

Porém são volumosos os casos em que o público, depois de ter visto o filme, se recusa a pegar no livro. Muita gente desconhece peças literárias porque um dia as viu adaptadas — quase sempre, mutiladas — no «écran». É o convite fácil à preguiça mental, ao desinteresse pela cultura e conhecimento.

Porque perguntamos:

— Foi necessário «O Pigmalião», de Shaw, ser adaptado ao cinema para que um miúdo leu «A Ilha do Tesouro» em seu autor conhecido. Quem diz Shaw, diz Hemingway, com «O Velho e o Mar», e tantos outros.

O problema é complexo e curioso. Nem todos estarão de acordo com o nosso ponto de vista. (Felizmente!) Mas achamos de certo modo pernicioso a adaptação literária ao cinema. Como o sabe-

mos em relação às histórias em quadrinhos. Se um dia um miúdo leu «A Ilha do Tesouro» em seu autor conhecido. Quem diz Shaw, diz Hemingway, com «O Velho e o Mar», e tantos outros. E a terminar: Ega de Queiroz e o público ganharam todos estarão de acordo com o nosso ponto de vista. (Felizmente!) Mas achamos de certo modo pernicioso a adaptação literária ao cinema. Como o sabe-

PARA UM DOSSIER BARNARD

O dr. Christian Barnard revelou em São João de Porto Rico que, dentro de quatro a cinco meses, publicará a sua autobiografia com um título bem comovedor — *O Bater do Meu Coração*.

«O dr. Barnard (que hoje passou por Lisboa) não garante o êxito total da operação de Blalberg».

«Diário de Notícias», 18/II/68.

«Durante uma conferência Barnard desfalheceu por duas vezes».

«Jornal de Notícias», 18/II/68.

«A transplantação do coração não é só para milionários».

«Diário de Notícias», 19/II/68.

«Foi ao som de um samba «Coração Transplantado» que o prof. Christian Barnard desembarcou hoje do avião que o trouxe ao Rio de Janeiro».

«Lautje Barnard confiou a uma revista italiana as preocupações quanto à felicidade do seu lar depois que se iniciaram as transplantações do coração».

A súbita celebridade de Chris mergulhou-o num estado febril que não lhe permite dedicar-se à família como o fazia anteriormente. Vive assim em permanente tensão e eu não posso dizer que seja feliz».

A sr.^a Barnard mostra-se particularmente contrariada com o relevo dado pela Imprensa à passagem do marido pelas «boites» da Alemanha e da França e aos seus encontros com Gina Lollobrigida e Sofia Loren em Itália».

(Dos Jornais), 19-II-68.

«A televisão argentina filmou e gravou um debate do prof. Barnard com vários jornalistas, um sociólogo, um jurista e um padre. Segundo um jornal, o professor recebe por esta emissão, com a duração de uma hora, 20 mil dólares (580 contos)».

(Dos Jornais), 21/II/68.

O prof. Barnard prossegue, em todo o Mundo, a sua ascensional carreira de «vedeta» internacional. Foi agora revelado que Barnard será também grande vedeta do disco. Com efeito, a Decca gravou dois, em que se poderá ouvir a sua voz durante a primeira transplantação. Com a sequência das ordens e observações ditas pelo cirurgião. Os discos, com a duração de duas horas, serão conhecidos com o título de «A transplantação de um coração humano».

ecografia autorizam-nos, portanto, a afirmar que, em Portugal, de baixo do ponto de vista artístico «ser-se ou não fadista» corresponde, até certo ponto, a «ser-se ou não português».

PONTOS DE VISTA

Lisboa, capital do País, cidade com perto de um milhão de habitantes, duas universidades, uma dezena de jornais diários, boas livrarias que foram irradiando da zona central para os bairros a que só não fica certo chamar ex-cêntricos porque alguns deles se estão a converter em novos centros, salas de exposições de arte que vão também abrindo por aqui e por acolá, apetece dizer que tem uma vida cultural de certo modo apreciável. Não obstante, teatros a funcionar contam-se quatro. Tem-se a impressão que o Teatro se vai sumindo — e tão materialmente sumindo e consumindo que até ardem os teatros devorados pelo fogo: donde seria fácil o calemburgo de acabarem uns pelo fogo e outros pela falta de fogo... Os teatros fecham, abrem, tornam a fechar, não interessam, não há público. Toda a gente se queixa, talvez desde sempre o queixume se tenha ouvido igual, mas a verdade é que as bilheteiras não

funcionam e isso é o definitivo: teatro de graça só o da Câmara Municipal na Estufa Fria... Porque? Estará assim o público tão desinteressado do espectáculo teatral? A resposta aparentemente fácil seria afirmativa — que sim, senhor, que está desinteressado, pois não é o que toda a gente vê? No entanto, em poucas ocasiões se terá visto pulular uma tão variada profusão de manifestações de teatro amador, dos estudantes, dos organismos profissionais, das associações de recreio, dos pequenos clubes e outros agrupamentos exclusivamente constituídos com essa finalidade. Em que ficamos: há interesse ou não há, há público e há gosto ou não há? Desta aparente contradição não é legítimo concluir contra o teatro. Mas talvez se torne necessário concluir contra a organização do teatro, as peças que se escolhem, o tipo de exploração, o conforto ou o desconforto das salas, o preço dos bilhetes, o estilo de representação, concluir que qualquer coisa disto ou isto tudo não corresponde ao que o público pode ou ao que o público espera. Há efectivamente um interesse que não encontra meios de satisfação. É por aí que é preciso procurar o caminho, in «Diário de Lisboa» nota do dia de 5-3-68.

Para se fazerem grandes coisas não é necessário ser-se um grande homem, não é preciso estar acima dos homens, é necessário estar com eles.

Montesquieu

COMO EM VIANA COMO EM TODO O MUNDO

Voltamos a falar de parques infantis porque as ruas da cidade continuam pejudicadas de crianças semi-abandonadas, atreitas a desastrosos, entregues a si próprias. Fazêmo-lo, de resto, para correspondermos a solicitações no sentido de que não desistamos.

Viana do Castelo, embriagada, talvez, pelo coro de louvores às suas belezas incontestáveis, tem descurado certas exigências da vida presente. Neste particular de parques infantis, para não dizermos de jardins-escolas, nada se fez e também nada se vislumbra no céu das ambições e necessidades locais.

Sobrepondo-se à opinião de pediatras e sociólogos, de tratados e inquéritos, a Mãe-Natureza pode, em sua presença criadora, transfundir, no corpo e na alma das crianças novas energias e as mais doces alegrias. Os mimosos «rebentos» da espécie humana necessitam tanto de ar, luz e divertimento como da própria alimentação. Pode esta ser abundante e seleccionada, mas se não a acompanhar a acção vivificante da Natureza, deixa que a criança se torne triste, enfeada, acabando, às vezes, por morrer. Sucede-lhe o mesmo que a uma planta. Seja qual for o alimento absorvido pelas raízes, sem os raios solares e os demais elementos naturais degenera e cai irremediavelmente.

Cuidar das crianças é, portanto, dever indeclinável e cada vez

maior da actual geração, em especial dos homens sobre cujos ombros pesa a solução dos pequenos como dos grandes problemas sociais.

Abracemos, por tal motivo este assunto, a favor da criação, em Viana, de parques infantis, tornando-a extensiva quanto possível à instalação de jardins-escolas ou centros de educação pré-escolar.

«O Primeiro de Janeiro», 30-I-68

TEATRO

Orlando Neves escreveu na «República» de 21-2-68:

«Tal como se esperava vão as salas de teatro da capital iniciar novo ciclo de paragem mais ou menos generalizada. Começam a anunciar-se as semanas e os dias finais de alguns dos espectáculos sem que lhes sigam novas estreias. Quanto mudo, uma ou outra reposição procurará preencher o vazio. Isso não obstará a que, dentro de poucos dias, três salas estejam vazias de espectadores por ausência de peças em cartaz. Iniciam-se novas digressões».

«Insisto permanentemente no facto: a situação de crise do teatro em Portugal é devida a muitos factores a maioria dos quais são conhecidos. Mas outros há que estão nas mãos dos nossos empresários e na sua capacidade em adoptarem um tipo de exploração mais moderno aos seus espectáculos. Isto é, pondo de parte problemas de ordem cultural,

o aspecto da organização comercial do nosso teatro é tão lamentável como o outro.»

ALENTEJO

— DA MINH'ALMA

«Sociólogos, técnicos, engenheiros-agrónomos, estudiosos, braços-trabalho válidos e reformas que libertem a rotina, são notas dominantes do muito que se tem escrito sobre as necessidades do Alentejo. E além de tudo, a grande província precisa principalmente de programas de acção concreta que se ajustem às possibilidades da generalidade dos lavradores e dos rurais. No entanto, como já informámos, se se quiser fundar uma reconversão agrícola em aliteros firmes ter-se-á que assentar no princípio de que ela deve ser definida e conduzida em base regional, isto é num esquema de acção que melhor se adapte às suas características».

«De resto, na Lei de Meios para 1966 diziasse:

«A programação regional, visando a correcção das disparidades do desenvolvimento e a elevação do nível de vida das populações, terá verbas especiais destinadas à sua efectiva realização».

Foi uma esperança...

A ÚLTIMA:

No «Jornal de Notícias» de 24-2-68 lemos um artigo sobre o facto da autoria do sr. Pedro Homem de Mello que terminava assim:

(...) Melodias, versos, danças, quer dizer: musica, poética e co-



RECEPÇÃO • CRÍTICA A TRABALHOS RECEBIDOS

Por ARMINDO F. MIRANDA

JORGE OLIVEIRA MARTINS — Se me perguntarem pelos teus contos eu agradecerei, obrigado, e direi que vão bem, por causa da maturidade formal, por causa deste falar sem dizer bem o quê. Mas tem cuidado com a letra porque os tipógrafos já te odeiam. Faz um esforço sobre-humano ou passa as coisas à máquina. Quanto ao resto — eu também não sei o que é o resto, eu também nem sempre sei daquilo que falo — acontecerá por acaso e vamos chamar-lhe inspiração ou suor. Mas não acredites. Volta mais vezes.

APELES-MAR — Não pense que eu vejo o destino na bola de cristal. Nunca. Mas foi fácil conversar com os seus poemas. Acho que já os conhecia. Foi a porta de uma companhia de seguros, eles entravam, saíam, entravam, saíam, às 9, às 12, às 14, às 18. No café, diziam sempre coisas conhecidas, por ser mais seguro. Tiveram sempre medo de partir qualquer coisa, por causa do silêncio. Aquel entre nós, Apeles, já alguma vez se calou?

R. B. C. S. M. — Mandou-me ler tudo — e eu li tudo. Lá nisto sou bem mandado. Mas, olhe, não houve grande lucro de parte a parte. Os seus poemas estão turvos. Deixar assentar as ideias. Logo vê, se forem boas, não azedam.

JORGE AFONSO — para as galinhas brancas / que choram náuseas / mal-quentes não me convenceu. Acho que foi sugestivo demais. Eu nunca vi as galinhas com bons olhos. E Santana não terá mais nada

para contar? Se assim é, não brinco.

R. L. (Viseu) — Triste vida atribulada / Duma existência infeliz / Não sou nada, já não sou nada! / Oh, terrível badalada / Que eu não dei, que eu não quis. Tudo se volta contra si: a rima, o tema, as palavras escolhidas. A sua carta, porque não pretende ser literária por literária, já me disse mais alguma coisa. Não haverá nada à sua volta que mereça ser escrito? Os colegas, o liceu, a cidade, as pessoas, tudo o que quiser?

JORGE MÁXIMO HEITOR — Neste momento os seus poemas enfrentam um dilema: mogno ou pinho.

MANUEL RIBEIRO SANTOS — Imagina que chegas ao Far-West e queres fazer um poema com sete versos. Chamas sete pistoleiros, prontos a atacar e dizes: Vamos a ver quem mata primeiro. E eles preparam-se para disparar quando caem todos mortos. Cada um dos versos era uma arma de fogo, cheia de força, e o teu poema não se perdia em divagações. Regressavas assim ao tempo dos teus primeiros poemas de que eu gostei.

ANTÓNIO JOSÉ PAULA — Há, proporcionalmente, um milhão de leitores à espera do seu próximo conto. E, contudo, você não acredita e desconfia que o estamos a envaidecer!

MANUEL RODRIGUES — Li o seu poema com alvoroço. Parece uma ambulância, não é? Tem mais alguma coisa na manga? Continue a espantá-lo — terei todo o prazer nisso.

NATAL BRANCO — Escrever / É a tradução de ideias / Em morse, / Enrolados na fita / Do subconsciente. Se eu discordar você não fica muito zangado com o mundo, pois não?

ROGÉRIO E ISABEL VIDIGAL — As fotografias, está visto, não são nenhuma preciosidades. A reportagem (?), essa é que sim. Fugiu do eco mundano, do diário de bordo e do postal ilustrado. Prende o leitor ao Marão, mesmo quando ele nunca se aventurou para além de Odivelas ou Massamá.

E. A. M. P. (Vila Nova de Gaia) — Releia o seu conto. Vai achá-lo banal, débil, atávico e lacrimojante. Um argumento de foto-novela que nunca devia ter escrito.

M. L. S. — Se se quiser, poemas de desabafo, isto é, de catarse são eles todos. Agora, o que importa é distinguir entre necessidade de escrever e possibilidade de escrever.

JOSÉ EDUARDO MAGALHÃES — Gostaria de lhe dizer um palavrinho útil quanto às sátiras: sátira que vive do jogo de palavras é causa perdida. Não só porque é fácil, não só porque é débil. Há milhões de probabilidades de já ter sido escrita muito antes e muito semelhançamente.

No que diz respeito aos outros poemas, as considerações do Mário Castrim ainda me parecem muito oportunas: o contacto com a experiência dos outros poetas e o trabalho persistente ainda são as duas grandes maneiras de descobrir caminhos eficazes. Mande a prosa.

ANA MARIA A. E. (Lisboa) — De uns poemas para outros, a diferença não é grande. Os temas parecem-me deslocados da sua própria experiência ou então traduzidos da forma mais convencional que encontrou. Será que teme a expressividade?

ERNANY BRANCO — «Diário de um teenager» não tem valor literário e isso você já sabia. O leitor, ali, não mete prego nem estopa. São notas que apenas têm interesse para si porque pode dar-lhes significado e servir-se delas como pontos de referência para outras coisas que não diz.

Quanto às pequenas crónicas, não deve perder de vista que o que importa é captar o imediatamente sugestivo, o característico. As análises demoradas devem ficar de fora. Uma tal austeridade de processos exige, em compensação, uma atitude de tensão receptiva e de encantamento pelas coisas. Caso contrário, a prosa resulta desequilibrada ou árida.

Recomendo-lhe, também, e de mistura com tudo isto, muito cuidado na escolha das palavras. E trabalhe. A espontaneidade harmoniosa não é mais que a cinza de muito fogo.

ANTÓNIO DIONÍSIO — Fico muito à espera que mandes mais coisas. Este poema não será publicado, apesar de todos os seus méritos.

JOSÉ AGOSTINHO BAPTISTA (Madeira) — Acontecem alguns versos banais no seu poema. Nem sempre apoiou o braço do tom narrativo no ombro da tensão poética. Talvez por necessidade de naturalizar

as tintas? Neste caso, recite-se prosa. Daí o facto de eu não bulir com o seu conto. Deixe-me dizer-lhe — aqui entre nós muitos — que «De um Tempo Jovem» foi um dos melhores textos que o «Juvenil» me deu a ler.

Gostaria muito de revelar uma próxima produção sua.

PEDRO SABORINO — Veja bem isso, tome cuidado. Os seus poemas cristalizaram em truques formais e, cristalizado por cristalizado, antes a abóbora de confetaria. Deixe a mastigação melancólica de «che-wing-gum» e atire-se de novo à força em que nós apostamos.

ROSI (Alcácer do Sal) — Gostaria, sinceramente, que o seu conto tivesse resultado. Era cá uma fé. Mas, olhe, enganai-me. Percorrendo toda a espécie de clichés — mesmo os técnicos anticapa — ainda não foi desta. Ora! Pense que tudo isto é uma mera questão de pontaria. Talvez da próxima calhe mais perto.

MIRA (Lisboa) — Está inteiramente nas suas mãos fazer destes versos promessas ou maus agouros. Para já, tem boa vontade e desejo de fazer. Os seus quinze anos têm de ler muita poesia — poesia aos molhos, como os grelos, que ainda assim é o que há de mais natural. — Escreva.

ALJOSO; JOSÉ TOJAL; V. G.; GIL (Carcavelos); RUI PEROLA; JOAQUIM ALBERTO B. N. B.; ISABEL MARIA A. S. — As vossas produções não têm — ainda — qualidade que justifique a publicação no «Juvenil».

• CARTA • To a green god

Obrigada, Luís Manuel. Eu sei que o seu Poema-Viola não era para mim mas sabe? Eu também sou ANA e quando hoje cheguei ao meu quarto e vi que tudo estava vazio, que tinham levado até o «pick-up» e alguns livros, que a cama ainda estava desfeita e ninguém me tinha escrito, lembrei-me depois que era terça-feira. Terça-feira - «Juvenil». Bem. Juvenil-Juvenil. Poesia. Poesia. Muita Poesia. Muita Esperança.

Então voltei atrás, desci as escadas e fui a correr à tabacaria em frente perguntar à senhora Glória se havia ainda algum «Diário de Lisboa». Cheguei cá acima e comecei a ler tudo. E vi o Daniel cheio de interrogações acerca do saber-se-lá-quanto-tempo-estarei; e imaginei os olhos cinzentos-azul-claro-imenso-acariciantes (mas simples) da Roslyn; e concordei com o António (a mãe costumava também dizer que comer queijo faz perder a memória); voltei a página e vi a mulher de preto que de repente me pareceu um gorila. Foi só então, antes de chegar à carta da semana, que olhei para baixo e o descobri a si, mesmo juntinho ao «Come on, Jack». E pensei: ANA... ANA sou eu! Isto é, podia ser. E se fosse? E, não é... Não sou mas também não faz mal. Faz de conta que sou. E fiquei toda contente e comovida. Sabe? Gostei do seu poema. E mesmo da nos ritmos mais sentia um formigueiro a subir pelo nariz acima fazia espirrar mas por fim lá alcalmá.

Parara de chover por detrás da estação elevava-se uma colina havia um pastor com um rebanho de cabras reparei que não tocava flauta daquelas de cana com buracos virei-me para o Abel e disse-lhe «que aquilo estava mesmo a calhar para o Aquilino Ribeiro» pus-me a recordar quantos livros já tinha lido dele durante estes 8 dias) e ficou a rir-se a calcular a cara dela depois começou-lhe a imitar a voz tinha piada engasguei-me e lá foi o líquido pela boca e pelo nariz mas com isto ainda nos ritmos mais sentia um formigueiro a subir pelo nariz acima fazia espirrar mas por fim lá alcalmá.

Parara de chover por detrás da estação elevava-se uma colina havia um pastor com um rebanho de cabras reparei que não tocava flauta daquelas de cana com buracos virei-me para o Abel e disse-lhe «que aquilo estava mesmo a calhar para o Aquilino Ribeiro» pus-me a recordar quantos livros já tinha lido dele durante estes 8 dias) e ficou a rir-se a calcular a cara dela depois começou-lhe a imitar a voz tinha piada engasguei-me e lá foi o líquido pela boca e pelo nariz mas com isto ainda nos ritmos mais sentia um formigueiro a subir pelo nariz acima fazia espirrar mas por fim lá alcalmá.

fontes, quando anoitece / Era o corpo como um rio / em sereno desafio / com as margens, quando desce, etc., etc., etc.».

E venho dizer-lhe obrigada. Eu também faço poemas, sabe? (o Mário Castrim até disse há dias que «acontece por vezes poesia nos meus poemas mas»... MAS). Mas nunca ponho dedicatórias. Não é por nada, talvez nunca me tenha lembrado. (Vou no entanto começar a pensar nisso para a semana). Gostava de ficar com a impressão de que alguém — ao chegar a casa com um certo sorriso quebrado — (depois de um dia de miséria) tenha podido guardar por um momento a imagem de um sol a nascer por cima de nós, de umas mãos que se juntavam à espera do dia e de um sentar nas margens de um rio...

Apenas isto: Obrigada.

ANA

(P. S. — Já reparou? Acabei por pôr também dedicatória...).

a partida a partida

Fazia frio mesmo bastante frio como o comboio vinha atrasado (eis uma regra sem excepção) o Abel e eu resolvemos ir tomar qualquer coisa de bem quente antes de partirmos entramos no café onde param os homens dos taxis da praça que há ali ao lado sentámo-nos numa mesa pedimos qualquer coisa que aquecesse como não havia nada a fazer pusemo-nos a supor como iríamos ser recebidos pela família com abraços e beijinhos «correu tudo bem felizmente» termos que responder a perguntas já feitas no monte de cartas que nos tinham mandado e a que déramos resposta depois com os outros do

grupo cantando toda a viagem e estadia num som monocórdico de menino da primária a dizer versos prepara-se também um ou outro barrete enfim o habitual.

Entretanto já um criado nos tinha posto à frente duas chávenas com um líquido escuro a escalear o Abel queimou a língua ficou todo vermelho disse qualquer coisa (impossível reproduzir) como já tínhamos esgotado o assunto «chegada» ficámos a olhar para a rua através da montra tinha começado a chover via-se tudo tremido o Abel virou-se para mim e disse «a Guida não sabe que eu me vou pirar» (a Guida foi a miúda dele durante estes 8 dias) e ficou a rir-se a calcular a cara dela depois começou-lhe a imitar a voz tinha piada engasguei-me e lá foi o líquido pela boca e pelo nariz mas com isto ainda nos ritmos mais sentia um formigueiro a subir pelo nariz acima fazia espirrar mas por fim lá alcalmá.

a partida a partida

Parara de chover por detrás da estação elevava-se uma colina havia um pastor com um rebanho de cabras reparei que não tocava flauta daquelas de cana com buracos virei-me para o Abel e disse-lhe «que aquilo estava mesmo a calhar para o Aquilino Ribeiro» pus-me a recordar quantos livros já tinha lido dele durante estes 8 dias) e ficou a rir-se a calcular a cara dela depois começou-lhe a imitar a voz tinha piada engasguei-me e lá foi o líquido pela boca e pelo nariz mas com isto ainda nos ritmos mais sentia um formigueiro a subir pelo nariz acima fazia espirrar mas por fim lá alcalmá.

Parara de chover por detrás da estação elevava-se uma colina havia um pastor com um rebanho de cabras reparei que não tocava flauta daquelas de cana com buracos virei-me para o Abel e disse-lhe «que aquilo estava mesmo a calhar para o Aquilino Ribeiro» pus-me a recordar quantos livros já tinha lido dele durante estes 8 dias) e ficou a rir-se a calcular a cara dela depois começou-lhe a imitar a voz tinha piada engasguei-me e lá foi o líquido pela boca e pelo nariz mas com isto ainda nos ritmos mais sentia um formigueiro a subir pelo nariz acima fazia espirrar mas por fim lá alcalmá.

a partida a partida

nha lido dele enquanto que ele limpava a boca e olhava para as unhas «parecem um casal de velhos» continuei olhou-me com cara de parvo tive que lhe explicar que era a configuração dos montes é que fazia lembrar isso mas ele só me respondeu «para eu não pensar tanto senão ainda dava em estúpido».

Pagámos e saímos fomos para a estação sentámo-nos em cima das malas até que o comboio apareceu a passo de boi entramos e arrumámos tudo fomos para a janela o pastor já se tinha ido embora de repente o Abel com uma mão de fora da janela e outra no peito com a voz mais lírica e chorosa pôs-se a gritar

a partida a partida

«adeus terra minha com lágrimas te deixo assim como a uma pobre alma abandonada que chorará por mim» depois atirou-se para cima do banco a rir-se às gargalhadas com as mãos na barriga e a cabeça para trás olhei lá para fora e o casal de velhos já se tornara um simples ponto no horizonte cinzento.

Recomeçara a chover fechei a janela encostei-me e cerrei os olhos.

No fim estavam os familiares com beijinhos e abraços «correu tudo bem felizmente»...

MANUEL RIBEIRO SANTOS

PÁGINA 3

QUATRO PÁGINAS INDEPENDENTES PARA DESTACAR DESTA EDIÇÃO 26 — MARÇO — 1968



MARANUS E O OUTONO • AS PESSOAS

Festival de trotas

Ia eu no carro a ouvir Homem de Melo

*Al, Vila Real é vila
provincia de Trás-os-Montes
em dias que te não vejo
meus olhos são duas fontes*

Ia eu no carro a fazer o biquinho ao prego para uma viagem a Vila Real. Afinal havia contra-espionagem, e os nossos olhos ficaram-se na serra. Quase a S. Gonçalo, numa estrada enlameada, lá estava o inimigo: o furo aconteceu, e quando, lá em baixo, o homem do viveiro apontou. Estávamos no viveiro das trutas, em pleno festival de trotas.

Um dos homens resolve-se a ir encher o pneu, o da reserva. E a mira de uma gorgeta, é claro, mas enfim: para tanto, ele deverá subir 1850 metros com o pneu às costas, resvês com a corrente de água, espumacenta da velocidade da queda e que alimenta o viveiro. Ir a uma certa garagem e voltar, com umas botas cujo peso, só por si, não fica nada a dever a todo o meu vestuário.

Nós ficámos em pleno festival,

—olhe aqui são ovos
o nosso ah olha ovos de truta

—e aqui já os pode ver a sair da casca

um ah um oh

—olhe aqui neste tanque São pequeninas aqui. Vamos percorrendo, às vezes a mão saltando tentada de apanhar uma.

Mais tarde, passados vários estádios de evolução são lançadas no ribeiro, e aí pescadas, mediantes, é claro, pagamento.

—essa está cega
está cega para aí. Porque não lhe farão qualquer coisa? O homem lá desfia: fora outra doença e...

—o permanganato, os banhos de sais

Com efeito, na casa onde elas nascem, uma farmácia (caixa) sobressaía. Para a truta, cegueta, o destino será um voo para a água, antes das colegas de que ela se isolava.

S. Gonçalo S. bifeinho

S. Gonçalo identifica-se com pousada. Para mim, que S. bifeinho de S. Gonçalo já conhecia. O bife e o presunto.

Atrasados, fizemos o lanche

A gente não conseguiu apanhar o Outono. O Marão, as pessoas e umas coisas de Pascoais ainda se viram. Especialmente pessoas. E algo do que de belo (inanimado) há aqui.

detectado, e planeado para Vila Real, aqui em S. Gonçalo. O corpo, fresco da água ver escorrer nas rochas que la-deiam o caminho (lá em cima, onde há um pouco de sombra, há gelo, mesmo nos dias de sol); o vinho cá da região ali ao lado e os tais S. presunto e S. bife aqui em frente (desculpem este amor por dar ao dente), o vinho que era base, lá para o dealbar do século, dos encontros literatos (?).

O alvejar das rochas parecendo neve, às vezes o alvejar da neve trazendo curiosos desde o Porto, às vezes os do Porto, a não poderem passar por causa da neve... e a pousada deixa hoje dinheiro e o empregado sorridente

—quer porto melo seco ou

Os coelhos, as casas, as espigueiras

as casas são de dois andares um

para os homens tiro tiro tiro para os animais tiro tiro lá cá em baixo ou lá em cima vice-versa

ou não me lembro bem.

os coelhos cavam no saibro as coelheiras no saibro e depois criam

as crias são deles e criam

as luras que escavam no saibro

—as luras são galerias diz

um homem pequeno que aqui mora

as espigueiras eu vi-as pela primeira vez em trás-os-montes e isto é minho eu vejo-as agora de novo e não sabia o nome as espigueiras são casas sobre suportes pois afastadas do chão cujo dito nome vem do material que contém e que secam as espigas de milho e as quais podem ser de madeira e das quais junto desenho se for possível e á falta de foto

O dr. Joaquim

Domingo, acabados de encher a penca com o pequeno almoço, mirávamos quase á turista as lavadeiras lá em baixo mas os olhos a darem um pulo para ver de perto e os otólitos (coisas do ouvido) a pularem por ouvirem aquelas vozinhas de perto.

Assim descemos. Uma miúda para a fotografia, que não, com medo que a levássemos, até que o mano se põe a seu lado e lá fica, seguro pela mão do pai que largou o almoço e o que lá, para a podermos fotografar,

—olha que levas.

Foram as lavadeiras, depois. Palmira de Brito, 66 anos.

—Lavo no Tâmega desde pequena

Velo uma filha para ajudar. Era, porém, nos 66 que estavam os anos. E a chela maior de que se lembrava. Em 939.

Nunca foi ao museu nem ao

cinema nem dali para fora.

Se conheceu?

—o dr. Joaquim? Ora, até tem uma filha que é a cara dele. Mesmo a cara dele, magrinho. E falava, sim senhora, com as pessoas do povo E, era advogado, sim senhora.

Teixeira de Pascoais. Não resistimos á tentação de saber o que dele sabem as gentes daqui. Ninguém, quase ninguém conhece a obra.

—isso só para os de cultura alguém nos diz. E a nossa Palmira

—no dia em que ele morreu é que foram serrar o pinheiro para o enterro. Um pinheiro que ele tinha escolhido, o dr. Joaquim. Não foi em caixão. Foi um buraco no tronco, e lá está no Gafão, onde ao pé do futebol, sabe onde?

Outro, é António Carneiro, também cá do burgo. Os 66 davam o seguinte a este respeito.

—Era pastor. Era filho de gente humilde, guardava ovelhas, depois começou a fazer essas coisas.

As coisas que ele fazia, era pintar. Mais nada. Quem sabe dessas coisas é quem anda nos colégios

—o meu filho já leu coisas do dr. Joaquim.

ou seja o neto de Palmira.

A vida? Ora a treta da vida. O marido é reformado de barbeiro (?) Palmira com duas hérnias vai 1 (ab) utando

—amanhã é segunda-feira. Dia das criadas de servir aqui no Tâmega.

Para Vila Real, ó vila

Foram as portas do marão. Ziguezagueando por aí abaixo, a estrada, fica numa paisagem metamorfoseada. Outro marão. Um sintoma revelador de trás-os-montes, considero-o as espigueiras. Faladas acolá nesta coisinha.

Berma da estrada, louças colocadas para venda. Paramos; ninguém á vista. Quando arrancamos já uma mulher se debruça para a estrada, a ver. Mais á frente uma cabana, um oleiro. Dá ao pé, enquanto se chama Manuel da Rocha Martins. Dos seus 36 anos 11 estão escondidos: aparenta 25.

—foi meu pai
Fora o pai quem o ensinara — mas ele não pensa passar o testemunho aos filhos. Porque

—uns dias dá mais, no Verão, por causa do turismo. Mas, noutros, nada. Não rende nada...

Portanto: rende pouco, é esforçado e quando se coze a louça no forno é-se um corpo

negro — negro de Africa, é o que parecemos.

Trabalhando desde os 11 anos nesta tarefa, já tentou a de cantoneiro.

—chegava ao fim do mês sem nada

e voltou para a olaria. Disse isto com soluços. A meio, se éramos pessoas com quem pudéssemos falar. Como éramos, falou.

Até Vila Real, mais alguns. Porque esta miséria não é engravatada e a engravatada também se reconhece não fizemos mais perguntas.

As fontes estão secas.

Amarante

Pra quem não sabe, somos alentejanos. Justificação para quem nos viu de boca aberta ao entrarmos em Amarante. É isso: quem vem do lado da Lixa e é Alentejano e dá de caras com uma fábrica de aglomerados e sei lá mais quê de madeiras daquele tamanho todo, safa, fica oh se fica. A gente ficou. É a Tabopan. Não conseguimos saber, mas deve empregar muitos braços. Outro local de emprego é uma oficina pertencente a Rodrigo Matias Magalhães, com quem falámos. São estas, segundo dizia há pouco o correspondente em Amarante do jornal «República», as duas únicas indústrias da região.

Mas
—um moço que entre para a oficina ganha 25\$000 por dia. Vai sendo aumentado conforme as aptidões que mostra podendo chegar a cento e qualquer coisa diários.

Pensamos: no sul, não é vulgar este ordenado. A indústria é capaz de ser de qualquer modo melhor governo para as bocas...

Na zona também, lindos bordados, cuja exploração se faz sob a forma duma autêntica indústria. Também não conseguimos averiguar, contudo não deve ser largamente compensador para as bordadeiras, na medida em que, e segundo ainda tivemos oportunidade de ouvir,

—cansa muito cedo os olhos. Apesar disso, não se trabalha sob a forma individual como acontece no sul o que, proporciona, pelo menos, uma vantagem: maior facilidade de colocação dos produtos no mercado. No Porto, existe uma loja de bordados regionais, cuja fonte, são as bordadeiras de Amarante.

Nunca viram?
rogério vidigal
isabel jones vidigal

POEMA

não
não é a morte
que eu choro

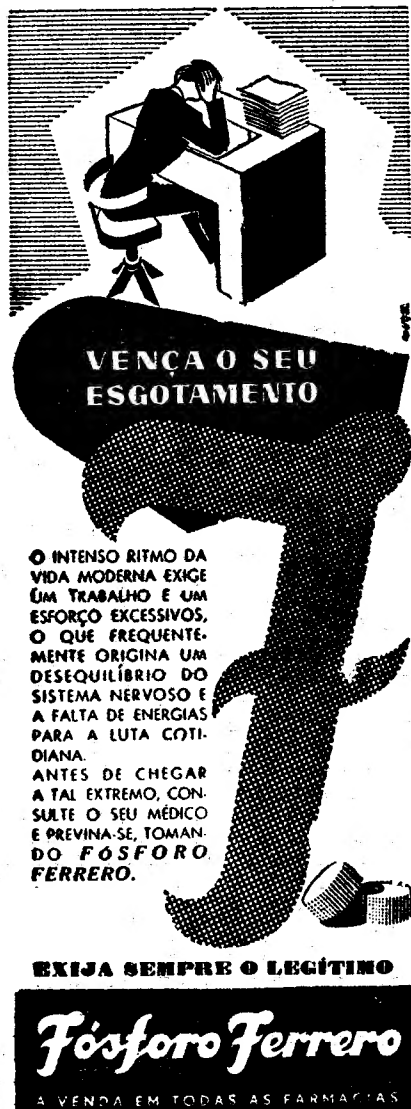
é esta dor
de sabermos
um fim

em cada passo

onde olhar
é saber-se

incerto
na medida

MANUEL DE QUEIROZ
RIBEIRO



VENÇA O SEU ESGOTAMENTO

O INTENSO RITMO DA VIDA MODERNA EXIGE UM TRABALHO E UM ESFORÇO EXCESSIVOS, O QUE FREQUENTEMENTE ORIGINA UM DESEQUILÍBRIO DO SISTEMA NERVOSO E A FALTA DE ENERGIA PARA A LUTA COTIDIANA. ANTES DE CHEGAR A TAL EXTREMO, CONSULTE O SEU MÉDICO E PREVINA-SE, TOMANDO FÓSFORO FERRERO.

EXIJA SEMPRE O LEGÍTIMO

Fósforo Ferrero

A VENDA EM TODAS AS FARMÁCIAS

